

DAYSE PAULO DA SILVA

**O INCONSCIENTE ENTENDIDO  
À LUZ DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI:  
Intersecções entre a Psicanálise de Melanie Klein e a Esquizoanálise**

ASSIS  
2006

DAYSE PAULO DA SILVA

**O INCONSCIENTE ENTENDIDO  
À LUZ DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI:  
Intersecções entre a Psicanálise de Melanie Klein e a Esquizoanálise**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera da Rocha Resende

ASSIS  
2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

S586i	Silva, Dayse Paulo da O inconsciente entendido à luz de Gilles Deleuze e Félix Guattari: intersecções entre a psicanálise de Melanie Klein e a esquizoanálise / Dayse Paulo da Silva. Assis, 2006 117 f. il.  Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.  1. Inconsciente. 2. Deleuze, Gilles, 1925-1995. 3. Guattari, Felix. 4. Klein, Melanie, 1882-1960. 5. Psicologia clínica. I. Título.	CDD 127 194 150
-------	--	-----------------------

DAYSE PAULO DA SILVA

**O INCONSCIENTE ENTENDIDO  
À LUZ DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI:  
Intersecções entre a Psicanálise de Melanie Klein e a Esquizoanálise**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

**Banca Examinadora**

*Presidente:* Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera da Rocha Resende  
Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis)

*Titular:* Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr.  
Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis)

*Titular:* Prof. Dr. José Leão Marinho Falcão Neto  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – MG)

Assis, 13 de dezembro de 2006.

Dedico esse trabalho à minha mãe,  
a pessoa que me ensinou a ser tudo o que eu sou hoje.  
Seus grandes ensinamentos eu levarei pelo resto de minha vida.

## Agradecimentos

---

Agradeço primeiramente a pessoa mais importante na minha jornada: a minha mãe (Dezilda), que, por meio de sua luta árdua e solitária, me apoiou, de forma direta e indireta na realização desse trabalho. Seu amor, carinho, dedicação, suas palavras de estímulo, durante toda minha vida fizeram com que eu chegasse até aqui. Sinto-me extremamente orgulhosa de ser sua filha.

Ao meu namorado Alexandre (meu Lê) que se tornou meu companheiro inseparável, fazendo com que meus dias fossem mais doces e trazendo amor, paz e alegria ao meu viver. Mesmo participando somente do final desse trabalho, suas contribuições, cuidados e carinho possibilitaram que o trabalho tivesse o formato atual.

Ao Leandro que, morando comigo durante todo o período que estive em Assis, além de um companheiro de morada tornou-se eterno amigo. Realizou questionamentos e correções que enriqueceram não somente a análise do texto, mas fizeram com que eu modificasse minha visão acadêmica. Mesmo longe, o que acontecerá daqui a algum tempo, sempre vou lembrar dele com carinho.

Ao professor Hélio Rebello Cardoso Jr., que acompanhou meu desenvolvimento acadêmico, auxiliando-me desde a iniciação científica e que posso considerar praticamente como co-autor desse trabalho, pois sua orientação se estendeu além da época de graduação. Foi meu mestre na difícil empreitada de compreender o pensamento de Deleuze/Guattari. Considero-o um grande amigo, alguém com quem pude contar nos momentos em que a caminhada não fora tão simples.

Ao professor Jorge Luis Ferreira Abrão, por ter me ensinado sobre a teoria kleiniana. Aprendi muito com esse amigo, que tem me ajudado tão solícitamente, realizando correções e orientações imprescindíveis à realização do texto.

À professora Olga Mattioli, que deu importantes contribuições tanto em sua disciplina “Seminários de pesquisa”, quanto no exame de qualificação, além de “dicas” que fizeram com que a parte relativa à psicanálise se tornasse mais precisa.

À Rute, mãe do Alexandre, que me cedeu muitas vezes sua casa para que eu estudasse lá e me recebeu tão bem, sempre de braços abertos.

À minha irmã Denise (“Maria”), que me mostra sempre que a vida é algo além de livros, teorias e divagações. Considero-a querida amiga com a qual posso contar.

Aos amigos sempre presentes aqui em Assis, da época da graduação e da pós-graduação também, e que me incentivaram a continuar. E outros amigos, que gosto imensamente e que estiveram comigo, mesmo que somente por e-mail, por boas conversas ou simplesmente na lembrança. Enumerá-los aqui seria uma injustiça, pois provavelmente esqueceria vários, os quais são muito importantes em minha vida. Sintam-se homenageados todos os que se consideram meus amigos.

À minha terapeuta Marli, que me fez perceber o quanto posso crescer enquanto pessoa e quanto a existência pode ser suave e bonita, desanuviando, por muitas vezes, as sombras que surgiram em minha vida.

À Mirian, funcionária da pós-graduação da Unesp, que pacientemente me ajudou com os trâmites burocráticos durante o mestrado.

À Vera da Rocha Resende que, na qualidade de orientadora, acreditou que seria possível o desenvolvimento dessa pesquisa.

À todos que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão desse trabalho.

E à Capes, que me auxiliou financeiramente no último ano de mestrado, sem a qual não seria possível finalizar essa pesquisa.

*Confessar-se, fingir, queixar-se, lamentar-se custa sempre muito. [...]  
O mundo dos fantasmas é o que não acabamos de conquistar.  
É um mundo do passado, não do futuro.  
Ir adiante agarrando-se ao passado  
é arrastar consigo as correntes do forçado [...]  
Não há um de nós que não seja culpado de um crime:  
aquele, enorme, de não viver plenamente a vida.*

Henri Miller

SILVA, D. P. **O inconsciente entendido à luz de Gilles Deleuze e Félix Guattari: intersecções entre a Psicanálise de Melanie Klein e a Esquizoanálise.** 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

## RESUMO

Gilles Deleuze e Félix Guattari, autores do século XX, criaram a Esquizoanálise e estudaram várias áreas de conhecimento, dentre as quais, a Psicologia. A fim de propor um conceito de inconsciente, discussão que ocupa boa parte de sua obra, os teóricos discutiram alguns tópicos da Psicanálise, procurando definir seu funcionamento maquínico. A importância de nosso trabalho reside na reconstituição do inconsciente psicanalítico, aproveitando esses aspectos e apontando perspectivas de análise. Na presente dissertação, focamos-nos nos seus escritos acerca da psicanálise de Melanie Klein, a qual possui como um de seus elementos-chave para a compreensão do inconsciente a noção de objeto parcial. Fez-se necessário, então, investigar essa concepção, pois ela é vital e revolucionária e nos ajuda a compreender o inconsciente, embora Deleuze/Guattari tenham se utilizado dos objetos parciais de forma diferente da autora, procurando ressaltar seus aspectos produtivos. Assim, essa dissertação, que possui um caráter teórico-explorativo, busca entender e sistematizar o pensamento de Deleuze/Guattari no que se refere à construção do inconsciente esquizoanalítico. Para alcançar nosso objetivo, realizamos uma leitura da psicanálise kleiniana a partir da perspectiva esquizoanalítica, procurando intersecções entre esses dois campos epistemológicos. Além disso, quando necessário, complementamos a visão de Deleuze/Guattari. Sendo assim, adotamos como primeiro eixo de análise a dinâmica dos objetos parciais nas posições esquizo-paranóide e depressiva, em relação a sua função integradora ou desintegradora do ego e, como segundo eixo, a participação dos objetos parciais na expressão do corpo. No decorrer de nossa investigação percebemos que, embora os autores critiquem alguns pontos da teoria kleiniana, é possível encontrar ressonâncias entre esses campos teóricos, as quais nos permitem, por exemplo, resgatar as posições esquizo-paranóide e depressiva enquanto plano de imanência e de ordenação e aproximar o processo formador de linguagem (gênese dinâmica) do brincar infantil.

**Palavras-chave:** Inconsciente; Psicanálise; Esquizoanálise; Psicologia.

SILVA, D. P. **The unconscious understood through the point of view of Gilles Deleuze and Félix Guattari:** intersections with Melanie Klein's Psychoanalysis and Schizoanalysis. 2006. 117 f. Dissertation (Master Degree in Psychology) – Faculty of Sciences and Letters, UNESP – São Paulo State University, Assis, 2006.

## ABSTRACT

Gilles Deleuze and Félix Guattari were twentieth century authors who not only studied several knowledge areas, such as Psychology, but also founded Schizoanalysis. In order to elaborate an unconscious concept, these theoreticians discussed some topics from Psychoanalysis. This discussion concerns a great part of their works and searching for a definition of machinic unconscious. The importance of this work lies in the reconstitution of a psychoanalytic unconscious, taking advantage of those productive aspects and showing new perspectives of analysis. In this dissertation, we focused on their writings about Melanie Klein's Psychoanalysis, which possesses as one of its fundamental element the notion of part-objects. Therefore, it was necessary to investigate this statement because it is revolutionary and help us to understand the unconscious. On the other hand, Deleuze/Guattari used these objects in a different way, trying to emphasize the part-object productive aspects. In that way, this study, which has a theoretical-exploratory characteristic, had as purposes to understand and to systematize Deleuze/Guattari's thoughts in reference to the construction of Schizoanalysis unconscious. To reach this goal, we examined Klein's theory through the Schizoanalytic perspective, searching for intersections between these two epistemological fields. Moreover, we complemented Deleuze/Guattari reflections whenever it was necessary. So, as our first point of analysis we adopted the part-object dynamic in paranoid-schizoid and depressive positions in their relation to the ego integrated and desintegrated functions. As our second point, we study how the part-objects participate in the body expression. Although the authors criticized Klein's theory, we could notice that there are some resonances between these two knowledge domains. These intersections allowed us to bring paranoid-schizoid and depressive positions back, understanding them respectively as immanence and organization planes and comparing the childish play to the process of language formation (dynamic genesis).

**Keywords:** Unconscious; Psychoanalysis; Schizoanalysis; Psychology.

## Sumário

---

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I – PSICANÁLISE DE MELANIE KLEIN .....</b>	<b>15</b>
<b>2. Incursões sobre a obra de Melanie Klein .....</b>	<b>16</b>
2.1. Compreensão de alguns conceitos fundamentais .....	17
2.1.1. Inconsciente .....	17
2.1.2. Fantasia .....	21
2.1.3. Objetos .....	24
2.1.4. Objetos parciais .....	25
2.1.5. Fases X Posições .....	27
2.2. Desenvolvimento infantil sob a ótica dos objetos parciais .....	28
2.2.1. Posição esquizo-paranóide .....	28
2.2.2. Posição depressiva .....	33
2.3. Zonas erógenas e o complexo de Édipo na dinâmica das posições .....	37
2.4. Conceitos fundamentais para o entendimento da aquisição da linguagem.....	40
2.4.1. Formação de símbolos .....	41
2.4.2. Sublimação (repressão e inibição) .....	43
2.5. O brincar infantil .....	44
2.6. O conceito de transferência .....	48
<b>PARTE II – MAPEANDO O PENSAMENTO DE DELEUZE/GUATTARI .....</b>	<b>50</b>
<b>3. Uma cartografia do inconsciente .....</b>	<b>51</b>
3.1. Para compreender o inconsciente esquizoanalítico .....	52
3.1.1. Ética, política e estética: paixões e forças .....	52
3.1.2. Máquinas desejanter e as três sínteses do inconsciente .....	58
3.1.3. Rizoma .....	61
3.1.4. Temporalidade do inconsciente – o <i>Aion</i> .....	63
3.2. Dinâmica dos objetos parciais .....	64
3.2.1. Os objetos parciais .....	64

3.2.2. Id, Ego e Superego: sob uma ótica esquizoanalítica .....	65
3.2.3. Posição esquizo-paranóide e posição depressiva .....	67
3.2.4. Zonas erógenas e o caráter parental dos objetos parciais .....	72
<b>4. Aquisição e expressão da linguagem .....</b>	<b>78</b>
4.1. A expressão do corpo – Gênese Estática e Dinâmica .....	79
4.2. Id, Ego e Superego na expressão do inconsciente .....	85
4.3. Brincar infantil .....	86
4.4. A expressão do inconsciente: o brincar de Richard .....	89
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>99</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>113</b>

1.

*Considerações  
iniciais*

## 1. Considerações iniciais

---

*A crítica, nesse momento, pode ser pensada como a condição de possibilidade para a emergência do novo, ou seja, a condição de criação e reinvenção permanente de nossas orientações em todos os campos. Trata-se, então, de um operador que promove aberturas nos sistemas, visando com isso destituir-lhes qualquer pretensão à hegemonia e/ou dominação.*

Paulo César Lopes

O trabalho por nós aqui apresentado é fruto do interesse por dois campos epistemológicos no universo da Psicologia, que se revelam aparentemente distintos: a Esquizoanálise e a Psicanálise de Melanie Klein.

Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), pensadores do século XX, criaram a Esquizoanálise. Esses autores estudaram e reescreveram conceitos de várias áreas, dentre as quais a Psicologia, especificamente no que diz respeito à Psicanálise. Nessa perspectiva, ao traçar um entendimento acerca do inconsciente, os dois se apropriaram do conceito de objeto parcial proveniente da psicanálise kleiniana.

Melanie Klein (1882-1960), por sua vez, psicanalista da escola inglesa, ampliou a concepção freudiana de inconsciente a partir da introdução do conceito de objeto parcial. Além disso, elaborou uma técnica específica de análise de crianças, contrariando o pensamento vigente na época. Seu conjunto de procedimentos não estava dissociado da teoria, afinal seus escritos são o resultado de suas observações durante os atendimentos, que permitiram a compreensão do desenvolvimento humano a partir das ansiedades e fantasias inconscientes infantis.

No aprofundamento de nosso estudo, constatamos que Deleuze/Guattari não são meros iconoclastas em relação a Melanie Klein, pois levaram em consideração a relevância da obra dessa autora na ampliação do conceito de inconsciente. Por esse motivo, adotaram muitas de suas idéias, mas não deixaram de apontar e explorar as oscilações e brechas da teoria psicanalítica, em busca de novas paisagens. Nesse sentido, propusemos a investigar a intersecção de Deleuze/Guattari e Melanie Klein, sem nos esquecermos da importância dessa autora para a compreensão do psiquismo humano.

A importância desse trabalho, que possui um caráter teórico-exploratório, reside na reconstituição do inconsciente psicanalítico do ponto de vista da esquizoanálise.

Assim, aproveitamos os objetos parciais e sua dinâmica nas posições esquizo-paranóide e depressiva como os principais aspectos produtivos da teoria kleiniana. Além disso, apontamos, enquanto uma nova perspectiva de análise, a aproximação da esquizoanálise e da psicanálise para o entendimento do inconsciente.

Dessa forma, nessa dissertação buscamos compreender o pensamento de Deleuze/Guattari no que se refere à construção do inconsciente, procurando entender, em primeiro lugar, de que forma a dinâmica dos objetos parciais nas posições esquizo-paranóide e depressiva constituem o processo inconsciente e, em segundo, como esses objetos dão expressão ao corpo, através da linguagem, especificamente, no brincar infantil.

Fundamentalmente, apoiamo-nos nas reflexões de Deleuze/Guattari acerca do inconsciente. Como essa empreitada tomou boa parte da obra deles, encontrando-se distribuída por diversos escritos, nossa sistematização de seus apontamentos mostra-se essencial. Entretanto, não nos limitamos a somente organizar e descrever o pensamento desses autores, pois, em alguns momentos, foi necessário complementar algumas de suas proposições. Recorremos, ainda, a outros teóricos que nos permitiram pensar alguns conceitos dentro da Esquizoanálise: Falcão Neto (2002), Lopes (1996), Naffah Neto (1992), Rolnik (1989) e Silva (2000). A fim de entendermos como os aspectos produtivos da psicanálise kleiniana aparecem na construção do inconsciente, não poderíamos nos furtar de descrever de forma clara essa teoria, mostrando alguns de seus conceitos principais, além de algumas premissas freudianas que serviram de base para a fundamentação de Klein. Alguns estudiosos nos auxiliaram em nossa tarefa, tais como: Heimann (1952/1982), Hinshelhood (1992), Isaacs (1952/1982), Joseph (1988/1989; 1985/1990), Malcolm (1980/1989; 1986/1990), Petot (1992; 2001), Segal (1982; 1995).

Em vista do caráter exploratório de nossa pesquisa, adotamos o “método-caminho”. De acordo com Morin (2005), a pesquisa enquanto caminho a ser percorrido se define na estratégia de atuação, não sendo possível traçar um percurso antes que se comece a produção do conhecimento propriamente dita. Assim,

[...] o método não precede a experiência, o método emerge durante a experiência e se apresenta ao final, talvez para uma nova viagem. A experiência [...] precede qualquer método. Poder-se-ia afirmar que a experiência constitui um a priori e o método, um *a posteriori*. (MORIN, 2005, p. 20)

Essa perspectiva se coaduna com o conceito de rizoma de Deleuze/Guattari (1995). O rizoma é um tipo de raiz que se ramifica por todos os lados, em um princípio que

desconhece linearidade. Em termos metodológicos, isso significa que nunca se sabe o que se encontrará no processo do conhecimento, na medida em que o objeto de pesquisa não pode ser pressuposto, nem o modo como conhecê-lo. Dessa forma, em nossa pesquisa, as leituras possibilitaram aberturas, fechamentos, saltos, conexões, levando-nos à construção de um mapa apreendido somente por meios dos efeitos que produziu. Esse processo Deleuze/Guattari (1995) denominaram de Cartografia e julgamos ser o método mais adequado para explicar o percurso que traçamos. Nesses termos, nossa investigação se construiu no caminho trilhado, embora tivéssemos um objetivo que almejávamos alcançar.

Entretanto, precisávamos ter algum critério, caso contrário, isso seria uma imprudência. Pensamos, então, nas bases epistemológicas que sustentavam nosso trabalho, de modo que a Esquizoanálise e a Psicanálise pudessem encontrar ressonâncias, mas não se confundissem. Mantivemos, em nossa leitura da obra de Klein, a mesma nomenclatura da qual ela se utilizou. Porém, apesar da terminologia, o que poderia mesclar os pressupostos kleinianos com as concepções esquizoanalíticas, esses conceitos partem de questões ou problemas diferenciados, impedindo-os de serem semelhantes. Deleuze/Guattari (1992, p. 27-28), destacam esse fato ao afirmar que “todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução.”

A fim de demonstrarmos os resultados de nossa investigação, estruturamos nosso trabalho da seguinte maneira: na primeira parte da dissertação, que corresponde ao segundo capítulo, apresentamos a obra de Melanie Klein a partir dos conceitos fundamentais de sua teoria do desenvolvimento infantil: a questão dos objetos parciais no inconsciente, as posições esquizo-paranóide e depressiva e de que forma esses objetos se tornam expressão do inconsciente por meio da linguagem. A descrição desses conceitos da obra kleiniana é essencial para que possamos analisar as reflexões de Deleuze/Guattari acerca do tema. Na segunda parte, composta pelos terceiro e quarto capítulos, compreendemos o inconsciente pelo viés da Esquizoanálise. Para tanto, no terceiro, delineamos o conceito de um inconsciente maquínico e de que maneira os objetos parciais participam da constituição deste. No quarto, entendemos, a partir da gênese da linguagem, como os objetos parciais oferecem expressão ao corpo, utilizando-nos do caso Richard, analisado por Klein, como ilustração do brincar infantil.

*Parte I*  
*Psicanálise de*  
*Melanie Klein*

2.

*Incursões sobre  
a obra de  
Melanie Klein*

## 2. Incursões sobre a obra de Melanie Klein

---

*O inconsciente é estruturado de modo semelhante a uma pequena sociedade. Isto equivale a dizer que se trata de uma malha de relacionamentos entre objetos. [...] O inconsciente – e, em verdade, a mente – é construído por sensações interpretadas como relacionamentos com objetos.*

Robert Hinshelhood

### 2.1. Compreensão de alguns conceitos fundamentais

Embora nosso trajeto tenha sido um pouco diferente, ou seja, estudamos a crítica de Deleuze/Guattari sobre a psicanálise de Melanie Klein, ao mesmo tempo em que pesquisávamos a obra da própria autora, resolvemos primeiramente, apresentar os principais pressupostos da teoria kleiniana, encaminhando essa descrição para as discussões que tomarão lugar na segunda parte dessa dissertação. Dessa maneira, discorreremos, nesse capítulo, sobre alguns conceitos psicanalíticos fundamentais, tais como inconsciente, fantasia, objetos, objetos parciais e fases e posições.

#### 2.1.1. Inconsciente

Descreveremos o inconsciente propriamente dito a partir de Freud, uma vez que Melanie Klein não realiza uma sistematização dessa proposição em sua obra, até porque, a autora adota o conceito freudiano. Apresentaremos, de maneira geral, o que é esse sistema e discorreremos sobre as duas tópicas de Freud, a fim de proporcionar um entendimento acerca do uso que Klein faz delas em sua teoria. A primeira tópica, refere-se ao “consciente” (Cs), “pré-consciente” (Pcs) e “inconsciente” (Ics) e a segunda tópica corresponde ao “id”, “superego” e “ego”.

Entendemos o “inconsciente”, então, como uma grande parte do aparelho mental que compreende os conteúdos aos quais o indivíduo não tem acesso ou ainda “o conjunto dos fenômenos psíquicos provisória ou definitivamente inacessíveis à consciência [...], reservado a representações (isto é, idéias, imagens ou vestígios da memória) que estão

permanentemente fora do alcance da consciência.” (HAAR, 1987, p. 15) Esses conteúdos abrangem aqueles latentes, ou aqueles relativos aos instintos e pulsões sexuais, ligados à libido<sup>1</sup>. Esse conjunto não está organizado no inconsciente espaço-temporalmente, por isso Freud (1915b/1980) diz que esse é atemporal. Sua organização somente é possível quando seus elementos emergem à consciência.

Nesse contexto, o princípio do prazer é fundamental. O princípio do prazer não cumpre a função de preservar o organismo, pois, ao buscar o prazer ilimitado, não pondera as conseqüências, o que pode levar o corpo à sua destruição. Esse está ligado à pulsão de vida e morte. A primeira abrange os impulsos que visam a satisfação das necessidades e dos desejos sexuais; a segunda, a agressividade e a inércia do corpo.

Averiguamos que as pulsões de vida e de morte visam estabelecer um estado de equilíbrio corporal, na medida em que “seriam conservadores no sentido mais estrito da palavra, visto que ambos estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida.” (FREUD, 1923b/1980, p. 53) O surgimento da vida a que Freud se refere é a experiência do parto, a primeira situação de desconforto do bebê. As condições intra-uterinas, em que há conforto e segurança, cessam abruptamente. A partir desse momento, o indivíduo busca por toda sua vida restabelecer esse primeiro estado, embora essa completude não possa ser mais atingida. O humano, para viver no mundo, necessita da falta, porque esta o impulsiona à ação, já que a satisfação total levaria o corpo à inércia.

Sob a influência dos instintos de preservação, o princípio de prazer é substituído pelo “princípio de realidade”. Esse não abdica a intenção de obter satisfação, mas exige e efetua o seu adiamento, na impossibilidade momentânea ou permanente (cultural, por exemplo) de realização de desejos. Há, então, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la e é gerada uma tolerância temporária ao desprazer, como uma etapa do longo e indireto caminho para se obter o prazer. Compreendemos que, no princípio de realidade, o indivíduo passa de um estado instintivo para um social.

Inferimos que o princípio de realidade é o que chamamos de consciência. Esse incluiria os conteúdos e sensações mentais a que podemos ter acesso por meio do pensamento, aquilo que define o homem enquanto ser pensante. Fundamentalmente, de acordo com Freud (1923b/1980, p. 32) a consciência é “[...] um sistema que, espacialmente, é o primeiro a ser atingido a partir do mundo externo [...] Todas as

---

<sup>1</sup> “LIBIDO é um termo empregado na teoria dos instintos para descrever a manifestação dinâmica da sexualidade.” Freud (1923c/1980, p. 308)

percepções são percebidas de fora (percepções sensoriais) e de dentro - o que chamamos de sensações e sentimentos - são Cs. [conscientes] desde o início.”

Há, ainda, o pré-consciente, uma instância intermediária entre o consciente e o inconsciente. Este sistema fica acessível à consciência, podendo emergir ou não, dependendo do tipo de conteúdo e vinculação emocional a ele relacionada. É necessário lembrar que nós não temos os aspectos concernentes à nossa vida disponíveis o tempo todo. Então, é função do pré-consciente retornar à consciência determinados conteúdos mentais, que estão armazenados, mas que, temporariamente, permanecem inacessíveis. Além disso, o início do contato com o mundo externo acontece através de testes de realidade, desempenhados pelo sistema pré-consciente. Este, ao contrário do inconsciente, vincula a idéia à representação verbal. Por isso, seus elementos adquirem um caráter exprimível na consciência, cabendo ao pré-consciente “efetuar a comunicação possível entre os diferentes conteúdos ideacionais de modo que possam influenciar uns aos outros, a fim de dar-lhes uma ordem no tempo e estabelecer uma censura ou várias censuras.” (FREUD, 1915b/1980, p. 216)

Os sistemas consciente e pré-consciente são derivações do inconsciente. O bebê, ao nascer, somente dispõe do inconsciente, sendo os demais constituídos no contato com o mundo que o circunda. A representação verbal dos objetos é efetuada a partir da sublimação e da simbolização, mecanismos que veremos posteriormente.

Apresentaremos, nesse momento, a segunda tópica do inconsciente de Freud, que divide o aparelho psíquico em três instâncias: “id”, “ego” e “superego”. Ressaltamos que esta nova configuração no psiquismo não se contrapõe a anterior, somente aprofunda seu conhecimento. Segundo Laplanche e Pontalis (1998, p. 236)

No quadro da segunda tópica freudiana, o termo inconsciente é usado sobretudo na forma adjetiva; efetivamente, inconsciente deixa de ser o que é próprio de uma instância especial. Mas convém notar:

- a. As características atribuídas ao sistema inconsciente na primeira tópica são de um modo geral atribuídas ao id na segunda;
- b. A diferença entre o pré-consciente e o inconsciente, embora já não esteja baseada numa distinção intersistêmica, persiste como distinção intra-sistêmica (o ego e o superego são em partes conscientes e em partes inconscientes).

Começamos, então, expondo o id. Este pode ser equiparado ao sistema inconsciente da primeira tópica. Ele é constituído por instintos, pulsões de vida e de morte, conteúdos reprimidos. Em outras palavras, é a parte mais primitiva do psiquismo humano. Regulado pelo princípio do prazer, o id busca a satisfação por meio de descarga libidinal.

Em decorrência do contato com o meio externo, o ego aparece como uma derivação do id, sendo a superfície do aparelho psíquico (consciência). É, primeiramente, a instância responsável pela percepção dos objetos e dos acontecimentos. Uma de suas funções é a de autopreservação, tendo em vista que precisa satisfazer os impulsos do id e as reivindicações do superego. O ego, regido pelo princípio de realidade, fornece uma temporalidade ao sistema consciente, na medida em que marca a passagem do tempo.

O superego, por fim, é a diferenciação do ego, também chamada de “ideal de ego”. Tem como base princípios morais e sociais que podem causar ansiedade e culpa, decorrência das suas exigências que, muitas vezes, são diversas das do id. Segundo Freud (1923d/1980), essa instância se instaura no aparelho mental após a dissolução do complexo de Édipo, quando a criança retira o investimento libidinal que depositara em relação a um dos pais, geralmente aquele do sexo oposto, com medo de uma possível retaliação por parte do genitor do mesmo sexo. Isso faz com que seja canalizada a energia sexual para atividades aceitas socialmente. No Édipo clássico, o pai funciona como terceiro elemento na relação mãe-filho, proibindo a simbiose existente entre os dois e, conseqüentemente, inserindo o filho na cultura. Tem-se aí a formação do superego, que surge justamente da interdição ao incesto. Assim,

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (*conscience*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. (FREUD, 1923b/1980, p. 49)

Mas, em que aspectos as formulações de Freud acerca do inconsciente se confluem com a teoria de Klein? Quais são as inovações que ela propõe? O estudo da fantasia inconsciente, dos objetos parciais e das posições nos oferecem uma compreensão acerca da psicanálise kleiniana.

### 2.1.2 Fantasia

Exploraremos os sentidos que Melanie Klein deu ao termo fantasia, justamente porque esse foi um dos pressupostos inovadores do inconsciente na psicanálise. Apesar disso, Klein não sistematizou no decorrer de sua obra esse conceito, sendo que outros autores como, por exemplo, Suzan Isaacs o fizeram.

Contudo, Freud (1911/1980) já oferece prerrogativas da idéia kleiniana de fantasia, possibilitando entendermos, de maneira mais aprofundada, o intercâmbio entre mundo externo e subjetividade. Ele afirma que os instintos são representantes mentais das sensações recebidas do mundo externo. Nesse sentido,

[...] um 'instinto' nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915c/1980, p. 142)

Freud (1908/1980) assevera também que as teorias sexuais conjeturadas durante a infância fazem parte da fantasia da criança, que tenta explicar sua origem e a relação estabelecida entre os pais. De certa forma, como observaremos, Klein continua a concordar com esse pressuposto, porém o faz de acordo com sua concepção sobre a dinâmica das posições.

Ainda de acordo com Freud (1911/1980), a fantasia propriamente dita pode ser entendida como uma função predominantemente consciente quando, em situações de frustração, o ego tenta compensar a realidade não satisfatória em prol do princípio do prazer. Dessa forma, o ego pode eventualmente criar uma realidade psíquica fantástica. Segundo Freud (1911/1980, p. 281-282)

Uma tendência geral de nosso aparelho mental, que pode ser remontada ao princípio econômico de poupar consumo [de energia], parece encontrar expressão na tenacidade com que nos apegamos às fontes de prazer à nossa disposição e na dificuldade com que a elas renunciamos. Com a introdução do princípio de realidade, uma das espécies de atividade de pensamento foi separada; ela foi liberada no teste de realidade e permaneceu subordinada somente ao princípio de prazer. Esta atividade é o fantasiar, que começa já nas brincadeiras infantis, e, posteriormente, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais.

Klein, em contrapartida, entende que a fantasia está presente de maneira intensa desde o começo da vida da criança, a partir do primeiro contato com os pais. Sendo assim, esse contato, embora possua um caráter eminentemente físico, já contém traços de subjetivação. Assim como Freud, Klein acredita que há uma ligação intrínseca entre corpo e mente (sensações e representantes mentais). Em consonância com Klein, Isaacs (1952/1982, p. 105) afirma:

Embora sejam fenômenos psíquicos, as fantasias são, primariamente, a respeito de finalidade, dores e prazeres corporais, dirigidas a objetos de uma dada espécie. Quando contrastada com as realidades externas e corporais, a fantasia, como outras atividades mentais é uma invenção, uma vez que pode ser tocada, agarrada ou vista; contudo, é real na experiência do sujeito.

Convém ressaltarmos que a criança tenta entender o mundo externo a partir dos recursos mentais de que dispõe, criando uma realidade psíquica do que vivencia. O ego infantil, nesse primeiro momento ainda muito rudimentar, sente que aquilo que fantasia realmente se concretiza, ou seja, “o desejo e impulso, seja amor e ódio, libidinal ou destrutivo, tende a ser sentido como se realmente se realizasse, quer com objeto externo ou com um interno.” (ISAACS, 1952/1982, p. 98)

Sendo assim, compreendemos fantasia, em seus primórdios, como a representação das experiências corporais. Nesse sentido, ela tem uma qualidade corporal, estabelecendo uma ponte entre o psicológico e o somático e oferecendo ao indivíduo um significado particular e real para aquilo que provém do exterior. Segundo Isaacs (1952/1982, p. 106 – grifos do autor):

O bebê faminto, ou ansioso, ou aflito, sente sensações reais na boca, nos membros ou nas vísceras, o que *significa para ele* que certas coisas lhe estão sendo feitas, ou é ele quem está fazendo isso ou aquilo – por exemplo, tocar ou chupar, ou morder o seio que, na realidade, está fora do seu alcance. Ou então sente como se estivesse forçosa e dolorosamente sendo privado do seio, ou como se *este* estivesse mordendo *a ele*; e isso, no começo, provavelmente sem qualquer imagem visual ou outras imagens plásticas. (ISAACS, 1952/1982, p. 106 – grifos do autor)

Desse modo, quando o bebê nasce, as sensações de conforto e desconforto dos primeiros meses são transformadas em um certo tipo de entendimento psíquico. As fantasias passam a existir a partir das sensações gratificantes ou frustradoras que constituem a imagem do mundo. Assim, o bebê consegue perceber o objeto modificado por suas fantasias de satisfação alucinatória ou de perseguição.

A fantasia também estimula o aparecimento da ansiedade, pois, a partir dela, o indivíduo modifica a imagem do objeto percebendo-o como ameaçador, tendo um papel fundamental nos primeiros contatos com o exterior, uma vez que ambas (fantasias e ansiedades) modificam substancialmente a percepção desse objeto. Assim, a ansiedade propulsiona o desenvolvimento, pois o indivíduo age ou mesmo reage em busca de um equilíbrio ou fuga de uma sensação de desprazer, de acordo com suas fantasias. Lembremos que Isaacs (1952/1982) afirma que, tanto um fantasiar mais primitivo quanto um mais elaborado, são formas de adaptação à realidade ou, ainda, a representação de desejos e defesas. Essa forma primitiva de contato com o mundo, evidencia que o inconsciente não é algo fechado nele mesmo, mas estabelece relações.

As primeiras experiências corporais começam acumulando as primeiras recordações, e as realidades externas são progressivamente incluídas na conjectura da fantasia. Não tardará que as fantasias da criança sejam capazes de apoiar-se tanto em imagens plásticas como em sensações [...] E essas imagens plásticas e representações dramáticas da fantasia são progressivamente elaboradas, a par das percepções articuladas do mundo externo. (ISAACS, 1952/1982, p. 107)

Gradativamente, esse fantasiar é mais próximo daquilo que entendemos como imaginação, contendo elementos do real. Segundo Segal (1983, p. 69), “A experiência da realidade, em interação com a fantasia inconsciente, gradualmente altera o caráter das fantasias, e os traços mnésicos [de memória] das experiências de realidade são incorporadas à vida de fantasia.” A fantasia é substituída, em um momento posterior do desenvolvimento, pelo pensamento. Entretanto, esse é um processo um tanto complexo, pois o fato do bebê começar a simbolizar não o impede de que continue, em certa medida, a fantasiar o objeto. Sendo assim, notamos que durante toda sua vida, o indivíduo percebe a realidade ainda com uma gama de fantasias inconscientes.

Pensamos que o brincar é esse segundo modo de fantasiar, inundado de criações fantásticas, em que aparecem personagens e enredos. De acordo com Isaacs (1952/1982, p. 112) “[...] o bebê gasta um espaço de tempo em brinquedos experimentais que, ao mesmo tempo, constituem uma tentativa de adaptação à realidade e um meio ativo de expressar a fantasia.”

Entretanto, segundo Segal (1983, p. 69) “a onipotência da fantasia [...] nunca é completa. Desde o início há uma inter-relação entre fantasia e realidade.” O contato com o objeto real e, além disso, os inúmeros testes de realidade que são realizados nessa primeira fase da vida, proporcionam ao bebê uma percepção mais próxima dos objetos reais.

Portanto, segundo a teoria kleiniana, esse contato com o exterior, que forma as fantasias inconscientes, é dado pelos objetos. A relação objetal acontece desde o nascimento, no contato do bebê com a mãe. Nesse sentido, é necessário estudarmos o conceito de objeto para Freud e Klein, a fim de verificarmos as diferenças que se encontram aí presentes.

### 2.1.3. Objetos

Objeto, na psicanálise, é tudo aquilo em que o sujeito direciona sua libido, em busca da satisfação do desejo, de prazer ou alívio de ansiedade, podendo esse ser uma pessoa, ou mesmo uma coisa. Nesse sentido, compreendemos objeto como alvo, algo que impulsiona o indivíduo a ter contato com o mundo externo, como um objetivo a ser alcançado. As sensações que esse objeto desperta são de amor e ódio, o que Freud denominou de ambivalência. A esse respeito, Freud (1915c/1980, p. 158 – grifo do autor) afirma que

Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto. Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (*urges*) motora que procura trazer o objeto para mais perto do ego e incorporá-lo ao ego. Falamos da ‘atração’ exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que ‘amamos’ esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia (*urges*) que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o ego, e a repetir em relação ao objeto a tentativa original de fuga do mundo externo com sua emissão de estímulos.

A relação de objeto, de acordo com Freud (1915c/1980), somente é estabelecida após a dissolução do Complexo de Édipo, quando um terceiro elemento se interpõe na relação entre o filho e a mãe e a criança pode se abrir ao contato com o mundo, até então povoado por uma relação narcísica.

Melanie Klein percebeu, na observação de bebês que realizou durante sua trajetória teórica, que a criança estabelece relações de objeto desde o nascimento, em especial com os pais. O contato com o seio da mãe satisfaz suas necessidades e seus desejos libidinais. Nesse sentido, a criança, quando entra em contato com esse outro, entende-o de acordo com suas próprias expectativas e fantasias, que podem ou não corresponder ao objeto real.

Diferentemente de Freud, Melanie Klein introduz, em suas proposições, a noção de relações de objeto em uma fase inicial da vida, mesmo possuindo um caráter narcísico, tomando a si mesmo ou seu próprio ego como parâmetro para todas as experiências. O narcisismo, apesar de auto-referencial, tem como finalidade proteger o organismo de seus próprios ataques sádicos, impedindo a destruição do ego e a contenção de sua ansiedade.

De acordo com Klein (1952b/1991, p. 74): “o uso que Freud faz do termo ‘objeto’ é aqui um tanto diferente do uso que eu faço, pois ele está se referindo ao objeto de um alvo pulsional, ao passo que eu tenho em mente, além disso, uma relação de objeto que envolve as emoções, fantasias, ansiedades e defesas do bebê.”

Nesse sentido, encontramos aí a diferenciação entre a teoria kleiniana e a freudiana. O primeiro objeto de desejo do bebê é parcial, na medida em concerne a seus aspectos isolados. Assim, logo após o nascimento, devido a premente necessidade de alimentação, a primeira relação objetal do bebê é em relação ao seio da mãe.

Veamos, então, o conceito de objetos parciais e suas implicações para as posições de Melanie Klein. Até esse momento de nossa explanação, apresentamos conceitos e definições preliminares ao entendimento da teoria kleiniana. Sendo assim, nossa exposição, desse ponto em diante, visa delinear a psicanálise de Klein propriamente dita, o que nos servirá de base para a discussão que se tece no terceiro e quarto capítulos.

#### 2.1.4. Objetos parciais

Klein designou os objetos parciais como as primeiras experiências emocionais do bebê, gratificantes ou frustradoras – “boas” ou “más” respectivamente. Notamos aqui que “bom” e “mau” não possuem qualquer conotação no sentido moral, mas “prazer-desprazer” que o bebê sente a partir de suas experimentações e conhecimentos inatos e adquiridos. São considerados parciais, pois se referem a impressões fragmentadas de amor ou de ódio que são sentidas de uma maneira plena pelo bebê. Assim,

O objeto parcial é, em primeiro lugar, um objeto emocional, possuindo uma função, antes que uma existência material [...] Como o bebê não pode perceber a verdadeira natureza e a causa de suas próprias sensações, elas são interpretadas de acordo com as experiências (e conhecimentos) inatas. Em particular o objeto possui um estado de sentimentos - bom ou mau e tem intenções e motivos para o

bebê. O objeto, de início, é sensório, emocional e intencional, antes que físico. [...] Apesar de possuir qualidades efêmeras ele é completamente real para o bebê. Tais objetos são chamados de “objetos parciais”, embora, do ponto de vista do bebê, a parte seja tudo o que existe no objeto. (HINSHELHOOD, 1992, p. 391)

Como dissemos acima, o investimento primordial é em relação ao seio da mãe. Dessa forma, esse seio não supre somente as necessidades corporais da criança, mas também funciona como fator de subjetivação. É com ele que a criança estabelece um primeiro contato com o meio externo, é gratificada e frustrada e, conseqüentemente, sente amor e ódio. No psiquismo infantil, esse seio fica cindido em seio bom e seio mau, um que fornece ao bebê a prazerosa sensação de ser alimentado e outro que não está sempre ao seu dispor quando o bebê está faminto.

É importante ressaltarmos que, nesse período, o bebê não está apto cognitivamente a compreender a mãe como um objeto íntegro e exterior a si próprio. Ele também se percebe de maneira fragmentada e ligado simbioticamente com essa mãe. Na medida em que a criança sente sua mãe como extensão de seu corpo, os sentimentos de amor e ódio experimentados em relação ao seio materno se estendem para si próprio.

A fim de que o indivíduo entre em contato com o mundo, a cisão, a projeção e a introjeção são modos que o ego, em princípio muito rudimentar e fragmentado, encontra de dispor dos objetos parciais, sendo “modos particulares de operação da vida mental, [...] um meio para enfrentar as tensões e os conflitos internos.” (ISAACS, 1952/1982, p. 113)

Verificamos que a cisão consiste na separação rígida entre os bons e maus objetos. A projeção é a deflexão de impulsos e desejos para fora do sujeito, de modo que os sentimentos e sensações do indivíduo sejam apreendidos como se fossem exteriores, agindo sobre si. A introjeção, por sua vez, é a incorporação de aspectos do objeto para o interior do ego, percebidos como próprios.

Então, nos perguntamos de que modo os objetos parciais são dispostos no inconsciente? Para responder esta pergunta Klein desenvolveu o conceito de posição, ampliando as fases propostas por Freud.

### 2.1.5. Fases X Posições

O conceito de “posição” apareceu na obra de Melanie Klein pela primeira vez em 1935. Posteriormente, em sua teoria, “posição” adquiriu um sentido cronológico, de organizador da personalidade e ponto de fixação das psicoses.

Averiguamos que essa concepção difere da fase ou do estágio proposto por Freud. Este é uma forma de organização e investimento libidinal, em que uma parte específica do corpo é estimulada e busca satisfação. As fases oral, anal, fálica e genital permeiam o desenvolvimento infantil, sendo que esta última tem uma importância primordial na psicanálise freudiana, na medida em que ela é a organizadora de todas as fases precedentes.

Melanie Klein, por sua vez, propõe duas posições: esquizo-paranóide e depressiva. Percebemos que estas não se contradizem às fases de Freud, pois apresentam uma concepção cronológica diversa. Enquanto os estados freudianos aparecem um seguido ao outro durante a primeira infância (0-5 anos), notamos que as posições são períodos de desenvolvimento mais flexíveis, uma vez que apesar de sucessivos no início da vida, mesclam-se e criam dinâmicas variáveis no seu decorrer.

Mesmo assim, no seu entendimento acerca do desenvolvimento infantil, a criança deve necessária e primeiramente atravessar a posição esquizo-paranóide e, posteriormente, ingressar na depressiva, rumo à integração do ego. Logo, constatamos que a posição esquizo-paranóide é pré-condição para o acontecimento da posição depressiva. Esses períodos pressupõem uma maior ou menor organização do ego frente às experiências de frustração e gratificação.

As posições acontecem no decorrer do desenvolvimento infantil até a fase genital, podendo se estender durante a existência do sujeito. Klein acredita que nas posições não são estimulados impulsos de partes do corpo separadamente, como pressupunha Freud, mas impulsos de origem oral, anal, uretral e genital.

Além disso, Klein amplia o conceito de fase de Freud ao acreditar que a dinâmica dos objetos parciais, modulada por ansiedades e fantasias compõem o ego. Dessa forma, ela entende as posições enquanto elementos de estruturação da personalidade. Além disso, essa organização conjugada é a maneira mais comum do psiquismo estabelecer as bases da personalidade, empregada frente às experiências boas e más.

Por fim, um último sentido dado às posições e que merece ser explicitado é o fato delas serem pontos de fixação das psicoses. Fixações nas posições esquizo-paranóide e depressiva produzem uma psicose propriamente dita, com fragmentação do ego. Embora o resultado seja o mesmo em ambas posições, as defesas utilizadas em cada caso são diferentes. Na posição esquizo-paranóide os objetos parciais são cindidos, por causa do medo dos ataques dos maus objetos, pois a ansiedade mobilizada é de caráter persecutório. Na depressiva, a defesa é maníaca, na medida em que os objetos também são cindidos para que os maus objetos não destruam o objeto íntegro amado.

Nesse primeiro momento, averiguamos que a dinâmica dos objetos parciais, bem como as ansiedades e fantasias se interligam às posições. Detalhemos, em seguida, as posições descritas por Klein, tendo em vista suas características definidoras.

## 2.2. Desenvolvimento infantil sob a ótica dos objetos parciais<sup>2</sup>

### 2.2.1. Posição esquizo-paranóide

O bebê, no parto, vivencia a primeira experiência de ansiedade proveniente do contato com o meio externo, que lhe parece assustador. Dessa forma, em consonância com Freud (1923b/1980), Melanie Klein acredita que “a dor e o desconforto que ele sofre então, assim como a perda do estado intra-uterino, são pelo bebê sentidos como um ataque por forças hostis, isto é, como perseguição.” (KLEIN, 1952a/1991, p. 86) Esta é a causa primária da ansiedade persecutória. Ansiedade que, segundo a autora, “surge da operação da pulsão de morte dentro do organismo, é sentida como medo de aniquilamento (morte) e toma a forma de medo de perseguição.” (KLEIN, 1946/1991, p. 23)

Verificamos que a primeira sensação de ansiedade, proporcionada pelo nascimento, pode ser experienciada em outras situações de maneira igualmente intensa quando a criança não é atendida em suas necessidades vitais, sentindo desconforto e mal estar. Sendo assim, ela novamente sente uma sensação de desprazer que o domina inteiramente.

---

<sup>2</sup> A fim de descrevermos as posições esquizo-paranóide e depressiva de uma maneira didática as apresentaremos cronologicamente. As posições, como vimos, possuem um sentido que ultrapassa um *continuum*, acontecendo de acordo com a disposição de defesas e ansiedades.

Lembremos que, segundo Melanie Klein (1952a/1991), nas posições, as ansiedades têm um papel fundamental. Na posição esquizo-paranóide a ansiedade predominante é persecutória, em que são dispensadas pelo ego do bebê raiva e agressividade em relação ao objeto. Malcolm (1989, p. 61) descreve claramente o que acontece com o bebê em situações nas quais este se sente ameaçado:

O bebê, ao projetar a pulsão de morte [objeto parcial mau], desencadeia um horrível sentimento destrutivo, percebido como ansiedade; mas, ao fazer isso, o que ele está colocando dentro da mãe é exatamente o pedaço dele que tem esse sentimento, de modo que isso permita que ele se sinta melhor.

O frágil ego do bebê espera sofrer retaliações por parte daqueles que agrediu e que, em sua fantasia, poderão destruí-lo. Há a reintrojeção dos objetos maus e o bebê tem a sensação de que seu corpo, seu *self* ou ego será destruído. O superego arcaico proporciona culpa, fazendo com que o ego sinta que os ataques realizados em fantasia podem voltar-se a si próprio. Entendemos que esse medo é tão intenso quanto sua vontade de aniquilar o objeto. Dessa forma, passa a existir a voracidade, que é a tendência oral em consumir, devorar, estraçalhar e introduzir em seu corpo o objeto - o seio da mãe -, no caso do bebê recém-nascido. Isso reforça os sentimentos de frustração e os impulsos agressivos, o que consideramos um verdadeiro ciclo, no qual quanto mais a agressividade é projetada, mais temeroso o ego ficará da retaliação.

Constatamos que Melanie Klein pressupõe, assim como Freud, que o superego é uma derivação do ego, quando as inibições instintivas acontecem e se estabelece a repressão primária (SIMON, 1986). Entretanto, tanto o ego quanto o superego, de acordo com a teoria kleiniana, aparecem numa fase muito remota de desenvolvimento, mais precisamente nas primeiras relações de objeto. Desse modo, “o superego, situado no começo da vida, desde a primeira incorporação objetal, é que vai moldar, pelo interjogo dos processos de projeção e introjeção, o estilo das relações objetais.” (SIMON, 1986, p. 49)

O superego da posição esquizo-paranóide é bem rígido e inflexível, na medida em que o medo da retaliação é bem maior no começo da vida do que aquele que aparece posteriormente. As primeiras experiências do bebê estão inundadas por sua fantasia, distorcendo significativamente a percepção do objeto. Já existe aí culpa e ressentimento, principalmente nos momentos em que há, mesmo que de forma transitória, a integração do ego e a percepção de que o objeto que é atacado é o mesmo que ele ama. Essa instância

também age como um protetor do objeto parcial bom, auxiliando na integração do ego, impedindo que os ataques sádicos sejam muito severos e que os objetos parciais bons, nesse ínterim, sejam destruídos.

Compreendemos que na medida em que o corpo como um todo é estimulado, os ataques deixam de ter um caráter somente oral, provindo de fontes anais, uretrais e genitais. Mesmo assim, ainda possuem características muito semelhantes daquelas que desencadearam a voracidade. As fezes e a urina tornam-se destruidores em potencial, pois podem queimar, estraçalhar e aniquilar os objetos atingidos.

Tendo em vista que as experiências do bebê são duais, na medida em que a mãe acolhe o bebê e lhe fornece alimento, a sensação de prazer proporcionada em seu corpo desfaz a situação inicial de desprazer, sendo que “as primeiras experiências do bebê com a alimentação e presença da mãe iniciam uma relação de objeto com ela.” (KLEIN, 1952a/1991, p. 87) Nesse primeiro momento, a boca é a área mais exposta à erogeneização e é de onde provém as primeiras sensações de prazer. Segundo Klein,

A proximidade física com a mãe durante a alimentação - essencialmente sua relação com o seio bom - é uma ajuda recorrente para superar a nostalgia de um estado anterior perdido, alivia a ansiedade persecutória e aumenta a confiança no objeto bom. (KLEIN, 1952a/1991, p. 87)

O bem-estar proporcionado pelos cuidados estabelece a confiança do filho na mãe, o que tem uma grande importância no seu desenvolvimento emocional. Ele introjeta impulsos amorosos (objetos parciais bons), retribuindo a mãe na mesma medida e projetando esse mesmo tipo de sentimento. As experiências gratificantes ou ainda “o alívio da fome, o prazer de mamar, a liberação do desconforto e da tensão [...] e a experiência de ser amado”. (KLEIN, 1952a/1991, p. 88), proporcionam a integração do ego da criança. Logo, a projeção dos bons objetos faz com que o bebê se relacione de maneira amorosa com sua mãe, o que reforça a introjeção de bons objetos e diminui a ansiedade persecutória. Os conteúdos internos (fezes e urina), quando funcionam ligados aos impulsos amorosos, são equivalentes a presentes oferecidos ao seu objeto de investimento libidinal, como conteúdos bons de seu corpo, que proporcionarão tanto prazer quanto aquele que recebe.

As situações antagônicas de prazer e desprazer, que vimos acima, marcam a posição esquizo-paranóide, como período específico de desenvolvimento. Segundo Klein (1952a/1991), este começa ao nascer e se prolonga até os três ou quatro meses de idade. A

primeira relação de objeto que se estabelece é com o seio da mãe, considerado, a princípio, como a mãe inteira.

Percebemos que as experiências no início da vida são fragmentadas. O mecanismo de cisão e a projeção faz com que elas sejam sentidas como exteriores ao sujeito, o que torna as experiências muito mais intensas. Isso faz com que os objetos parciais sejam vistos em de modo completamente ameaçador ou fornecedor de gratificação ilimitada. Dessa forma, “o ego procura manter os objetos bons afastados dos maus, os reais afastados dos fantásticos. O resultado é uma idéia de objetos extremamente maus e outros extremamente perfeitos.” (KLEIN, 1935/1996, p. 310)

Assim, o ego cinde os objetos, os projeta para o mundo externo e os introjeta novamente para dentro de si. A projeção e introjeção proporcionam ao bebê separar as sensações sentidas em relação ao objeto. Dessa forma, notamos que através desses mecanismos, o ego sente-se mais apto para fixar em si os aspectos bons projetados e introjetados, podendo integrar-se a partir disso. A projeção e a introjeção são impulsionados pelas fantasias tanto de que o ego possui dentro de si objetos bons, sentidos como confiança e segurança, quanto de que é atingido por maus objetos, os quais vivencia como desconfiança e perseguição. Sobre esse aspecto, Melanie Klein (1952c/1991, p. 82), afirma que “[...] a atividade de fantasiar fundamenta os mecanismos de introjeção e projeção, que possibilitam ao ego desempenhar uma das funções básicas acima mencionadas, que é a de estabelecer relações de objeto.” E complementa: “[...] a imagem do objeto, externo e internalizado, é distorcida na mente do bebê por suas fantasias, que estão intimamente ligadas à projeção de seus impulsos sobre o objeto.” (KLEIN, 1952a/1991, p. 88)

Ressaltamos que os principais mecanismos de defesa da posição esquizo-paranóide são a cisão, a identificação projetiva, a idealização e a negação. Através destes, o ego mantém afastados os impulsos agressivos dos bons objetos, pois estes seriam destruídos se conectados com os maus. O ego se identifica com os bons objetos, integrando-se gradativamente, na medida em que esses são introjetados e considerados como se fossem partes de si mesmo.

[...] na primeira fase de desenvolvimento, os objetos perseguidores e os objetos bons (os seios) estão muito afastados na mente da criança. Quando - com a introjeção do objeto total e real - eles se aproximam, o ego recorre constantemente ao mecanismo [...] que é tão importante para o desenvolvimento da relação com os objetos: a cisão das imagos entre as amadas e as odiadas [...] (KLEIN, 1935/1996, p. 328)

Notamos que nesse período de desenvolvimento, o bebê consegue perceber e conhecer o mundo a partir de seu próprio referencial, ou seja, a partir de suas próprias fantasias, geralmente de cunho sádico, oriundas das ansiedades persecutórias. “A fantasia ‘é’ a realidade, e a fantasia constrói a realidade do mundo interno com base nessas formas primitivas de [...] identificação projetiva” (HINSHELHOOD, 1992, p. 354) Esse mecanismo consiste no ego projetar parte de si mesmo em outro objeto e, posteriormente, se identificar com essa projeção. Os objetos projetados são geralmente de caráter frustrador, sendo colocadas no objeto partes “más” do ego, com o objetivo de se apoderar e controlar seus conteúdos.

Lembremos, ainda que a idealização é mais um mecanismo de defesa da posição esquizo-paranóide, no qual há a projeção do impulso de vida para o seio bom, de forma que o ego sente esse seio com o poder de suprir todas as suas necessidades de maneira irrestrita. “A idealização está ligada à cisão do objeto, pois os aspectos bons do seio são exagerados como salvaguardas contra o medo do seio perseguidor.” (KLEIN, 1946/1991, p. 320) Isso proporciona a negação das situações de frustração. Em contrapartida, pela idealização, o ego realiza atos de maneira onipotente contra os objetos maus que ameaçam o seu interior. A exigência desse objeto bom idealizado é imensa, tal como aquela feita pelo superego, quando os ataques sádicos são percebidos como destruidores. A cisão, juntamente com a idealização, possibilita a introjeção de quantidades maiores de bons objetos do que maus, realizando, assim, a integração do ego.

Na posição esquizo-paranóide, o ego recorre também à negação, isto é, a inadmissão da existência de determinada realidade que seja extremamente frustradora para o ego. Observamos que esse mecanismo de defesa se coaduna com a cisão, a identificação projetiva e a idealização. Os objetos maus são repudiados pela intensa ansiedade e medo de retaliação que causam. Há uma rígida separação do objeto bom e mau, aniquilando o impulso destrutivo, através de sentimentos de onipotência em relação ao objeto bom.

[...] não são apenas uma situação e um objeto que são negados e aniquilados - é uma relação de objeto que sofre esse destino, e portanto uma parte do ego, da qual emanam os sentimentos pelo objeto, é negada e aniquilada também. (KLEIN, 1946/1991, p. 26)

Entendemos que os mecanismos de defesa explicados acima agem de maneira conjunta, formando dinâmicas variáveis. Dessa forma, a projeção dos aspectos amorosos e, ainda, sua idealização, instituem os bons objetos como o protótipo de todas as experiências gratificantes. O ego nega os objetos parciais maus, além de controlá-los, por meio de sua

onipotência, introjetando e se identificando com os bons objetos. Isto pode protegê-lo dos ataques agressivos, favorecendo sua integração. A agressão que o mundo externo lhe proporciona é bem menor do que aquela que o ego fantasia. Klein afirma que essas experiências constituem verdadeiros testes de realidade que impulsionam o indivíduo à ação. Apesar da profunda divisão entre boas e más experiências notamos que o ego, extremamente fragmentado nesse primeiro momento do desenvolvimento infantil, possui uma característica inata de integração.

Inferimos que a posição depressiva, como apresentaremos a seguir, é o resultado desse processo, que se desenrola a partir da posição esquizo-paranóide e depende das experiências de gratificação obtidas neste período. Os testes de realidade, como vimos, ajudam o ego da criança a perceber o mundo menos impregnado com suas fantasias, principalmente aquelas de cunho persecutório. Verificamos que a relação estabelecida com a mãe, nesse período em que as posições se estruturam, é fundamental, aumentando a confiança no bom objeto introjetado e diminuindo a ansiedade persecutória. Esses fatores permitem ao bebê uma integração mais bem sucedida de seu ego e, por conseguinte, o ingresso na posição depressiva.

### 2.2.2. Posição Depressiva

Comprendemos que o bebê, gradativamente, começa a perceber que a mesma mãe que gratifica é aquela que frustra seus anseios e desejos. Ele ainda dispensa ataques agressivos a esse seio e ao interior do corpo da mãe, mas, ao contrário da posição anterior, sente que pode destruí-la. O medo da perda da mãe, bem como o objeto bom internalizado se tornam prementes. Além disso, a criança percebe que os objetos não podem ser definidos a partir de suas percepções e sentimentos e que possuem vida própria e independente de si. Em síntese:

De início, devido ao caráter onipotente dos fenômenos mentais, a percepção que o bebê tem da mãe será mais determinada pelos sentimentos do bebê. A contínua atuação de processos projetivos e introjetivos fará com que, na mente do bebê, ela seja a causa de todos os sentimentos. A presença e os cuidados contínuos da mãe irão lentamente ajudar o bebê a assimilá-la dentro dele. O progresso de uma mãe fragmentária para uma mãe integrada irá, por sua vez, permitir que o bebê aumente a percepção de que é separado da mãe e comece a reconhecer seus próprios sentimentos em relação a ela. (MALCOLM, 1980/1989, p. 63)

Há, então, um novo modo de percepção do seio, que passa de parcial à total. Em decorrência disso, a ambivalência surge. A dependência do bebê aumenta, não somente no sentido físico (até porque o bebê é mais independente do que no início de sua vida), mas também no psicológico (obtenção de amor de seu objeto libidinal).

Para Melanie Klein, o processo de perda, que começa a ser percebido na posição depressiva, está ligado ao estado de melancolia que Freud (1917/1980) descreve. Nesse estado, o objeto não necessariamente foi destruído ou morto, porém a relação estabelecida foi suprimida por algum motivo. Isso desperta sentimentos de auto-recriminação e de auto-punição, pois o indivíduo se sente responsável pelo dano ao objeto amado.

Entendemos que a culpa é a responsabilização do prejuízo infringido ao objeto de seu investimento libidinal. Por isso, a reparação passa a ocupar o primeiro plano na mente do bebê que, mobilizado por essa culpa, tenta recuperar o objeto dos estragos realizados por sua agressividade. Nesse sentido, o aparelho psíquico realiza o mesmo trabalho da melancolia, em que testes de realidade verificam como se encontra o outro e uma parte de si mesmo, depois de terem sido reparados. Klein (1940/1996) afirma:

Para o bebê, todos os prazeres que sente junto à mãe servem como prova de que o objeto de amor interno e externo não está ferido, nem se transformou numa pessoa vingativa. O aumento do amor e confiança, acompanhado pela redução do medo através de experiências felizes, ajuda o bebê a vencer gradualmente sua depressão e sentimento de perda (luto). (KLEIN, 1940/1996, p. 389)

A reparação, então, é o principal mecanismo capaz de minimizar os danos causados pelos impulsos destrutivos provenientes dos ataques orais, anais e uretrais, oriundos da posição anterior. No início desse processo, acontece uma reparação onipotente, sendo que o ego pressupõe que destrói e restaura o objeto de acordo com sua vontade. Com o passar do tempo, o ego, em decorrência de seu fortalecimento, dispõe de outros mecanismos para que esse processo aconteça.

A integração do ego depende da quantidade de culpa e de impulsos sádico-orais, além da capacidade do bebê de suportar a ansiedade. Quanto maiores forem os índices desses elementos, mais difícil será o ingresso na posição depressiva, porque na realização de ataques sádicos a cisão permanece predominante. O ego, ao executar testes de realidade, entra em contato com seus impulsos agressivos e consegue lidar com o mundo de maneira menos onipotente e mais realista, o que diminui gradativamente a persecutoriedade. Além disso, a tolerância à ansiedade permite que o bebê não idealize

demasiadamente o bom objeto, negando o objeto mau e os ataques que realizou em fantasia. Assim, compreendemos que o ego da criança consegue diferenciar-se de seus pais, adquirindo consciência de si mesmo e de sua realidade externa e psíquica e percebendo que seu objeto não foi destruído, nem partes de seu *self*.

É importante lembrarmos que, desde o nascimento, o ego apresenta uma capacidade inata para a integração (pela presença da pulsão de vida). Em alguns momentos na posição esquizo-paranóide experimenta essa capacidade. “À medida que o ego se torna mais organizado, as imagos internalizadas vão se aproximando da realidade e ele se identifica de forma mais completa com os objetos ‘bons’.” (KLEIN, 1935/1996, p. 305) Entretanto, é somente na posição depressiva que esse processo acontece de maneira mais estável e contínua. A integração do ego suprime os ataques agressivos, proporcionando uma sensação de mundo externo menos ameaçador, mais parecido com o mundo real, o que possibilita ao bebê se reconhecer como um ser separado de seus pais. Esse processo ocorre nos aspectos cognitivos e afetivos. Amplia-se, desse modo, a capacidade de estabelecer relações de objeto mais estáveis, aumentando suas gratificações e interesses. Percebemos que a criança adquire, nesse período, uma maior possibilidade de expressar emoções e comunicar-se com o mundo externo. A partir disso, verificamos que, “integração, consciência, capacidades intelectuais, a relação com o mundo externo, e outras funções do ego estão se desenvolvendo com regularidade”. (KLEIN, 1952a/1991, p. 96)

Considerando o contato mais realístico com o mundo, os mecanismos de defesa característicos da posição depressiva (o triunfo, o desprezo e o controle), são voltados para o objeto percebido como total. Mesmo assim, o ego ainda dispõe de mecanismos de defesa esquizo-paranóide. Todos esses mecanismos servem para que o ego resguarde-se do medo de perda do objeto, decorrência da ambivalência e mantenha o seu sentimento de dependência em relação a ele afastado.

Desse modo, entendemos que o triunfo é o sentimento de superioridade em relação ao objeto. Está ligado à onipotência e ao desprezo, uma vez que esse objeto é negado e desvalorizado pelo ego. Através do ataque dispensado ao objeto, o ego vive uma intensa satisfação, pois o destruiu. Com isso, afastam-se sentimentos depressivos tais como desejar ou sentir falta dele, além de manter distante a culpa que sua agressão pode ocasionar. Acerca do triunfo, Melanie Klein (1940/1996, p. 395) elucida: “De acordo com minha experiência, o desejo de reverter a relação pais-filho, de ter poder e triunfar sobre os pais, está sempre associada até certo ponto a desejos voltados para a obtenção do sucesso.”

Entretanto, esse processo é causador de imensa culpa e ansiedades persecutórias, pois o ego receia sofrer retaliação.

O desprezo é o sentimento de superioridade em relação ao objeto, que renega o desejo e a falta que sente dele. Na medida em que este é inferior, não é digno de culpa, o que justifica os ataques feitos a ele. Compreendemos que esse processo está intimamente relacionado com o triunfo e a negação.

Por fim, o controle é o exercício de domínio sobre o objeto, a fim de poder garantir que esse estará sempre por perto e controlar seus possíveis ataques. Dominando-o, o sujeito imagina que conseguirá impedi-lo de ferir o ego e desferir algum dano àqueles que ama e teme perder.

Percebemos que os mecanismos defensivos da posição depressiva, explicados acima, estão ligados ao medo da perda e à negação da dependência do objeto o que, de certa forma, separa o ego do bebê do seio materno e da mãe como um todo, permitindo que ele desenvolva outros tipos de relações e desloque seus impulsos para o mundo externo (base da sublimação e simbolização).

Além disso, esses mecanismos vão se contrapor aos sentimentos melancólicos causados no início da posição depressiva que culpabilizam o ego pelos danos causados aos objetos, agora considerados como totais, visando restaurar estes danos. A mania é um modo do ego lidar com esses sentimentos depressivos, negando a perda da relação com o objeto.

Os conteúdos das manias têm as mesmas bases da melancolia. E a mania lhe parecia [à Freud], de fato, uma defesa contra a melancolia. Klein concorda e acrescenta que a mania é não só uma maneira de escapar da melancolia, mas é também uma defesa contra aspectos da paranóia [persecutoriedade] que ficam sem controle. (SIMON, 1986, p. 79)

O superego, nessa nova configuração de ego, decorrente da posição depressiva, diminui sua rigidez e inflexibilidade. Os impulsos agressivos são menos projetados e o contato com a realidade é permeado pela sua fantasia com menor intensidade. Os objetos maus eram percebidos, na posição esquizo-paranóide, como perseguidores cruéis. O objeto ideal também se transformava em perseguidor, uma vez que suas exigências eram muito superiores àquelas que poderiam ser atendidas pelo ego. Na posição depressiva, o ego percebe o objeto de maneira menos persecutória e idealizada que no período anterior. O superego, por sua vez, não precisa ser tão exigente, porque a culpa e a ansiedade são

menos intensas, o que assegura a integridade de seu ego e de seus objetos bons internalizados.

Tendo como referência as posições descritas até esse ponto, passemos, então, ao entendimento das zonas erógenas dentro da teoria kleiniana e o desenvolvimento sexual do menino e da menina, porque, nesse ponto de nossa explanação, demonstraremos qual o papel dos pais no psiquismo da criança. Esse aspecto será fundamental na discussão posterior que traçaremos, a partir de Deleuze/Guattari, sobre a importância dos pais no inconsciente.

### 2.3. Zonas erógenas e o complexo de Édipo na dinâmica das posições

As ansiedades e defesas, bem como as fantasias subjacentes da posição esquizo-paranóide e da depressiva, proporcionaram mudanças em relação à concepção de zonas erógenas e fases de Freud.

As zonas erógenas, tanto para Freud quanto para Klein, são lugares específicos do corpo que têm suscetibilidade para excitação, sendo “[...] uma parte da pele ou da mucosa em que os estímulos de determinada espécie evocam uma sensação de prazer de uma qualidade particular” (FREUD, 1905a/1980, p. 187), visando um determinado objetivo sexual. Segundo Freud (1905a/1980), as principais zonas erógenas são: oral, anal, fática e genital, compreendendo o revestimento cutâneo-mucoso e todas as áreas adjacentes, inclusive os órgãos internos. Ou ainda, “qualquer outra parte da pele ou membrana mucosa [que] pode assumir as funções de zona erógena e deve, portanto, ter alguma aptidão neste sentido. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver a produção da sensação prazerosa.” (FREUD, 1905a/1980, p. 188)

Entendemos que Freud (1905a/1980) concebe as fases de desenvolvimento de acordo com a excitabilidade das zonas erógenas. Entretanto, as posições trouxeram um novo entendimento a essas zonas, pois, a partir delas, foi possível perceber que todo o corpo está sujeito à estimulação.

Apesar de explicitar bem o que acontece nos investimentos libidinais dos meninos e meninas, que oscilam entre a mãe e o pai (enquanto objetos parciais e totais) até o Édipo clássico, compreendemos que Klein não delimita períodos ou mesmo fases

específicas nas quais as várias passagens do complexo edípico estariam. Petot (1992, p. 55) explica essa questão quando diz que “[...] em relação ao recuo da noção de estágio libidinal em benefício da noção de posição, torna-se difícil demarcar, no interior do complexo edípiano, fases bem delimitadas.” Dessa forma, Melanie Klein supõe que o complexo de Édipo inicia-se num momento anterior à fase fálica, ainda no primeiro ano de vida do bebê. No triângulo edípiano, a bissexualidade é comum em ambos os sexos, oscilando em momentos de rivalidade e identificação com os dois genitores.

Como vimos, o indivíduo, desde o nascimento, “tem com a mãe uma relação (se bem que centrada primeiramente em seu seio) imbuída dos elementos fundamentais de uma relação de objeto, isto é, amor, ódio, fantasias, ansiedades e defesas”. (KLEIN, 1952b/1991, p. 72) Melanie Klein chama essa fase de pré-edípica. Todavia, nessa fase, a mãe já aparece como objeto de investimento libidinal.

No ingresso na posição depressiva, o bebê, por volta dos três meses de idade, frustrado com o seio da mãe volta-se para o pênis do pai na busca de satisfação ilimitada, como aquela que almejava com o seio. Esse movimento de busca do pai para satisfação por meio de seu pênis acontece nos meninos e nas meninas. É considerado por Klein (1932e; 1932f/1997) como a primeira fase do complexo de Édipo, direta para as meninas e invertida para os meninos<sup>3</sup>.

[...] o bebê entra nos estágios iniciais do complexo de Édipo, direto e invertido, ainda que de forma fragmentada. Esses estágios iniciais são caracterizados pelo importante papel que os objetos parciais ainda desempenham na mente do bebê enquanto a relação com os objetos completos está sendo estabelecida. Além disso, embora desejos genitais estejam aparecendo firmemente em primeiro plano, a libido oral ainda predomina. (KLEIN, 1952a/1991, p. 102-103)

Nessa situação, ativam-se impulsos de zonas erógenas diversas, tais como a anal, a uretral e a genital. Do mesmo modo que os demais objetos libidinais, o pênis do pai possui aspectos bons e maus, que ainda são percebidos como separados. O bebê fantasia que o falo, tanto em seus aspectos bons quanto maus, está dentro de si e também dentro do corpo da mãe.

A fantasia principal desse período é que os pais estão conjugados, em uma parceria que os tornaria mais fortes e que, em retaliação, destruiria o ego da criança, o que aumenta a persecutoriedade. Nessa primeira fase do complexo de Édipo, os objetos

---

<sup>3</sup> Direto e invertido são denominações dadas por Klein para determinar o genitor no qual a criança do sexo masculino ou feminino dirige sua libido, sendo direto para o pai do sexo oposto e invertido para o pai do mesmo sexo. Essas denominações têm como base a heterossexualidade.

caminham rumo à integração, na medida em que os pais são percebidos ora como objetos parciais, ora como totais.

Nesse ínterim, o bebê quer ter a suposta satisfação que os genitores obtêm na relação sexual. Há também o medo da mãe ser destruída pelo pênis mau do pai, que ela introjeta a partir do ato sexual. Esses fatores tornam a figura dos pais combinados mais assustadora. Cria-se, então, um antagônico movimento do ego que, em alguns momentos, anseia por conteúdos bons que supõe haver no interior do corpo de sua mãe (outras crianças e pênis bons introjetados na relação com o pai), que têm a função de substâncias produtoras; em outras ocasiões, teme que os conteúdos maus contidos na mãe possam ser destruidores, tais como o pênis mau do pai, fezes, urina e crianças perigosas.

Como já dissemos, os testes de realidade têm aí um papel fundamental. Possibilitam que o ego perceba se realmente os objetos atacados por seus impulsos agressivos foram destruídos ou não. A integração do ego da criança dependerá do sucesso ou fracasso desses testes, em que se dá conta de que esses pais são pessoas distintas e separadas de si próprio e que não estão em aliança para destruí-lo.

Em seguida a esse primeiro movimento do bebê em relação ao pai, há a segunda fase do processo edipiano, na qual tanto o menino quanto a menina, desliga-se do pênis do pai e volta-se novamente para a mãe, porque não encontra no pênis a gratificação que esperava encontrar. Na verdade, tanto o seio da mãe quanto o pênis do pai foram idealizados, como objetos que poderiam oferecer satisfação ilimitada e irrestrita. Quando o bebê percebe que o pênis também contém aspectos maus, volta-se novamente para a mãe a fim de obter, de certa forma, sua proteção, o que dependerá enormemente de sua primeira relação com ela.

Destacamos que, nesse período, o menino mantém-se predominantemente com tendências heterossexuais e a menina homossexuais. No caso das meninas “assim que começa a ter medo do pênis mau introjetado, ela também começa a correr de volta para a mãe, a qual, tanto como uma pessoa real, quanto como uma figura introjetada deveria auxiliá-la”. (KLEIN, 1932e/1997, p. 225) Por sua vez, o “ódio do menino pelo pênis do pai e a ansiedade (...) incitam-no a tomar posse da mãe de modo genital e, desse modo, a aumentar seus desejos libidinais de copular com ela.” (KLEIN, 1932f/1997, p. 262)

Por fim, acontece o complexo de Édipo clássico descrito por Freud, em que a criança destina seu investimento libidinal para o genitor do sexo oposto, em uma identificação com aquele do mesmo sexo. As ansiedades de caráter paranóide, as fantasias e o sentimento de culpa são determinantes em seu desenvolvimento. O declínio que marca

o complexo de Édipo, segundo Klein (1945/1996), é o amor da criança pelos pais e o desejo de preservá-los, decorrentes da integração do ego.

O complexo de Édipo tardio, pensado por Klein, enquanto uma continuação daqueles que o precederam, compõem-se de duas características essenciais: “a predominância da genitalidade que conduz as formas de progresso; a dissociação da fantasia dos pais combinados [...] que ela supõe o abandono da posição maníaca [esquizo-paranóide]”. (PETOT, 1992, p. 56) Dessa forma, a genitalidade é a integração da sexualidade, decorrente das flutuações entre as posições e entre o investimento libidinal da criança nos pais, preparando o caminho para a vida sexual propriamente dita, a partir da puberdade.

Explanamos até aqui o modo como a psicanálise kleiniana concebe o inconsciente. Em vista disso, nos perguntamos como o inconsciente consegue se manifestar? Quais mecanismos são necessários para a expressão do corpo ser possível? A apresentação de como Klein entende o processo lingüístico, nos leva à discussão que desenvolveremos no quarto capítulo, no que diz respeito às gêneses que Deleuze (1994) propõe. Em princípio, discorreremos sobre alguns dos conceitos preliminares que Klein se utiliza para compreender a linguagem e o brincar infantil propriamente ditos. A apresentação desse assunto é importante, não somente no que concerne à teoria kleiniana, mas também é imprescindível para a esquizoanálise.

#### 2.4. Conceitos fundamentais para o entendimento da aquisição da linguagem

O processo de cognição acontece progressivamente, de aspectos da posição esquizo-paranóide àqueles da posição depressiva. Dito de outra maneira, primeiramente aparecem mecanismos provenientes de uma menor integração de ego, seguindo para aqueles de uma maior integração, os quais possibilitam a expressão da linguagem propriamente dita. Quais, então, são os mecanismos de que o ego dispõe para possibilitar que aspectos inconscientes tornem-se manifestações do sujeito por meio da linguagem?

Inferimos que o conhecimento da criança se dá em um *continuum*, no qual os interesses e atividades vão paulatinamente se deslocando de seu próprio corpo para o mundo externo, mesmo que pelo intermédio dos pais. O desenvolvimento da linguagem, inclusive o brincar, inicia-se com impulsos de caráter sádico-oral e sádico-anal e com os

processos identificatórios. Assim, a simbolização faz parte do segundo momento da aquisição da linguagem.

#### 2.4.1. Formação de símbolos

A reparação é capaz de proporcionar a simbolização, processo que se iniciou anteriormente com a identificação projetiva, consertando o objeto que poderia ter sido destruído por esses ataques sádicos. Assim,

O sentimento de culpa relativo ao dano causado por desejos canibalescos e sádicos está interligado com a ansiedade depressiva. A culpa suscita a necessidade premente de reparar o objeto amado danificado, de preservá-lo ou de revivê-lo – uma premência que aprofunda os sentimentos de amor e promove relações de objeto. (KLEIN, 1950/1991, p. 66)

E qual o sentido da reparação para a questão que colocamos aqui, a aquisição e expressão da linguagem? Qual sua função no psiquismo e quais as implicações nesse processo?

Na posição depressiva, na medida em que os impulsos libidinais sobrepõem-se aos destrutivos, uma parte deles é deslocada para atividades que possam restituir de outra forma o objeto danificado. Acontecem equiparações entre os órgãos do próprio corpo do bebê e partes de sua mãe e de seu pai a objetos exteriores.

Ainda na posição esquizo-paranóide, a criança começa a perceber o outro, mais especificamente a mãe, conjecturando acerca do conteúdo de seu corpo. “A criança espera encontrar dentro da mãe: (a) o pênis do pai, (b) excrementos e (c) crianças, identificando todas essas coisas com substâncias comestíveis.” (KLEIN, 1930/1996, p. 251) Sendo assim, além da figura materna, a criança reconhece seu pai também de maneira parcial. Em um momento posterior, começa a intuir sobre o relacionamento de seus pais, criando suas próprias teorias sexuais.

Esses processos ocorridos na psique infantil fazem a criança modificar sua visão de realidade. Entendemos que, conseguindo se diferenciar de seus pais e do meio que a rodeia, adquire consciência de si e de sua realidade externa e psíquica. Nesse momento, é possível a formação de símbolos, a representação consciente de toda realidade externa ao sujeito. A criança faz constantemente novas equações que são a base do simbolismo, que é

“[...] o fundamento de toda sublimação e de todo talento, pois é através da igualdade simbólica que as coisas, atividades e os interesses se tornam o conteúdo de fantasias libidinais.”(KLEIN, 1930/1996, p. 252)

Esse é o modo pelo qual a criança, segundo Klein (1930/1996), representa as coisas. Além disso, é esse processo o precursor de movimentos de sublimação, permitindo que os interesses libidinais se desloquem daqueles ligados aos pais e se conectem em outros objetos. Outros fatores contribuem para que a criança possa se apropriar adequadamente do processo simbólico, como “o impulsionamento da libido, a crescente integração do ego, as habilidades físicas e mentais e a adaptação progressiva ao mundo externo.” (KLEIN, 1952b/1991, p. 73),

Destacamos que Segal (1995) afirma, em consonância com Klein (1930/1996), que, para ser possível o estabelecimento da analogia entre objetos aparentemente diferentes, é necessário também que o bom objeto tenha sido introjetado suficientemente dentro de seu ego, de modo que os ataques sádicos não possam destruí-lo.

Dessa forma, o bebê passa de um estado narcísico, em que somente percebe os objetos à luz de suas próprias fantasias, a uma relação de objeto propriamente dita, notando-se separado do outro e reconhecendo que não pode dispor dele a todo instante, nem mesmo controlá-lo onipotentemente.

A ansiedade, tanto persecutória quanto depressiva, impulsiona o indivíduo a equacionar esses objetos a outros do mundo externo que, segundo Klein (1930/1996), desencadeia os processos simbólicos. Mesmo assim, é preciso controlá-la a fim de que esses processos sejam realizados com êxito. De acordo com Klein (1930/1996, p. 252)

Uma certa quantidade de ansiedade é a base necessária para que a formação de símbolos e a fantasia ocorram em abundância; é essencial que o ego possua a capacidade adequada de tolerar a ansiedade, a fim de elaborá-la de maneira satisfatória.

A formação de símbolos proporciona o contato da criança com o mundo, como vimos. Mas, de que forma esses símbolos tornam-se expressão do corpo?

### 2.4.3. Sublimação (repressão e inibição)

A sublimação é o processo pelo qual a libido, puramente sexual, se transfere para atividades criativas, artísticas, educacionais. Segundo Freud (1923c/1980, p. 309), na “*sublimação*; [...], tanto o objeto quanto o objetivo são modificados; assim, o que originalmente era um instinto sexual encontra satisfação em alguma realização que não é mais sexual, mas de uma valoração social ou ética superior.” Em relação a esse aspecto, Melanie Klein (1923a/1996, p. 105), concordando com os pressupostos freudianos, complementa que “[...] a capacidade de empregar a libido supérflua num investimento de tendências do ego equivale à capacidade de sublimar [...]”

A transferência da libido supérflua para atividades não-sexuais é conseguida pela repressão e pela inibição. Cada qual influencia o modo como essa energia será descarregada e a maneira como os objetos parciais se distribuirão no inconsciente.

Compreendemos que a repressão é um mecanismo que envia alguns conteúdos ao inconsciente. É o momento do desenvolvimento em que a consciência se separa do inconsciente, em que o princípio do prazer se distancia do princípio de realidade. Segundo Freud (1915d/1980, p. 170):

[...] a repressão não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início; [...] ela só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente; [...] a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância.

Ao pensarmos em termos kleinianos, a repressão atribui parte da mente que, na posição depressiva está mais integrada, a um domínio inconsciente. “Na repressão que é muito menos violenta, a percepção da realidade interna e externa é mantida de modo muito melhor.” (HINSHELHOOD, 1992, p. 461) A partir dos diversos testes de realidade, o ego internaliza bons objetos, o que possibilita sua integração, passando, assim, a um melhor domínio da realidade, menos inundado de fantasias persecutórias. Segundo Klein (1923a/1996, p. 109-110), a repressão é um mecanismo necessário aos processos sublimatórios:

[...] quando a repressão entra em ação e se passa da identificação à formação de símbolos, é este processo que dá oportunidade para que a libido seja deslocada para outros objetos e atividades de auto-preservação que originalmente não possuam um tom prazeroso. Aqui chegamos ao mecanismo de sublimação.

Essa repressão é ligada a conteúdos de caráter sexual atrelado aos pais. Todo o processo de simbolização está diretamente relacionado com essas figuras, sendo que as sublimações realizadas têm, inconscientemente, conteúdos parentais.

A inibição, por sua vez, “é o bloqueio a uma saída natural da atividade mental” (HINSHELHOOD, 1992, p. 358), ou ainda, uma restrição de funções psíquicas. As inibições podem ser desencadeadas por testes de realidade mal-sucedidos, pois a criança, pela imensa ansiedade persecutória, não consegue ter certeza de que os objetos introjetados a destruirão, o que propicia a inibição de alguns aspectos. Dessa forma, a inibição aparece em uma ansiedade extremada, que impede ou dificulta bastante a criança de realizar qualquer atividade sublimatória, ou no deslocamento da energia sexual que deveria ser utilizada no processo de simbolização, transformando-se em fobias e formando sintomas.

Ressaltamos que esses processos são realizados com êxito se o indivíduo ingressar de maneira plena na posição depressiva. Logo, o brincar é o principal elemento de expressão do inconsciente infantil, revelando fantasias e ansiedades. A partir dos conceitos de identificação projetiva, formação de símbolos e sublimação, possuímos elementos suficientes para explicarmos o brincar infantil.

## 2.5. O brincar infantil

Melanie Klein, no decorrer de sua obra, designa o brincar infantil como um modo de expressão da subjetividade: “[...] tive que fazer pleno uso da linguagem simbólica do brincar, que reconheci como sendo uma parte essencial do modo de expressão da criança.” (KLEIN, 1955/1991, p. 165) O brincar aparece como um meio das crianças exprimirem seus desejos, fantasias e situações reais de uma maneira simbólica, trazendo elaborações dos conflitos pelos quais atravessam. Nesse sentido, de acordo com Klein (1955a/1991, p. 157), a criança expressa uma gama enorme de situações emocionais por meio do brincar:

[...] sentimentos de frustração e de ser rejeitado; ciúmes do pai ou da mãe, ou de irmãos e irmãs; a agressividade que acompanha tais ciúmes; o prazer em ter um companheiro e aliado contra os pais; sentimentos de amor e ódio em relação a um bebê recém-nascido ou a um bebê que está sendo esperado, assim como as resultantes ansiedade, culpa e necessidade premente de fazer reparação. (...)

encontramos também a repetição de experiências e detalhes reais da vida cotidiana, freqüentemente entrelaçados com suas fantasias.

O brincar é um constante *acting-out*, como ela mesma denomina, composto de atos que substituem as palavras, em um intenso agir que proporciona descarga de ansiedade e elaboração de conflitos inconscientes. Então, consideramos que, para brincar, a criança precisa ter um repertório simbólico capaz de transformar em ação os conteúdos de seu inconsciente. Lembremos que a capacidade de sublimação e simbolização é adquirida na posição depressiva, sendo que todas as sublimações se conjugarão no desenvolvimento de novos interesses e atividades e em um brincar mais elaborado. Apesar da criança necessitar de recursos simbólicos, provenientes da posição depressiva, vários conflitos, sentimentos e ansiedades referem-se a um modo de funcionamento esquizo-paranóide.

Nesse sentido, as atividades lúdicas da criança podem ser extremamente agressivas, nas quais realiza atos destrutivos, se seu sadismo estiver em níveis elevados; ou reparadores, voltando-se para um fazer que tenta restituir o objeto que destruiu em fantasia. Compreendemos que o brincar pode ainda acontecer em uma progressão, de um movimento mais desintegrado para outro mais íntegro ou, dito de outra maneira, utilizando recursos da posição esquizo-paranóide, passando progressivamente para aqueles de caráter depressivo.

Segundo Klein (1932d/1997) o brincar é equivalente a mais primitiva de todas as linguagens, aquela relativa aos sonhos, sendo uma forma de manifestação da fantasia inconsciente, por meio de toda uma simbologia que torna possível a expressão dessa fantasia. Através do brincar, a criança consegue também elaborar suas fantasias, geralmente aquelas de cunho sádico. O entendimento do brincar infantil se faz, portanto, pela interpretação do seu conteúdo latente (inconsciente), tal como acontece com a análise de sonhos.

Com muita freqüência as crianças expressam na brincadeira as mesmas coisas que estiveram há pouco contando através de um sonho ou produzem associações a um sonho na brincadeira que o sucede. Se utilizarmos a técnica do brincar, logo descobriremos que traz tantas associações dos elementos separados da sua brincadeira quanto os adultos os elementos separados de seus sonhos. Esses elementos separados do brincar são indicações para o observador experiente; e, enquanto brinca, a criança também conversa e diz toda a sorte de coisas, que tem o valor de genuínas associações. (KLEIN, 1932d/1997, p. 28)

Entretanto, a análise do brincar não pode se ater somente ao simbolismo contido nele, mas precisa abarcar também às fantasias persecutórias, ansiedades, medos e

outros conteúdos latentes que estão representados no brincar. “O mesmo pode ser dito da mera tradução de símbolos, de interpretações que lidam apenas com a representação simbólica do material e não se preocupam com a ansiedade e o sentimento de culpa que estão a ele associados”. (KLEIN, 1932b/1997, p. 45)

Entendemos também que essa análise não deve contemplar seus elementos isolados, mas o brincar em sua totalidade. Ressaltamos, ainda, que cada brincar é particular, fruto de conjugações de diferentes elementos simbólicos, que dão um colorido a cada ato lúdico. Assim, um brinquedo que possui um significado para uma criança, adquire um outro sentido para outra criança.

Klein acredita que algumas fantasias, tanto de caráter esquizóide quanto depressivo, são comuns (tem um caráter ontológico) e permeiam todo o brincar da criança, embora cada brincar seja único. Há fantasias ligadas aos conteúdos do corpo da mãe e ao pênis do pai, na medida em que, pelo uso da identificação projetiva, são considerados como objetos maus. Quando essa ansiedade se ameniza, pelos sucessivos testes de realidade que acontecem no ato lúdico, o ego pode introjetar mais objetos bons, integrando-se.

A personificação é um dos mecanismos essenciais da brincadeira. Na divisão de papéis, a criança projeta os pais que introjetara em um momento anterior e elabora os conflitos referentes aos ataques sádicos feitos a eles nas diversas situações do complexo edípico.

Entendemos que o alívio proporcionado pelo brincar é causado por fantasias masturbatórias, provenientes da excitação das diversas zonas erógenas, o que a faz ter contínua motivação e o repetir inúmeras vezes. A compulsão à repetição acontece justamente pelo fato de que cada tipo de brincadeira satisfaz a uma zona erógena específica. Por esse motivo, Klein dispunha na sala os brinquedos de modo que a criança pudesse explorar os diversos movimentos concernentes a cada zona erógena:

Em uma mesinha, em minha sala de análise, são postos alguns brinquedos pequenos e simples – homenzinhos e mulherzinhas de madeira, carrocinhas, vagões, automóveis, trens, animais, blocos e casinhas, e também papel, tesoura e lápis. [...] É preciso haver vários recursos ilustrativos na sala. Dentre eles, o mais importante é uma pia com água corrente. [...] Esses jogos com água proporcionam-nos um insight profundo dos impulsos pré-genitais fundamentais da criança e são também um meio de ilustrar suas teorias sexuais, dando-nos um conhecimento da relação de suas fantasias sádicas e suas formações reativas e mostrando-nos a conexão direta entre os seus impulsos pré-genitais e genitais. (KLEIN, 1932b/1997, p. 36, 53)

Pensamos que a brincadeira, de uma maneira geral, sobrepõe o princípio de prazer ao de realidade, na medida em que a brincadeira proporciona obtenção de satisfação. Mesmo assim, Klein (1955a/1991) não considera que o brincar infantil seja algo que a criança faz com o objetivo de se divertir ou somente obter satisfação. Esse se constitui em um ato que se assemelha ao trabalho do adulto. A criança gasta uma grande quantidade de energia para comunicar-se e expressar suas fantasias, desejos e experiências reais, seu universo psíquico.

Na análise de crianças, Klein (1926/1996) percebeu que as inibições do brincar são provenientes de uma rigidez do superego, que são gradativamente resolvidas quando o analista interpreta o conteúdo latente subjacente aquilo que está sendo expresso ou até mesmo por sua paralisação. A criança sempre retorna a conteúdos ansiógenos através de seu brincar e com o decorrer da análise, ela altera, expande e, por consequência, consegue expressar conteúdos mais profundos de seu inconsciente, de maneira que suas inibições vão sendo solucionadas e as brincadeiras adquirem uma plasticidade maior, uma vez que experiências gratificantes (objetos parciais bons) são acrescentadas a sua psique. As interpretações realizadas proporcionam prazer à criança, na medida em que esta não precisa mais realizar esforços para reprimir os conteúdos que foram trazidos à análise.

A brincadeira interrompida com o surgimento da resistência é retomada; ela altera, expande e expressa extratos mais profundos da mente; o contato entre a criança e analista é estabelecido. O prazer na brincadeira, que aparece de forma marcante depois que a interpretação é apresentada, também se deve ao fato de não ser mais preciso gastar esforços na repressão. (KLEIN, 1917/1996, p. 159)

A terapia infantil, dessa forma, visa entender o mundo interno da criança através da transferência. Ao estudarmos a dinâmica concernente ao brincar, nos perguntamos: como o ato lúdico se configura na clínica? A transferência, então, é o último passo em nossa compreensão do brincar enquanto linguagem. Embora não a tratemos aqui do ponto de vista prático, é necessário apresentá-la, pois seu entendimento tem implicações para a discussão que realizaremos no quarto capítulo, no que se refere à expressão do inconsciente.

## 2.6. O conceito de transferência

Consideramos a transferência como um conceito vital para o entendimento da clínica psicanalítica, especificamente a kleiniana, possibilitando-nos entender como acontece a relação terapeuta-paciente, no caso das crianças, por meio do brincar.

Verificamos que esse conceito inovou a clínica, na medida em que anteriormente concebia-se ser impossível o estabelecimento do vínculo transferencial criança-terapeuta, pois se considerava as representações psíquicas infantis bem primárias e recentes, o que impossibilitaria sua expressão. Então, o que são transferências?

Freud (1905b/1980, p. 113) define sistematicamente esse conceito quando afirma que

São novas edições ou fac-símiles dos impulsos e fantasias inconscientes que são despertados e tornados conscientes durante o andamento da análise. Possuem, no entanto, uma peculiaridade, característica de sua espécie: substituem uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Em outras palavras: toda uma série de experiências psicológicas é revivida não como algo que pertence ao passado, mas que se aplica ao médico no presente momento.

Percebemos, então, que Freud entendeu a transferência como sendo a relação entre paciente e terapeuta, em que eram revividas as primeiras relações infantis, geralmente com os pais. Ainda que essa relação esteja sendo vivida no presente, há nela aspectos concernentes ao passado do paciente.

Atestamos que Melanie Klein complementa e inova esse conceito psicanalítico quando percebe que a criança (e não somente o adulto) reedita na relação terapêutica conflitos, desejos, sentimentos de uma pessoa com o analista. Na medida em que ela consegue trazer seus conflitos para a análise e representar seu mundo interno através do brincar, caracteriza-se a transferência na clínica. A interpretação faz com que as experiências do sujeito fiquem menos cindidas e carregadas de ansiedade persecutória e culpa, trazendo o que pode ser chamado de consciência emocional.

Klein (1952/1991) afirma que, no processo terapêutico, há uma “situação de transferência total”. Dessa forma,

[...] sua premência em transferir suas primitivas experiências, relações de objeto e emoções é reforçada, e elas passam a localizar-se no psicanalista. [...] Minha experiência diz que, ao desenredar os detalhes da transferência, é essencial pensar em termos de situações totais transferidas do passado para o presente, bem como em termos de emoções, defesas e relações de objeto. (1952b/1991, p. 71)

A análise da transferência propicia, segundo Klein, uma compreensão de vários aspectos do inconsciente infantil (geralmente de conteúdo sádico). Percebemos que os mecanismos defensivos, os sentimentos de ambivalência e de culpa, o sadismo e as ansiedades são alguns dos elementos entendidos por meio desse processo.

O paciente reconstitui o modo como se relacionou, principalmente com os genitores, em momentos anteriores de sua vida. Nesse sentido, o terapeuta pode representar a figura do pai, da mãe ou mesmo de outras pessoas. Melanie Klein (1929) acredita que, quando o terapeuta se encontra com a criança, ele deve ater-se ao conteúdo latente, analisando o material que foi utilizado na brincadeira, a maneira como essa é conduzida e os motivos pelos quais é realizada. E, a partir disso, produzir interpretações que abarquem esses conteúdos de maneira a integrar as experiências em um nível inconsciente.

Verificamos que ora o sujeito vivencia o analista como “objeto parcial bom” fruto de inúmeras gratificações, ora como “objeto parcial mau” protótipo de situações frustradoras. Esse deslocamento é possível através da identificação projetiva, que é entendida, na situação terapêutica, pelo movimento no qual o ego do paciente projeta na figura do terapeuta imagens boas ou más internalizadas e percebe o analista de acordo com essa projeção.

Notamos que Klein, com sua teorização sobre o desenvolvimento e técnica de análise infantil, deu um novo *status* ao psiquismo e ao brincar, quando o considerou como uma possibilidade de expressão do inconsciente. Sendo assim, quais podem ser as implicações da psicanálise kleiniana entendida à luz de Deleuze/Guattari?

*Parte II*  
*Mapeando o*  
*pensamento de*  
*Deleuze/Guattari*

3.

*Uma  
cartografia do  
inconsciente*

### 3. Uma cartografia do inconsciente

---

*Uma concepção cartográfica é muito distinta da concepção arqueológica da psicanálise. Esta última vincula profundamente o inconsciente à memória; é uma concepção memorial, comemorativa ou monumental, que incide sobre pessoas e objetos, sendo os meios apenas terrenos capazes de conservá-los, identificá-los, autenticá-los.*

Gilles Deleuze

#### 3.1. Para compreender o inconsciente esquizoanalítico

Nossa pesquisa da obra de Deleuze/Guattari não se restringiu somente à crítica dos autores sobre a teoria de Melanie Klein, mas um estudo mais detido que envolveu outros conceitos que dão um delineamento do que é o inconsciente para a esquizoanálise. Apresentaremos aqui um esquema demonstrativo desse inconsciente, abordando alguns aspectos que julgamos importantes e sistematizando o pensamento de Deleuze/Guattari. Assim, com base no estudo da obra dos autores, configuramos o inconsciente a partir de alguns de seus conceitos fundamentais: a) instâncias ética, estética e política e interposição de forças ativas e reativas; b) as máquinas desejantes e suas três sínteses e; c) funcionamento rizomático. Por fim, ampliamos o entendimento desses autores sobre esse inconsciente, compreendendo a temporalidade como *Aion* e as clássicas instâncias (id, ego e superego) enquanto profundidade e superfície.

##### 3.1.1. Ética, estética e política: paixões e forças

O tipo de existência proposta por Deleuze/Guattari possui uma conotação ética, contrapondo-se à moral. Mas, por que tentar entender ética e moral no campo do inconsciente? Que relações podem ser estabelecidas entre moral e ética na psicanálise e na esquizoanálise? Traçaremos um percurso para que essas correlações sejam demonstradas

tendo em vista um reparo feito por Deleuze/Guattari à teoria kleiniana, pois a mesma não desenvolve suficientemente a relação do inconsciente com o mundo social e histórico.

A moral diz respeito a valores que transcendem a existência. Essa proposição pode ser remetida a Platão, que propôs uma essência constitutiva das coisas, perfeitas e imutáveis, em contraposição à experiência que somente reproduz essas formas. Os ideais constituiriam o que Platão denominou de *Mundo das Idéias* e o plano no qual o humano está inserido seria o *Mundo Empírico*, lugar em que os acontecimentos se sucedem e que não necessariamente se pareceria com esse ideal. Nesse sentido, os acontecimentos humanos podem ser interpretados, porque são reapresentações do que já existe em outro plano, contendo uma certa similaridade com o *Mundo das Idéias*. Numa aproximação dessa moral com as proposições de inconsciente, Naffah Neto (1991, p. 15) afirma:

É inegável que grande parte das conceptualizações do inconsciente [...] nascem e crescem à sombra da tradição teórica aberta por Platão, geralmente designada por filosofia da representação. Representação significa, etimologicamente, re-apresentação [...] Repetições imperfeitas de uma essência primitiva, original; cópias moldadas num mesmo modelo, com maior ou menor grau de fidedignidade.

Dentre as principais correntes de pensamento que procuraram conceituar o inconsciente, destaca-se a psicanálise. Em confluência com Naffah Neto, percebemos que essa teoria emana da Filosofia da Representação. A respeito disso, consideramos que nela exista um “modelo” de funcionamento inconsciente, regulado por fases e períodos pré-determinados, em um universo que é interpretado e desvelado, na medida em que é reeditado e re-apresentado na triangulação edipiana, funcionando como um teatro do inconsciente.

Em contraposição ao conceito de inconsciente representativo, Deleuze, baseado na filosofia de Espinosa, propõe o que chamou de uma “filosofia da vida”. Entendemos que esta é a ética do inconsciente e consiste em

[...] denunciar tudo o que nos separa da vida, todos esses valores transcendentais que se orientam contra a vida, vinculados às condições e às ilusões da nossa consciência. [...] Antes de Nietzsche, ele denuncia todas as falsificações da vida, vinculados às condições e às ilusões da nossa consciência. (DELEUZE, 2002, p. 32)

De acordo com Espinosa, os corpos<sup>4</sup> agem em consonância com aquilo que eles podem realizar, não se descolam de sua potência de agir, efetivada nos encontros. A ação é imanente, ou seja, é a potência inerente de seu ser, inseparável dele, não se descola do valor que é criado no próprio ato. Em princípio, ninguém sabe o que pode um corpo, pois isso dependerá de sua capacidade de afetar e ser afetado.

Sendo assim, são propostos dois tipos de paixões, segundo a composição dos encontros dos corpos: paixões alegres, as quais aumentam a capacidade do corpo de formar novas conexões, “por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência” (DELEUZE, 2002, p. 29) e as paixões tristes, que diminuem a disposição de agir, bem como podem desintegrá-lo: “indigestão, envenenamento, intoxicação, decomposição de relação” (DELEUZE, 2002, p. 28). Nesse sentido, como pôde ser percebido, alegria e tristeza não estão ligadas aos estados de espírito designados comumente, mas ao aumento ou à diminuição da possibilidade de novos acoplamentos.

Opondo-se à concepção platônica de idéia, evidencia-se que o inconsciente está configurado em relação, sendo caracterizado por valores criados nas conexões de elementos dos corpos na imanência, do que é produzido e engendrado no encontro. Assim, como nos fala Deleuze (2002, p. 35) “Todo o caminho da *Ética* [de Espinosa] se faz na imanência; mas a imanência é o próprio inconsciente e a conquista do inconsciente”.

Comprovamos, então, que no encontro sempre há a experimentação, pois é a partir dela os corpos constroem seus valores. “Em vez de modelos, a construção do plano de composição cria suas próprias expressões que podem ser a base de outras formas de organização da vida do indivíduo. [...]” (FALCÃO NETO, 2002, p. 28) Sendo assim, a prática evidencia o que o corpo consegue efetuar. Entendemos que é necessário, “[...] prudência como dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 11), tendo em vista que encontros indiscriminados podem ser “maus”, desintegrando ou destruindo o corpo.

Além da caracterização do inconsciente com base espinosista, Deleuze (1976) recorre a Nietzsche para entender as forças relacionadas com esse inconsciente. Demonstraremos de que modo a teoria nietzscheana das forças se inter-relaciona com a ética de Espinosa e que relações são estabelecidas com a instância ética do inconsciente

---

<sup>4</sup> Segundo Deleuze/Guattari (1997a, p. 18): “Podemos dar à palavra ‘corpo’ o sentido mais geral (existem corpos morais, as almas são corpos etc); devemos, entretanto, distinguir as ações e paixões que afetam esses corpos, e os atos, que são apenas seus atributos não-corpóreos, ou o que é ‘o expresso’ de um enunciado.”

que estamos expondo.

A partir da filosofia de Nietzsche, compreendemos que há dois tipos de forças agindo o tempo todo no humano: as ativas e reativas. A força ativa é superior, flexível, dominante e produtiva, “que vai até o fim do que ela pode” (DELEUZE, 1976, p. 50), aumentando a capacidade do corpo de afetar e ser afetado. A força reativa é aquela inferior e dominada, “força utilitária, de adaptação e de limitação parcial” (DELEUZE, 1976, p. 50) As forças reativas são aquelas que proporcionam o que chamamos de consciência. Uma das funções das forças reativas é ajudar a produzir e adaptar a produção das forças ativas, deixando a consciência livre para o contato com o mundo. A adaptação aqui pode ser entendida como a expressão de forças ativas de um corpo (com o auxílio das forças reativas). Outra função das forças reativas é diminuir a potência do que a força ativa pode executar e, conseqüentemente, reduzir a capacidade do corpo de gerar novas conexões.

As forças ativas e reativas estão dispostas no inconsciente formando o inconsciente ativo e reativo, dependendo da relação entre essas forças, em que uma predomina sobre a outra. Isso possibilita a formação do sujeito do esquecimento e do ressentimento, o primeiro em um estado de saúde e o outro de doença. E como acontece o funcionamento de cada um desses tipos de inconsciente?

No ativo, as forças reativas exercem seu papel de submissão, obedecendo às forças ativas. Para que a consciência não fique aprisionada somente aos traços de memória armazenados no inconsciente reativo e possa se abrir ao mundo externo, promove-se o esquecimento. Isso permite que as lembranças não predominem quando o corpo se relaciona, compondo marcas<sup>5</sup> nesse corpo como registros pertencentes, mas não determinantes do encontro.

Em contrapartida, quando a consciência é inundada por traços de memória o corpo adoece, na medida em que a recordação impede que se realize outros encontros além daqueles que a memória já experimentou. “Suponhamos uma falha no esquecimento: a cera da consciência está como que endurecida, a excitação tende a confundir-se com um traço no inconsciente e, inversamente, a reação dos traços sobe para a consciência e a invade. [...]” (DELEUZE, 1976, p. 92, 94) O indivíduo submetido às forças reativas é

---

<sup>5</sup> Tomamos marca com o mesmo sentido de Rolnik (1993, p. 242), que afirma: “[...] o que eu estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que estamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura a abertura para a criação de um novo corpo [...] uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento. [...] Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atraída e é atraída por ambientes que encontram ressonância. [...] Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença.”

dominado pelo que Nietzsche denomina de ressentimento, o sentir de novo. Todas as experiências e encontros do sujeito se baseiam em uma experiência anterior, em um equivalente geral para toda sua existência. Esse homem não consegue esquecer e deixar que as forças ativas atuem e formem territórios novos.

Nesse viés, identificamos que tanto as forças ativas quanto as forças reativas compõem o que podemos chamar de “aparelho psíquico”, ainda que a filosofia de Nietzsche não se proponha a criar uma psicologia. Esse “psíquico” não é somente a confluência dessas forças no interior do sujeito, mas, como vimos, se constrói na relação com o outro.

Concebemos que há similitude entre as proposições espinosistas e nietzscheanas acerca das forças que regem o inconsciente, a qual nos utilizaremos nesse trabalho. Compreendemos que o inconsciente ativo, em consonância às paixões alegres de Espinosa, é aquele de criação e revolução, relacionado à potência do corpo de criar novas conexões para o desejo. Em contrapartida, o inconsciente reativo, do ressentimento, é ligado à manutenção de territórios cristalizados, equiparado às paixões tristes.

Como vimos, o inconsciente possui uma dimensão ética, baseada na relação entre suas paixões e forças. Mas, a que outras dimensões a ética poderia estar ligada? Como se constitui o inconsciente nessas outras instâncias?

Entendemos que a instância ética do inconsciente se conecta à política e à estética, expressando os valores construídos nos encontros.

As forças e as paixões são como pequenas partículas que compõem o corpo. Assim, entendemos o político como o estabelecimento de um campo de forças, em que uma se sobrepõe a outra, na configuração do inconsciente. Para que essas forças, que estão no plano de imanência, tornem-se expressão ocorre um embate entre elas, permitindo que alguns elementos sejam manifestados e outros não. No encontro dos corpos, há, então, um verdadeiro governo no qual existem resistências e concessões, formando o que podemos chamar de micropolítica.

Esse processo não é algo que possa ser captado por nossa consciência. Esses elementos, embora inconscientes, existem mesmo que não sejam percebidos pelos sentidos. Deleuze denominou esse movimento do desejo de plano virtual<sup>6</sup> ou de imanência. Logo, a percepção que temos do mundo é a conjugação de um número de forças, que

---

<sup>6</sup> Segundo Deleuze/Guattari (1997a, p. 43): “[...] ‘virtual’ não se opõe precisamente ao real; ao contrário, é a realidade do criativo, o colocar em variação contínua das variáveis, que se opõe somente à determinação atual de suas relações constantes.” Dessa maneira, o virtual não se opõe ao real e sim ao plano atual.

denominamos aqui de fluxos e objetos parciais, elementos fundamentais do inconsciente. Esses estavam no plano virtual ou de imanência e, devido a certas contingências, expressaram-se, tornaram-se atuais.

Em termos de inconsciente não existe corpo enquanto organicidade e totalidade, mas partículas que possuem uma capacidade singular de reorganizar-se, a fim de formar composições singulares<sup>7</sup>. Essas partículas inconscientes não são individuais ou pertencentes aos corpos, justamente porque eles se estabelecem em relação, como vimos.

Dessa forma, a mola propulsora para as conexões de fluxos na imanência (inconscientes) e a produção de real social (consciente) é o desejo. “Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, só pode ser na realidade e de realidade [...] O desejo se mantém sempre próximo das condições de existência objetiva, ele as esposa e as segue, não sobrevive a elas, desloca-se com elas [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 43-45) Então, podemos dizer que a produção do inconsciente está diretamente relacionada com a produção histórico-social.

Em contrapartida, uma vez que o inconsciente para a psicanálise se pauta em modelos preestabelecidos, em uma “moral da existência”, o desejo se configura na ausência de algo, pois ele almeja imitar ou reproduzir um ideal. Esse propósito não é alcançado, fazendo da vida uma procura interminável e o indivíduo, um ser incompleto. Nesse sentido, a relação entre os corpos será sempre no sentido de sanar essa falta. Deleuze/Guattari (1976) discordam dessa maneira de conceber o inconsciente, porque se evidencia aí sua reprodução e teatralização, tornando as experiências anteriores verdadeiros fantasmas, sombras daquilo que o sujeito vivenciou em sua infância no contato com os pais. A esse respeito, Deleuze/Guattari (1976, p. 43) afirmam que

[...] mesmo quando o fantasma é interpretado em toda sua extensão, não como um objeto, mas como uma máquina específica que encena o desejo, esta máquina é somente teatral, e deixa subsistir a complementaridade do que ela separa: é, então, a necessidade que é definida pela falta relativa e determinada de seu próprio objeto, enquanto o desejo aparece como o que produz o fantasma e se produz a si próprio, separando-se do objeto, mas também reduplicando a falta, levando-a ao absoluto, fazendo dela uma “incurável insuficiência de ser”, uma “falta de ser que é a vida.”

Entendemos que os movimentos do inconsciente desejante, proposto por Deleuze/Guattari (1976), implicam também numa estética de existência, pois o estético

---

<sup>7</sup> Deleuze (1994, p. 110) explica o que entende por singularidade, que considera como “livre, anônima e nômade que percorre tanto os homens, as plantas e os animais independentemente das matérias de sua individuação e das formas de sua personalidade.”

refere-se à forma (à configuração) dos territórios. É o que visualizamos de um campo de forças, a efetuação das conexões dos fluxos na imanência. O estético é a produção da existência como obra de arte. De acordo com Muylaert (1992, p. 110)

A Estética é o efeito da passagem de forças por um campo vivencial. Neste trajeto não há uma linearidade, uma forma que recrie aquelas em que se possam reconhecer atributos homogêneos e do senso comum... É sim da ordem do intempestivo, daquilo que não cessa de transformar-se, do em-mutação!

O território é, então, formado pelas conexões dos fluxos desejanter, proporcionando-lhe maneiras singulares de existência e produzindo a heterogeneidade inerente ao humano.

Evidencia-se que, assim como o político e o ético, o estético configura sua atuação em campos sociais os mais diversos. Como já dissemos, percebemos essas três perspectivas de tal forma interligadas que é praticamente impossível desvinculá-las da produção de inconsciente. Logo,

O novo paradigma estético tem implicações ético-políticas, porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e aqui, mais uma vez, em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas. (GUATTARI, 1992, p. 137)

A partir das premissas que vimos acima e que caracterizam a produção do inconsciente, levantamos duas questões: O que faz os fluxos ou as forças se conectarem? A que tipo de mecanismo eles estão submetidos? Para responder a tais questões é necessário entendermos o funcionamento do inconsciente maquínico.

### 3.1.2. Máquinas desejanter e as três sínteses do inconsciente

O inconsciente, segundo Deleuze/Guattari (1976), mostra-se como uma usina de realidades singulares, por isso mesmo os autores chamam seu funcionamento de “máquina desejanter”. Ela atua num sistema binário, no qual os fluxos, que são produzidos por uma dessas máquinas, escorrem, ao mesmo tempo, em que uma outra corta esses fluxos. Essa última, por sua vez, liga-se a uma terceira, que novamente produz a fluidez e assim indefinidamente, tantas quantas conexões forem possíveis. A produção do

inconsciente é sempre no sentido de associar corpos ao plano de composição ou imanência e nunca excluí-los.

Dessa forma, Deleuze/Guattari (1976) propõem três sínteses para as máquinas desejantes, sendo de importância fundamental enumerá-las aqui, porque fazem parte do processo produtivo do inconsciente. Há, então, 1) a síntese conectiva ou produção de produção; 2) a síntese disjuntiva ou produção de registro; 3) a síntese conjuntiva ou produção de consumo. Assim como a psicanálise denomina a energia do inconsciente de libido, os autores denominam a energia envolvida em cada uma dessas sínteses, respectivamente, de Libido, Númen e Voluptas. Em suma,

A máquina desejante não é uma metáfora; é o que corta e é cortado segundo esses três modos. O primeiro modo remete à síntese conectiva, e mobiliza a libido como energia de extração. O segundo, à síntese disjuntiva, e mobiliza o Númen como energia de separação. O terceiro, à síntese conjuntiva, e a Voluptas como energia residual. É sob esses três aspectos que o processo de produção desejante é simultaneamente produção de produção, produção de registro e produção de consumo. Extrair, separar e “restar” é produzir, e é efetuar as operações reais do desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 60)

Na primeira síntese, conectiva ou de produção de produção, o movimento é produtivo no seu sentido estrito, em um total caos entre os fluxos das máquinas, conectados e interrompidos. Esse plano é o dos fluxos em conexão. “Não há lugar, aqui, para distinguir o produzir e seu produto. Pelo menos o objeto produzido carrega o seu *aqui* para um novo produzir”. (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 21 – grifo dos autores) Essa realidade é virtual e, portanto, não pode ser vista ou percebida pelos sentidos, mas existe e proporciona a criação de modos de vida.

Deleuze/Guattari (1976) consideram que a conexão dos fluxos das máquinas desejantes nessa primeira síntese possui um caráter esquizofrênico. Mas, o que é esquizofrenia?

Entendemos que a esquizofrenia no processo inconsciente não é uma patologia, um desligamento da realidade, assim como pressupõe a psicanálise; ao contrário, enquanto produtividade do desejo é criadora de realidades. Deleuze/Guattari (1976, p. 41) afirmam: “Antes de ser a afecção do esquizofrênico artificializado, personificado no autismo, a esquizofrenia é o processo da produção do desejo e das máquinas desejantes.” Assim, a esquizofrenia ou processo esquizo é aquele implicado na conexão e/ou interrupção dos fluxos, subvertendo ordens e hierarquias.

Esses fluxos desejantes, compostos de partes heterogêneas, são da ordem do impessoal, não possuindo sujeito ou pertença, como já vimos. Por esse motivo,

Deleuze/Guattari (1976) os denominam de “síntese passiva” do inconsciente. Verificamos que passivo aqui é utilizado pelos autores para definir algo que acontece sem que a ação de um sujeito determinado se exerça, mas entre fluxos que atravessam esse sujeito. Assim, essa síntese é efeito da conjugação dos fluxos que se conectam com o social, formando o real que “[...] é o resultado das sínteses passivas do desejo como auto-produção do inconsciente.” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 43-44) Verificamos que esse movimento de fluidez e corte nos fluxos desejantes é o que caracteriza a primeira síntese como conectiva. A produção acontece por conexão “e... e... e...”, incluindo elementos díspares ou heterogêneos, o que proporciona posteriormente a criação de territórios.

Verificamos que a segunda síntese, disjuntiva ou de produção de registro, é o movimento em que os fluxos deixam de escoar livremente, transformando-se em objetos parciais, em um esboço de alguma possibilidade de organização. A disjunção é o mecanismo que possibilita a síntese de elementos heterogêneos, inscrevendo uma marca no corpo que apreende “[...] um movimento objetivo aparente, verdadeira percepção do movimento que se produz na síntese de registro”. (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 25) De acordo com Deleuze/Guattari (1976), nesse momento, atua o Corpo sem Órgãos, “[que] serve de superfície para o registro de todo o processo de produção do desejo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 26) Assim, o Corpo sem Órgãos separa os fluxos no plano de imanência e os transforma em objetos parciais. O Corpo sem Órgãos, com essa característica disjuntiva, funciona como uma antiprodução, porque oferece aos fluxos uma forma, mesmo que efêmera.

Por fim, na terceira síntese, a de produção de consumo, formam-se os territórios ou planos de organização. Os objetos parciais deixam de ser virtuais (inconscientes) e passam a se constituir como atuais, conscientes. Isso foi possível pela atuação do Corpo sem Órgãos na síntese anterior. A conjunção, característica dessa síntese, é a formação de um corpo, uma organicidade, um sujeito. Este se forma enquanto algo fugaz, que se desintegra no instante em que novos elementos do plano de imanência se materializam no território.

Acreditamos, dessa maneira, que o indivíduo enquanto territorialidade é somente sobra de uma quantidade infinita de outras conexões que continuam a acontecer no inconsciente. Por meio da terceira síntese do inconsciente, consideramos que essa

individualidade é um simulacro<sup>8</sup>, na medida em que nesse território atravessam fluxos a-pessoais, a-significantes o tempo todo, que o modificam.

Entendemos que Melanie Klein, ao considerar o funcionamento inconsciente como intrapsíquico, limita o sujeito a uma individualidade, a qual poderíamos chamar aqui de subjetividade ou personalidade, ou seja, características fixas que são revividas no encontro com outros corpos. De acordo com Deleuze (1990, p. 88-89), “Estrutural ou não, a personologia substitui todos os agenciamentos<sup>9</sup> do desejo.” Isso confirma nosso pressuposto de que a psicanálise kleiniana é engendrada no modo de funcionamento nietzscheano do ressentimento, deixando a consciência ser invadida pelas lembranças do seu contato com o mundo, que o constituem. Ao invés de agenciamentos ou conexões, há somente uma representação das primeiras experiências do sujeito.

Não obstante, julgamos que, em termos de inconsciente propriamente dito, as duas primeiras sínteses são as mais importantes, caracterizando-o como produtivo, embora a síntese de consumo tenha também sua importância, já que nela as produções das duas primeiras sínteses podem ganhar expressão. A relevância da terceira síntese se tornará evidente quando analisarmos a linguagem.

Mas, de que maneira essas duas sínteses funcionam? Como elas influenciam a criação e a desconstrução de territórios? Utilizamos o conceito de rizoma de Deleuze/Guattari (1995), a fim de demonstrarmos como o conjunto das sínteses confere ao inconsciente um modo de funcionamento rizomático. Vejamos, então, o que é o rizoma e como ele funciona.

### 3.1.3 Rizoma

Deleuze/Guattari (1995) retiraram esse conceito da botânica. O rizoma é uma raiz que não tem um eixo estruturante, brotando extensões por todos os lados e direções, de maneira aleatória. “[...] O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe

<sup>8</sup> Entendemos simulacro como a imagem constituída na expressão de um corpo.

<sup>9</sup> Segundo Deleuze/Guattari (1997a, p. 31) o “[...] agenciamento não nos parece remeter a uma produção de bens, mas a um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros.”

regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32) Assim, “[...] ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. [...] é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação como dimensões, mas também linha de fuga ou desterritorialização [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32) Inferimos que eles se apropriam da idéia de raiz rizomática para demonstrar que o desejo em si não tem trajetórias ou objetivos definidos, muito menos um ponto de referência (de partida ou de chegada). Não possui nem começo, nem fim. Não pretende ser algo, somente realizar a conexão dos seus termos: “e... e... e...” Por isso, atua entre as conexões dos fluxos desejantes, funcionando como verdadeiro mapa no qual esses fluxos deslizam, almejando somente a produção.

Identificamos que a primeira síntese do inconsciente é aquela que se apropria do processo rizomático, pois possui todas as características desse funcionamento. A segunda síntese – a de consumo – ainda comporta resquícios desse mecanismo, embora de maneira bem menos intensa. A terceira síntese, por sua vez, aparece como manifestação do corpo, constituindo o efeito dos movimentos rizomáticos anteriores.

Convém ressaltarmos que, ao contrário do rizoma apresentado acima, existe a raiz arborescente, que possui um eixo principal e ramificações a partir dele. O sistema de arborescência parte de um tronco central que se propaga em dois caminhos: “ou... ou...”. Isso significa que a relação que se estabelece é biunívoca, porque há somente duas escolhas a fazer, “ou é isso, ou é aquilo”. “A árvore é filiação [...], a árvore impõe o verbo ser [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37), sendo necessário nesse sistema possuir uma identidade. Entendemos que a psicanálise e todas suas premissas partem de um paradigma (um sistema arborescente), que se desdobra a partir do seu conceito de inconsciente, baseado no romance familiar.

Em contrapartida, o inconsciente, pensado como rizoma, não comporta nenhuma hierarquia em sua composição, constituindo arranjos singulares, que possibilitam a formação de territórios inéditos. Percebemos, então, que o rizoma funciona de uma maneira esquizofrênica, caótica. Dessa forma, não pode ser remetido a sistemas genealógicos (ou arborescentes) de nenhuma ordem, pois isso implicaria uma transcendência, algo que o definiria previamente.

Destacamos, ainda, que os mapas que o rizoma forma podem ser analisados pela cartografia, em progressões e interrupções dos fluxos desejantes, bem como em seu alcance e propagação. Segundo os autores, “[Esse] se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, com múltiplas entradas e saídas,

com suas linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32-33) Averiguamos que o princípio para a atuação do rizoma é a imanência.

Perguntamo-nos qual é a temporalidade da conexão dos fluxos desejanter no inconsciente. Será este atemporal como o da psicanálise? Propomos que o *Aion* corresponda ao tempo em que se processa as conexões do plano de imanência ou, ainda, as duas primeiras sínteses do inconsciente.

#### 3.1.4. Temporalidade do inconsciente – o *Aion*

Entendemos que o inconsciente funciona de acordo com uma temporalidade diferente daquela que nos é acessível à percepção. *Cronos* é esse tempo do qual temos consciência, ligando-se ao passado e ao futuro pelas ações que realizamos ou que tencionamos realizar. É o tempo presente, invadido por nossas expectativas ou lembranças. Nesse sentido, “o presente mede a ação dos corpos ou das causas. O futuro e o passado são antes, o que resta da paixão do corpo.” (DELEUZE, 1994, p. 167).

Deleuze (1994), numa referência aos estóicos, apresenta o *Aion*, um outro tipo de temporalidade. Recuperamos esse conceito, compreendendo-o como o tempo da conexão dos fluxos do inconsciente. Assim, o “*Aion* é o lugar dos acontecimentos incorporais e dos atributos distintos das qualidades. [...] é povoado de efeitos que o habitam sem nunca preenchê-lo. [...] é ilimitado como o futuro e o passado, mas finito como o instante.” (DELEUZE, 1994, p. 170) Nesse sentido, não podemos pensar em indivíduo ou território, mas fluxos de desejo que circulam entre os corpos.

Nessa concepção de temporalidade, pensamos ser possível cartografar os movimentos do desejo, traçar seus mapas, delinear suas conexões, suas intensidades, as afecções que o corpo, no encontro com outro(s), produz. Nesse sentido, identificamos ser a cartografia própria ao tempo *Aion*, diferenciando-se da história, que funciona a partir do passado, na construção de uma genealogia, ligando-se a *Cronos*.

Portanto, com essa concepção temporal, que se liga ao funcionamento maquínico, corroboramos nossas premissas acerca do inconsciente. Este é produtivo, constrói-se sempre na imanência, tendo o acontecimento (o encontro de corpos) como parâmetro. Na imanência, o desejo se conecta rizomaticamente na formação de territórios que se constituem a partir dos objetos parciais.

Ora, tendo em vista a apresentação e oportunas ampliações no conceito de inconsciente, a partir de Deleuze/Guattari, vejamos agora como os objetos parciais de Klein participam desse inconsciente.

### 3.2. Dinâmica dos objetos parciais

#### 3.2.1. Os objetos parciais

Deleuze/Guattari (1976, p. 63) consideram a descoberta dos objetos parciais como um aspecto revolucionário da psicanálise kleiniana: “Melanie Klein fez a descoberta maravilhosa dos objetos parciais, esse mundo de explosões, rotações, de vibrações”.

Verificamos que os objetos parciais são as peças das máquinas desejantes e agentes de produção do inconsciente, o substrato para a construção de planos de imanência com os quais são criados territórios singulares. Não são fluxos de inconsciente em seu estado puro, já possuem uma configuração, mas a qualquer momento podem novamente desfazer-se e voltarem a ser fluxos.

Como vimos anteriormente, esses objetos participam da segunda síntese do inconsciente, a síntese disjuntiva de produção de registro, em que “os fluxos de energia ainda estão muito atados, os objetos parciais ainda muito orgânicos”. (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 20) Nesse momento da produção desejante, os objetos parciais estão se conectando no plano de imanência, participando da máquina desejante como “peças trabalhadoras” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 409) e o Corpo sem Órgãos como o motor que propulsiona a disjunção dos fluxos inconscientes.

Ora, pensamos que, na medida em que os objetos parciais e o Corpo sem Órgãos estão inter-relacionados, ambos propulsionados pelo desejo, esses objetos são partículas da produção subjetiva, social, sexual, econômica, política etc. Não possuem qualquer conotação pessoal e não são partes de pessoas ou representantes das figuras parentais, tal como propõe a psicanálise kleiniana. São extraídos dos fluxos sociais e não de uma totalidade orgânica, pois eles são justamente o que escapa aos territórios. Acerca desse aspecto, os autores afirmam: “os objetos parciais só em aparência são extraídos de pessoas globais; eles são realmente produzidos por uma extração sobre um fluxo [...] não

peçoal, com a qual se comunicam, ligando-se a outros objetos parciais.” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 64)

Além disso, compreendemos que os objetos parciais funcionam tal como as paixões de Espinosa, dividindo-se em bons e maus. Segundo Klein, representam experiências boas e más para o bebê. Entretanto, essa semelhança é somente aparente, pois a percepção dos objetos de Melanie Klein se refere a algo individual, sem que necessariamente o outro esteja implicado. Por outro lado, as paixões de Espinosa pressupõem o que é bom e mau para os encontros, quais deles são produtores de mais conexões e quais proporcionam decomposição.

Tendo em vista os aspectos apresentados em relação aos objetos parciais e sua função no inconsciente, convém discutirmos qual o papel desses no inconsciente, levando em consideração as três instâncias psíquicas – id, ego e superego.

### 3.2.2. Id, Ego, Superego sob uma ótica esquizoanalítica

Pensamos as instâncias psíquicas – id, ego e superego de acordo com uma ótica esquizoanalítica, embora Deleuze/Guattari não abordem essa questão no decorrer de sua obra. Aqui nós não discordamos da maneira como Klein os entende, mas fazemos uma outra leitura a partir da esquizoanálise.

Assim, de acordo com a psicanálise freudiana, o id é a instância na qual estão inseridas as pulsões, os instintos e os desejos, em forma de energia livre. Esses impulsos inconscientes não se reduzem ou se cancelam mutuamente, mas se combinam, formando uma composição intermediária ou transitória. No que diz respeito à psicanálise kleiniana, os objetos parciais ao se relacionarem formam dinâmicas diversas, permeadas por inúmeras fantasias inconscientes. Nesse sentido, supomos que o id (ou o inconsciente propriamente dito) é, em uma concepção esquizoanalítica, a substância líquida, participante do plano de imanência. Diferentemente de Freud ou de Klein, o id, nesse contexto, realiza suas conexões em rizoma, possui uma dimensão política, ética e estética e um tempo *Aion*. Comparamos, ainda, o funcionamento do id às duas primeiras sínteses do inconsciente – síntese conectiva e síntese disjuntiva.

O superego, em sua acepção original, é concebido como algo sólido e cristalizado, pois traz em seu cerne conteúdos advindos de proibições e acusações do meio

externo, valores que estão previamente estabelecidos pela cultura, ou ainda, o produto da primeira interdição imposta pelos pais no complexo de Édipo. Dessa forma, ele é concebido como parte da formação do inconsciente, opondo-se à atuação do id. Acreditamos que, tal como Melanie Klein (1928/1996), o superego pode proteger o ego contra sua própria agressividade, uma vez que não permite que os objetos parciais destruam suas conexões. Entretanto, consideramos que essa não necessariamente precise ser a única forma do ego se relacionar com o superego. De acordo com Deleuze (1994, p. 203)

[...] o superego reserva primeiro sua repressão não às pulsões libidinosas, mas somente às pulsões destruidoras que as acompanham. Eis porque a angústia e a culpabilidade não nascem das pulsões libidinosas, mesmo incestuosas, mas primeiramente das pulsões destruidoras e de repressão.

Esse é um modo de funcionamento temporário, um território existencial ou ainda um simulacro, que é criado e pode ser modificado a qualquer instante por novas conexões do inconsciente. Percebemos, dessa forma, que o autor nos oferece uma brecha, abrindo a possibilidade de pensarmos a atuação do superego juntamente com as pulsões libidinais (aquelas ligadas ao id). Considerando esse tipo de funcionamento, quais as decorrências para o inconsciente?

Pensamos que o superego não realiza suas proibições somente a partir de algo preestabelecido e dado *a priori* ao sujeito, mas funciona conectado ao plano de imanência. Assim, as interdições do superego seriam feitas a partir do que o corpo suporta e das marcas produzidas no corpo em encontros anteriores. Dessa forma, compreendemos que o superego considera as intervenções externas, porém as pondera de acordo com a disposição do corpo, agindo com prudência para que este não seja destruído, na efetuação de um campo de experimentação. O superego, então, é a instância que guarda em si as marcas impressas nos encontros. Tal aspecto combina-se com a dimensão ética do inconsciente, que vimos anteriormente.

Percebemos que a característica “ética” do superego coaduna-se também com a teoria nietzscheana das forças. Sendo assim, mesmo ligado a lembranças do corpo ou àquelas impostas pela sociedade, ele ajuda na produção das forças ativas, sustentando um território em que é possível a formação de algo novo. Isso promove o esquecimento, não permitindo que o consciente seja inundado por traços de memória.

Além disso, percebemos que o superego, ainda como uma instância que protege o corpo, participa das duas primeiras sínteses do inconsciente, fazendo parte da máquina desejante. Acreditamos que o superego aqui realiza cortes nos fluxos emitidos pelo id, mas lança fluxos que são incorporados à máquina desejante e que, por ventura, podem ser cortados por fluxos do id. Logo, assim como na psicanálise, o id e o superego estão intrinsecamente ligados, embora realizem diferentes conexões daquelas propostas pela teoria psicanalítica.

Por fim, entendemos que o ego é a instância que atualiza aspectos provenientes do id e do superego, sendo, portanto, a instância que se encarrega de dar visibilidade ao plano de imanência. Tal como a psicanálise propõe, o ego é a superfície do inconsciente, que recebe estímulos externos e é responsável pela expressão do corpo. Desse modo, o equiparamos à terceira síntese do inconsciente: a síntese de produção de consumo. Nela, os afectos se atualizam, formam simulacros. Assim, compreendemos que os objetos parciais passam do plano de imanência para o de organização por meio da interação entre id-ego-superego, proporcionando ao inconsciente um funcionamento maquínico.

Mas, ao pensar em inconsciente produtivo qual o papel das posições esquizo-paranóide e depressiva? Como Deleuze/Guattari se apropriam desse conceito de Melanie Klein?

### 3.2.3. Posição esquizo-paranóide e posição depressiva

Percebemos, no estudo detalhado das posições esquizo-paranóide e depressiva, que estas têm algumas semelhanças com as proposições de inconsciente vistas por nós até aqui.

Relembramos que os objetos parciais são elementos das conexões das máquinas desejantes, considerados em termos produtivos. Deleuze (1994) percebeu uma potencialidade neles de realizarem arranjos singulares – os planos de imanência, a partir do Corpo sem Órgãos. Mesmo parciais, trazem a multiplicidade<sup>10</sup> que possibilita a criação de territórios singulares. Assim, pensamos que os objetos parciais constituem, da mesma

<sup>10</sup> A multiplicidade é a infinidade de possibilidades que existem no plano de imanência. Entretanto, essas infinitas conexões não podem ser expressas nos planos de organização (territórios), porque eles comportam somente um determinado número de manifestações. Acerca desse aspecto, Deleuze (1994, p. 123) diz que “os indivíduos são proposições analíticas infinitas: infinitas no que exprimem, mas finitas na sua expressão clara, na sua zona de expressão corporal.”

forma que a psicanálise, a posição esquizo-paranóide. Entretanto, temos aí uma diferença fundamental em relação à posição proposta por Klein. A partir dos pressupostos de Deleuze (1994), entendemos a posição esquizo-paranóide como o plano de imanência, no qual os objetos parciais se conectam infinitamente. Aqui esquizo aparece como característica do inconsciente. Sua disjuntividade, capaz de unir aspectos múltiplos de maneira aleatória e rizomática, forma um verdadeiro movimento esquizofrênico.

Nesse sentido, essa posição se refere à primeira e à segunda síntese do inconsciente. Além disso, está contida nela o id e o superego, que propusemos anteriormente, em que os fluxos escorrem e são cortados. Logo, a posição esquizo-paranóide é produção de inconsciente em sentido estrito. Seus movimentos não podem ser captados por nossa consciência, mas, embora não sejam percebidos, eles existem e formam o arcabouço da vida psíquica.

Progressivamente, o corpo consegue constituir territórios. Novamente aqui atribuímos um entendimento diverso à posição depressiva de Klein. Em nossa concepção, nessa posição os objetos parciais passam a estabelecer planos de organização. Então, o corpo pode se expressar, constituindo o que Deleuze/Guattari (1976) consideraram como a terceira síntese do inconsciente. Nesse momento, o ego atua proporcionando a expressão de aspectos do id e do superego. A instância política e estética do inconsciente, de acordo com o que é possível ser expresso no encontro, determina quais traços do plano de imanência farão parte do território e qual configuração esse terá.

Em conseqüência desse processo, inferimos que a transição da posição esquizo-paranóide para a depressiva (ou a formação de territórios) ocorre durante toda a existência do sujeito. Há uma contínua e incessante desconstrução de sentidos, na medida em que uma nova reunião de objetos parciais forma uma configuração singular. Desse modo, tanto Melanie Klein quanto Deleuze acreditam que as posições se intercambiam durante toda a vida. Sobre essa alternância das posições Klein (1946/1991, p. 35) esclarece que “algumas flutuações entre a posição esquizo-paranóide e depressiva sempre ocorrem e fazem parte do desenvolvimento normal.” Deleuze (1994) concorda com as significações kleinianas acerca das posições quando explica:

Enquanto é o princípio da posição depressiva, o bom objeto não sucede a posição esquizóide, mas se forma na corrente dessa posição, com empréstimos, bloqueios e impulsos que dão o testemunho de uma constante comunicação entre os dois. (DELEUZE, 1994, p. 195)

Mas, novamente, encontramos uma semelhança aparente, pois, como veremos adiante, a concepção das posições de Deleuze (1994) aponta para as falhas no pensamento de Melanie Klein.

Convém, assim, destacarmos que à transição entre os fluxos de desejo ou objetos parciais nos planos de imanência e à formação de territórios Deleuze (1994) denominou profundidade plena e superfície, respectivamente. Por um lado, a profundidade é o primeiro estado dos corpos, em que os objetos parciais estão dispersos no plano de imanência. Por outro lado, a superfície é o segundo momento desse processo, em que os objetos parciais se organizam e constituem um território. Tomamos, então, a profundidade enquanto o inconsciente e a superfície enquanto consciência. Nesse capítulo, nos centramos na profundidade, pois nessa se encontram os aspectos concernentes ao inconsciente.

Dessa forma, a profundidade plena é composta por planos de imanência. Entendemos que, como esses planos comportam a conexão rizomática dos objetos parciais, contêm aspectos bons e maus e não cada um deles separadamente. O Corpo sem Órgãos, na segunda síntese do inconsciente, realiza conexões entre esses objetos na profundidade. Os encontros definem quais aspectos serão expressos, bem como quais territórios liberarão fluxos que entrarão novamente em conexão com elementos do plano de imanência e assim sucessivamente, desfazendo um território e configurando outro.

Nesse ínterim, o autor ainda atribui às fezes e a urina funções dentro do ego, na transição da posição esquizo-paranoide para a depressiva, mostrando sua importância na profundidade plena. Por um lado, as fezes têm especificidade esfaceladora, desintegradora dos objetos parciais, sendo “sempre órgãos e pedaços, ora temidos como substâncias tóxicas, ora utilizados ainda para esmigalhar outros pedaços” (DELEUZE, 1994, p. 193). Por outro lado, a urina “dá testemunho de um princípio molhado capaz de ligar todos os pedaços e superar o esmigalhamento da profundidade plena” (DELEUZE, 1994, p. 193), reunindo elementos no plano de imanência. Então, se fosse possível definir uma função para os excrementos na dinâmica psíquica seria a de construir e desconstruir os territórios existenciais ou ainda, fazer com que os objetos parciais passem da profundidade para a superfície.

A partir da caracterização de profundidade plena e superfície, podemos nos aprofundar nas posições propostas pela teoria kleiniana. Em quais aspectos tais posições se aproximam da profundidade e superfície enunciadas aqui? Quais são as críticas de Deleuze em relação à definição de posição de Klein?

Deleuze (1994) considera que Melanie Klein, quando propõe a posição esquizo-paranóide, na qual os objetos parciais são projetados e introjetados o tempo todo, submete o inconsciente a uma profundidade vazia. O sentido atribuído a vazio, nesse contexto, refere-se ao improdutivo, aquilo que inviabiliza a criação de novos territórios. Deleuze (1994) entende que há uma distinção da profundidade plena e vazia, sendo que “O que se opõe são duas profundidades, a profundidade vazia em que giram e explodem pedaços e a profundidade plena [...], fluída e perfeita, sem partes nem alteração, porque tem a propriedade de fundir e de soldar.” (DELEUZE, 1994, p. 193)

A profundidade vazia, quando cinde os objetos parciais em duas dimensões opostas, impossibilita a conexão entre os objetos bons e maus. Na perspectiva de Klein, é possível somente situações de gratificação e de frustração, representadas pelo objeto bom e mau respectivamente. Sendo assim, a cisão dos objetos bons e maus faz com que cada qual almeje um ideal. O primeiro anseia por ser o bom objeto, perfeito e ideal, introjetado no ego, protótipo de todas as situações de gratificação. O segundo representa as experiências de frustração, aquelas em que o objeto mau é perseguido e perseguidor. Nessa perspectiva, Deleuze (1994, p. 193) afirma que para Klein “só o íntegro, o completo é bom [...]”

Averiguamos que de acordo com Deleuze (1994), na cisão o ego poderia destruir os objetos bons, que ofereceriam gratificação e amor à mãe e introjetar os objetos maus, que despedaçariam seu corpo. Dessa forma, “Melanie Klein mostra ela própria que a cisão do objeto em bom e mau na introjeção duplica-se por um despedaçamento ao qual o bom objeto não resiste, uma vez que nunca estamos seguros de que não esconda um mau pedaço.” (DELEUZE, 1994, p. 193). Constatamos que esse modo de funcionamento do inconsciente pode promover a desintegração do corpo, uma vez que o ego, nessa fase incipiente, ainda não consegue distinguir os bons e maus e justamente por isso poderia confundi-los, aniquilando o corpo. Além disso, o objeto mau,

[...] é mau por princípio, isto é, a perseguir e perseguidor, tudo o que é pedaço. O que se opõe são duas profundidades, a profundidade vazia em que giram e explodem pedaços e a profundidade plena – duas misturas, uma de fragmentos duros e sólidos, que altera; a outra mistura, fluída e perfeita, sem partes nem alteração, porque tem a propriedade de fundir e de soldar. (DELEUZE, 1994, p. 193)

Sendo assim, na passagem da posição esquizo-paranóide para a depressiva, as experiências gratificadoras (objetos parciais bons) são empregadas na integração do ego, que põe em altura esses objetos, tornando-os totalizados e idealizados. Logo, o ego tenta suprir em vão as expectativas desse bom objeto introjetado, que passa a exercer a função

do superego, encarregando-se de propagar culpa e ressentimento, uma vez que “o bom objeto enquanto superego exerce todo o seu ódio. [...] O superego não começa com os primeiros objetos introjetados, como diz Melanie Klein, mas com este bom objeto que permanece em altura.” (DELEUZE, 1994, p. 194-195)

O nome que Klein atribui à posição esquizo-paranóide está associado justamente a esse movimento em que o objeto parcial bom é colocado em altura. Esquizo se relaciona justamente com a cisão, em que esses elementos não se conectam. Paranóide, por sua vez, constitui-se nesse processo que faz com que o objeto parcial mau e àquele em altura também se tornem perseguidores, sancionando interdições severas para o ego.

Então, a partir das proposições de Deleuze (1994), compreendemos que não acontecem rupturas na transição da posição esquizo-paranóide para a depressiva, no que se refere à profundidade, mas uma continuidade e permanente ligação entre elas. Não há também somente esse aspecto dual no psiquismo humano, mas inúmeras conexões decorrentes da conexão dos objetos bons e maus no plano de imanência. Assim, entendemos que esses não se integram em uma totalidade ou são transpostos para a altura, mas formam conexões entre si de modo disjuntivo na profundidade, aparecendo de maneiras múltiplas e singulares na superfície (consciência).

Uma consciência não é nada sem síntese de unificação, mas não há síntese de unificação de consciência sem forma do Eu ou ponto de vista da individualidade (Ego). O que não é nem individual, nem pessoal, ao contrário, são as emissões de singularidades enquanto se fazem sobre uma superfície inconsciente e gozam de um princípio móvel imanente de auto-unificação por *distribuição nômade*, que se distingue radicalmente das distribuições fixas e sedentárias como condições das sínteses da consciência. (DELEUZE, 1994, p. 105 – grifos do autor)

A partir disso, averiguamos que os mecanismos de defesa propostos pela teoria kleiniana são produtores de processos de transposição para a altura dos objetos parciais. Assim, a idealização ocorre quando o ego valoriza esse objeto, partindo do pressuposto que ele oferecerá satisfação ilimitada. A negação é a rejeição dele, uma vez que o ego se considera onipotente. A identificação é quando o ego percebe os aspectos referentes a ele pertencentes a si próprio. O triunfo é a sensação de sua dominação. O desprezo é a sua desconsideração. E o controle, por fim, é a execução de sua força e a negação de sua dependência sobre ele.

Esses mecanismos, definidos dessa maneira, despotencializam toda a ação do sujeito no plano da superfície, pois o ego, que deveria atuar na superfície de acordo com o encontro dos corpos, com o que se produzisse no acontecimento, segue em busca de um

ideal inalcançável. Percebemos que esses movimentos do ego invalidam a pluralidade do inconsciente maquínico. Isto ocasiona encontros ressentidos e culpados, que revivem a marca indelével da totalização e não conseguem realizar outros encontros. Logo, o objeto completo “não dá seu amor senão como devolvido, como perdoando, não dá o seu ódio senão como lembrando ameaças e advertências” (DELEUZE, 1994, p. 196)

Pensamos até aqui o papel da profundidade e da superfície, analisando as posições esquizo-paranóide e depressiva. Mas, de que forma a criança é eroticamente afetada no seu contato com o mundo tendo em vista o caráter sexual dos objetos parciais e sua expressão no acontecimento? Para responder tal indagação, recorreremos ao conceito de zona erógena.

#### 3.2.4. Zonas erógenas e o caráter parental dos objetos parciais

As zonas erógenas, segundo Deleuze (1994), como forma de organização psicosexual, são acontecimentos da superfície, ou seja, “[...] representam um certo isolamento de um território, das atividades que o investem e das pulsões que nele encontram agora uma fonte distinta” (DELEUZE, 1994, p. 201) São a forma de expressão dos objetos parciais, que encontram nas diferentes partes do corpo maneiras de manifestação. De acordo com o autor: “O objeto parcial de um estágio é posto em pedaços pelas atividades às quais é submetido; o objeto parcial de uma zona é, antes, separado de um conjunto pelo território que o ocupa e que o limita.” (DELEUZE, 1994, p. 201)

O corpo, nesse sentido, é vivido em sua totalidade, uma vez que as zonas erógenas não estão associadas somente a seus respectivos orifícios (boca, anus, vagina, pênis), mas a toda a região, inclusive aos órgãos internos que a circundam.

Com efeito, cada zona é a formação dinâmica de um espaço de superfície em torno de uma singularidade constituída pelo orifício e prolongável em todas as direções até a vizinhança de uma outra zona dependendo de uma outra singularidade. (DELEUZE, 1994, p. 202)

Entendemos que esse é um processo dinâmico em que as zonas erógenas constantemente são estimuladas, de acordo com as suas próprias necessidades libidinais. Averiguamos que o corpo busca, por meio dessas, a satisfação, o gozo imediato. Sendo

assim, notamos a consonância das proposições kleinianas e deleuzianas quanto ao conceito de zona erógena.

Propomos, de acordo com a compreensão que delineamos sobre o inconsciente, que esse processo acontece em momentos distintos, que são reversíveis e se alternam constantemente. Logo, um território se delinea, algumas zonas são ativadas e, em seguida, outros elementos são incorporados a essa composição, transformando-a em uma outra. Esses movimentos se coadunam com as três sínteses do inconsciente descritas por nós. Nesses períodos as zonas erógenas são ativadas, constituindo dinâmicas e configurações variáveis.

Para tal desenho da sexualidade, entendemos que é necessário que a última fase de desenvolvimento, a genital, ligue todas as zonas erógenas precedentes no corpo da criança, não permitindo que percam sua particularidade, somente as organizando. “Esta linha, emanada da zona genital, é a que liga todas as zonas erógenas entre si, logo assegura sua emenda ou sua dobra e faz todas as superfícies parciais uma só e mesma superfície sobre o corpo da criança.” (DELEUZE, 1994, p. 206). Assim, compreendemos que a zona genital configura a sexualidade, fornecendo a percepção de uma totalidade corporal à criança e proporcionando sua diferenciação em relação ao mundo. Acreditamos, assim, que a erogeneidade dispersa no interior do corpo são como os objetos parciais se conectando no plano de imanência. Logo, seus elementos configuram os territórios, decorrência do aparecimento da posição depressiva.

Para a sexualidade atingir tal forma, de acordo com Deleuze (1994), o falo teria que ser um órgão de superfície, pois funcionaria, assim, como organizador das diferentes zonas erógenas, na medida em que repara os danos causados à mãe através das pulsões destruidoras, além de constituir uma nova relação com o pai. Pensamos que o falo adquire essa função quando os territórios ainda estão fixados nas relações parentais. Ao invés de remeter novamente os objetos parciais aos pais, como faria a psicanálise kleiniana, a relação com eles seria refeita, a fim de abrir possibilidades de novas conexões e edificar novos territórios. Assim, o falo não aparece nessa fase como órgão, mas imagem projetada na superfície, tal como as zonas erógenas.<sup>11</sup>

O falo, como imagem projetada sobre a zona genital, não é de forma nenhuma um instrumento agressivo de penetração e dilaceramento. Ao contrário, é um

<sup>11</sup> O enfoque da zona genital foi discutido por Deleuze em *Lógica do Sentido* (1994). Entretanto, em *O anti-Édipo* (1976), Deleuze/Guattari se utilizam do conceito de zona erógena somente no que diz respeito a erogeneização do corpo da criança. Dessa forma, recuperamos essa discussão, pois a consideramos importante nesse trabalho.

instrumento de superfície, destinado a reparar os ferimentos que as pulsões destruidoras, os maus objetos internos e o pênis das profundidades fizeram suportar o corpo materno e a tranquilizar o bom objeto, a convencê-lo a não se desviar (os processos de “reparação” sobre os quais insiste Melanie Klein nos parecem, nesse sentido, pertencer à constituição de uma superfície ela mesmo reparadora). (DELEUZE, 1994, p. 206)

Nesse contexto, o falo ganha uma nova significação, uma faculdade diferente daquela dada pela psicanálise. Analisando a sociedade, que pauta suas relações na dinâmica familiar, Deleuze transpõe o sentido oferecido pela psicanálise, dando a ele uma função em que se torna produtivo, constituindo territórios sexuais singulares e proporcionando a formação de “*n* sexos”. Em relação a esse aspecto Deleuze/Guattari (1976, p. 374-375) afirmam que “[...] as máquinas desejanter ou o sexo não humano; [tem] nem um nem mesmo dois sexos, mas *n*... sexos. A esquizoanálise é a análise variável dos *n*... sexos num sujeito, além da representação antropomórfica que a sociedade lhe impõe e que ele se dá de sua própria sexualidade.”

As zonas erógenas nos fornecem um panorama, dentro da esquizoanálise, da sexualidade. Acreditamos, entretanto, que esta discussão possa ser ampliada para uma questão importante na psicanálise, que coloca os pais como equivalentes gerais, ou ainda, como referência para todos os encontros do sujeito.

Deleuze/Guattari (1976) não discordam do caráter sexual das conexões feitas pelos objetos parciais, porém, o que questionam todo o tempo é sobre o aspecto familiar dado pela psicanálise a essas conexões. Observamos que os objetos parciais, na perspectiva kleiniana, sempre são representados a partir do pai e da mãe referendando os encontros da criança e, conseqüentemente, remetendo qualquer ato, pensamento, sentimento ou afeto às reminiscências advindas da infância. “Não se trata de negar a importância vital e amorosa dos pais. Trata-se de saber qual é seu lugar e sua função na produção desejanter, em vez de fazer o inverso e rebater todo o jogo das máquinas desejanter no código restrito do Édipo.” (DELEUZE;GUATTARI, 1976, p. 66) A proposta de atuação da esquizoanálise é “desedipianizar” o inconsciente, destituindo os pais da função de equivalente geral.

Ressaltamos, então, que Deleuze/Guattari colocam “[...] os pais no seu verdadeiro lugar no inconsciente, que é o de indutores quaisquer [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 123) Ora, como explicitam Deleuze/Guattari (1976), os pais não necessariamente precisam funcionar como referência, raiz arborescente da qual brotam todas as experiências e encontros do sujeito. Segundo essa perspectiva, inferimos que os genitores funcionam como elementos do plano de imanência, podendo ou não participar

das conexões rizomáticas dos fluxos desejantes e da formação dos territórios existenciais. Suas conexões podem comportar algum sentido parental somente enquanto simulacro, ou seja, um território existencial entre inúmeros possíveis.

Sendo assim, eles não negam a importância dos pais. Entendem que os sujeitos fazem parte da família nuclear capitalista e, estando imersos na cultura ocidental, a participação do território familiar é inevitável e, às vezes, estrutura a personalidade. Acerca dessa questão, os autores dizem que “é em meio aos objetos parciais e nas relações não-familiares da produção desejante que a criança experimenta sua vida e se pergunta o que é viver, mesmo que a questão deva ser ‘referida’ aos pais e só possa receber uma resposta nas relações familiares.” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 67) Entretanto, precisamos,

Esquizofrenizar, esquizofrenizar o campo de inconsciente, e também o campo social histórico, de modo a fazer explodir o jugo do Édipo, e reencontrar em toda parte a força das produções desejantes, religar no próprio Real o laço da máquina analítica, do desejo e da produção? Porque o próprio inconsciente não é mais estrutural do que pessoal, ele não simboliza mais do que imagina ou figura: ele máquina, ele é maquinico. Nem imaginário nem simbólico, ele é o Real em si mesmo, ‘o real impossível’ de sua produção” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 73)

Então, como estabelecer uma relação com a mãe e o pai, de forma que eles se transformem em ponto de passagem dos afetos?

Para respondermos a tal indagação recorreremos a Deleuze/Guattari (1976) que acreditam que a relação estabelecida entre o bebê e a mãe forma uma máquina desejante, o seio se liga à boca e constrói com ela uma máquina de comer, de recepção de alimento, na qual há fluidez e interrupção de fluxos desejantes. Dessa forma, “o seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada nela.” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p. 15)

Consideramos que o seio da mãe ou, ainda, o pênis do pai funcionam como objetos parciais, proporcionando à criança uma das possibilidades de contato com o mundo após o nascimento para o posterior estabelecimento de relações com outros corpos. Segundo essa perspectiva, o bebê não está em simbiose somente com a mãe, tal como proposto pela teoria kleiniana, mas em simbiose e indiferenciação com o mundo, pois na posição esquizo-paranóide não consegue se distinguir das coisas que o cercam e delimitar um espaço seu.

Acreditamos que a diferenciação do bebê e do mundo que o circunda não se refere à entrada do pai na relação, como terceiro elemento, mas no arranjo de planos de

ordenação na superfície, decorrentes do advento da posição depressiva. Dizendo de outra forma, emana do aparecimento, na superfície, dos objetos parciais conectados na profundidade.

Percebemos que nesse contexto aparece, ainda na teoria kleiniana, o pênis ou falo como órgão que deve ser possuído a todo custo. Sua falta, no caso das meninas, ou o medo de perdê-lo nos meninos, faz com que a criança realize inúmeros movimentos para tê-lo durante sua vida. Os homens precisam certificar-se de que o possuem através de testes de realidade constantes; as mulheres, por sua vez, acham que o filho é extensão do corpo delas e, portanto, funcionam como um falo. Dessa maneira, a teoria kleiniana considera o falo como um órgão pertencente às figuras parentais, necessário e imprescindível para a existência do sujeito. Tal como a psicanálise propõe, na altura ou na profundidade, pode ser também causador de grande angústia, aquela relacionada à castração e à frustração. O pênis aparece como um órgão penetrante, que possui um poder destruidor ou restaurador em relação ao interior do corpo do outro, com poder absoluto de atuação.

Assim, aparece o pênis da profundidade, que corta em pedaços e devora o corpo da criança, além de castrá-la. Na menina, a castração retira o significante falo, na medida em que ela não pode mais reparar a mãe e afasta ainda mais o pai. Em contrapartida, no menino a castração não acontece de fato, mas a angústia de perder o pênis faz com que ele não consiga reparar a mãe, pois corre o risco de ser castrado pelo órgão mau do pai, afastando-se desse, já que o pai se torna um rival.

O pênis em altura, por sua vez, frustra o bebê porque não consegue dar a satisfação ilimitada que buscava, o que caracteriza esse pênis como frustrador. Além disso, suas exigências de reparação são enormes e impossíveis de serem executadas pelo ego, uma vez que o pênis destruidor proveniente dos objetos maus da profundidade retirou do ego (pênis da superfície) toda sua potência reparadora e trouxe-lhe em seu cerne uma culpa tão intensa quanto as suas exigências.

Além disso, consideramos importante discutir como Melanie Klein concebe os órgãos sexuais masculinos e femininos. Segundo sua perspectiva, o pênis surge como um órgão que penetra; a vagina, por sua vez, como um lugar que necessariamente precisa ser penetrado. Acreditamos que Melanie Klein, desse modo, desconsidera que esses órgãos podem comportar outras múltiplas funções e maneiras de funcionamento, além daquelas preestabelecidas socialmente, consideradas como universais. Sendo assim, verificamos que

o seio, a vagina e o pênis, dessa forma, perdem sua conectividade na profundidade, deixando de realizar todas as conexões possíveis.

Ressaltamos, então, que um dos reparos que Deleuze/Guattari realizam em sua obra é retirar o pênis desse papel de estruturador da personalidade, ou melhor, de toda a construção subjetiva da sociedade contemporânea.

A esquizofrenização da qual os autores se referem compreende a transposição do plano da representação para a produção de novos territórios. Nesse sentido, o complexo de Édipo, o falo e os pais são destituídos do lugar de equivalente geral e colocados como indutores dentro dos fluxos desejantes.

A partir da compreensão dos pressupostos de Deleuze/Guattari apresentados, revisados e complementados por nós, compreendemos a produtividade do inconsciente, criador de realidades singulares e múltiplas. Demonstramos até aqui, não a busca de mais um modelo de inconsciente, mas sua problematização, trazendo contribuições que julgamos serem importantes na psicologia.

A partir das discussões apresentadas até aqui faltava ainda entender um ponto fundamental, decorrência de nossos estudos: como os objetos parciais deixam de compor os planos de imanência, para se tornarem expressão no corpo, ou seja, emergirem para a superfície dos acontecimentos? A linguagem se configurou para nós como uma perspectiva interessante de análise. E, a partir desse pressuposto, tínhamos muitas questões, dentre elas: o que significa a linguagem em termos psíquicos? De que maneira ela é formada? Como os objetos parciais e as posições podem participar do processo de aquisição da linguagem? Entendemos que a linguagem, que se desdobra no brincar infantil, é a forma que os objetos parciais têm de manifestar as conexões dos fluxos desejantes. O caso Richard nos ofereceu esse panorama para que pudéssemos entender o processo de aquisição da linguagem pelo brincar. Nesse sentido, o tema da linguagem também se tornou fundamental para entendermos o inconsciente maquínico e rizomático.

4.

*A aquisição e  
expressão da  
linguagem*

## 4. A aquisição e expressão da linguagem

---

*Não é verdade que o verbo represente uma ação;  
ele exprime um acontecimento, o que é completamente diferente.  
E nem a linguagem se desenvolve a partir de raízes primeiras;  
ela se organiza em torno de elementos formadores que determinam o seu todo.*

Gilles Deleuze

### 4.1. A expressão do corpo – Gênese Estática e Dinâmica

Consideramos que a linguagem permite a expressão do corpo, seja no sentido de emissão de palavras, seja por meio da gestualidade, ou ainda na conjugação de ambas<sup>12</sup>. “A linguagem só pode ser definida pelo conjunto de palavras de ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um dado momento.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 16)

Verificamos que Deleuze (1994) entende a linguagem a partir de um processo denominado por ele de “gênese dinâmica”, que se coaduna com nossa proposição de inconsciente, observada no terceiro capítulo. A gênese dinâmica torna a linguagem possível, expressão de um inconsciente maquínico, permitindo compreender como os corpos podem manifestar-se ou expressar seus afetos.

Pensamos, em confluência com Deleuze (1994), que o encontro dos corpos é um “acontecimento”, um evento único que diz respeito somente àquele encontro. Por isso, a gênese da linguagem envolve uma lógica acontecimental. Esse fenômeno é da ordem dos corpos, pois são os efeitos de seus encontros ou maquinações e também de uma ordem puramente lingüística, posto que a linguagem expressa o acontecimento. Assim, o acontecimento é da ordem da imanência, da experiência do encontro e não é gerado em algo exterior a ele, na medida em que as maquinações desejanter produzem o

---

<sup>12</sup> Como não é possível, de acordo com Greimas [1983?], definir a linguagem, por ser um fenômeno complexo, depreendemos dela apenas os elementos que acreditamos que se aplicam ao nosso entendimento de inconsciente. “Pode-se dizer que a linguagem é objeto de saber, visado pela semiótica geral (ou semiologia): não sendo tal objeto definível em si, mas apenas em função dos métodos e procedimentos que permitem sua análise e/ou sua construção, qualquer tentativa de definição da linguagem (como faculdade humana, como função social, como meio de comunicação, etc) reflete uma atitude teórica que ordena a seu modo o conjunto dos ‘fatos semióticos’.” (GREIMAS, [1983?], p. 259)

acontecimento, que corresponde exatamente à expressão da linguagem. Eis o escopo da gênese dinâmica. Estabelecemos, ainda, uma relação de semelhança entre o conceito de acontecimento e o de superfície, na medida em que ambos se referem ao plano atual.

A linguagem, antes de ser constituída, é composta por inúmeros ruídos, que fazem parte do plano de imanência. Dessa forma, “os estalos, os estalidos, os rangidos, crepitações, explosões, os ruídos explodidos dos objetos internos, mas também os gritos-sopros inarticulados do Corpo sem Órgãos que lhe correspondem” (DELEUZE, 1994, p. 197) integram a profundidade. Percebemos que os ruídos não podem ser identificados pelos sentidos, uma vez que esses elementos se conectam no plano de imanência, mas seus efeitos são visualizados quando os corpos se expressam. Nesse estágio, não há expressão, pois os ruídos isoladamente não possuem significado algum. Porém, eles têm potencialidade de formarem enunciados, pois estando dissociados, tendem a se conectar na profundidade.

Além disso, notamos que o plano de imanência é constituído também por agenciamentos coletivos de enunciação. Esse conceito diz respeito ao conjunto de leis, regras e princípios que permeiam um dado campo social. “Se o agenciamento coletivo é, em todos os casos, coextensivo à língua considerada, e à própria linguagem, é porque exprime o conjunto de transformações incorpóreas que efetuam a condição da linguagem, e que utilizam os elementos da língua.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 25-26)

Assim, entendemos a língua como uma forma de expressão criada histórica e socialmente, possuidora de um acervo lingüístico, o qual é formado por signos e regras inerentes a si próprio.<sup>13</sup> Segundo Deleuze/Guattari (1997a, p. 25) “uma língua parece se definir pelas constantes fonológicas, semânticas, sintáticas, que coexistem em seus enunciados.” Nesse sentido, afirmamos que a língua é mais um componente que integra o que denominamos linguagem.

Consideramos que os ruídos, os agenciamentos coletivos de enunciação e a língua propriamente dita são constituintes da expressão do corpo. Desde o nascimento, a criança começa a entrar em contato com esses elementos. Em consequência desse fato, comparamos os objetos parciais aos ruídos, aos agenciamentos coletivos de enunciação e

---

<sup>13</sup> O conceito de língua pensado por Deleuze/Guattari (1997) se coaduna com o de Greimas ([1983?], p. 258): “Denomina-se língua ou língua natural um tipo de macrossemiótica, cuja especificidade, embora parecendo evidente, não deixa facilmente definir. Qualificada de ‘natural’, presume-se que a língua se opõe às linguagens ‘artificiais’ na medida em que caracteriza a ‘natureza humana’, embora transcendendo os indivíduos que a utilizam ela apresenta-se como uma organização estrutural imanente, dominando os sujeitos falantes que são incapazes de mudá-la, ainda que esteja em seu poder construir e manipular as linguagens artificiais.”

também à língua, pois esses elementos estão inseridos no espaço social e nos corpos, conectando-se nos planos de imanência, formando o arcabouço da vida psíquica. Os objetos parciais são elementos que adquirem uma forma no encontro dos corpos, trazendo um sentido singular ao acontecimento. A partir disso, inferimos que a posição esquizo-paranóide corresponde a essa primeira fase da linguagem, na qual os objetos parciais estão dispersos na profundidade, sendo apenas elementos dispersos.

Os objetos parciais passam a se organizar por meio do Corpo sem Órgãos na segunda síntese do inconsciente, deixando “de ser uma qualidade específica atinente aos corpos, ruído ou grito, para designar agora qualidades, manifestar corpos, significar sujeitos e predicados”. (DELEUZE, 1994, p. 191) Propomos que a linguagem propriamente dita toma existência quando há a organização dos objetos parciais, na medida em que é possível atribuir-lhes um sentido, articular palavras e, conseqüentemente, formar frases e períodos.

A partir disso, concluímos que a posição depressiva é o momento em que há a expressão dos corpos. Essa expressão é o que Deleuze/Guattari (1976) consideram como terceira síntese do inconsciente (de produção de consumo). Acontece, então, a criação de territórios existenciais, na medida em que os objetos parciais que estavam na profundidade emergem para a superfície.

Falaremos daqui em diante das propriedades da linguagem, sem nos esquecermos dos elementos que a constituem e que a tornam possível.

A expressão é apenas um simulacro, a formação de algo efêmero. É possível demonstrar a criação e dissolução de territórios, pensando no inconsciente maquínico e suas três sínteses, sem que esse processo represente a dissolução do psiquismo. Assim, inferimos que o acontecimento possui um caráter efêmero, podendo ser desconstruído por novos elementos incorporados ao plano de organização, deixando de possuir as características que possuía anteriormente, tornando-se outro.

Consideramos que a expressão dos corpos é a individuação do enunciado, a materialização dos afetos que estavam no coletivo (profundidade) e emergem para a superfície, sendo que “não dá para distinguir, portanto, uma língua coletiva e constante, e atos de fala, variáveis e individuais.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 45) Os autores afirmam que a linguagem se manifesta também através do corpo que complementa o sentido criado pelas palavras, tornando a expressão “performática”. Além disso, a expressão singular que alia corpo e palavras diz respeito a uma pragmática, algo que ocorre na imanência e forma um território. Segundo Deleuze/Guattari (1997a, p. 33, 42)

[...] desde que levamos em conta os valores pragmáticos ou as variáveis interiores [...] somos forçados a [...] construir ‘objetos abstratos’ (transformações incorpóreas) que implicam em uma sobrelinearidade, isto é, um plano cujos elementos não possuem uma ordem linear fixa: modelo rizoma. [...] quando introduzimos na linguagem uma pragmática interna, somos necessariamente levados a tratar da mesma maneira os elementos não-linguísticos, gestos, instrumentos, como se os dois aspectos da pragmática se reunissem, na mesma linha de variação, no mesmo *continuum*.

Portanto, percebemos que, de acordo com a lição de Deleuze, o inconsciente definido pela potência acontecimental leva o território a se desfazer, a novamente se tornar ruídos, permitindo a expressão de novos sentidos. A linguagem forma um território; ao mesmo tempo, o próprio acontecimento gera linhas de fuga que proporcionam o aparecimento de outros elementos da profundidade em conexões múltiplas e singulares na superfície, propiciando a formação de outros territórios. Dessa forma, do ponto de vista deleuziano, compreendemos a linguagem como um movimento de desterritorialização promovido pelo acontecimento. Sobre esse aspecto Deleuze/Guattari (1997a, p. 56) afirmam:

A passagem ao limite revela-se agora como a transformação incorpórea, que não cessa entretanto sem ser atribuída aos corpos: a única maneira de não suprimir a morte, mas de fazer dela mesma uma variação. A linguagem é impelida por esse movimento que a faz estender para além de seus próprios limites, ao mesmo tempo que os corpos são tomados no próprio movimento da metamorfose ao seu conteúdo, ou da exaustão que os faz alcançar ou ultrapassar o limite de suas figuras.

Compreendemos que os corpos, nos agenciamentos produzidos nos encontros, fazem sua própria configuração de elementos lingüísticos no acontecimento, apropriando-se de maneira singular das normas, expressões e palavras inerentes à língua, utilizando um conjunto específico de signos para se expressar. Dizemos que a linguagem está intrinsecamente relacionada com suas constantes, suas regras e, ainda, com um momento histórico-social definido. “As constantes são essenciais à determinação das virtualidades pelas quais a variação passa; são elas mesmas, facultativamente escolhidas.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 45) A expressão dos corpos é fruto de uma verdadeira cartografia, que inclui fluxos de ordem sexual, afetiva, econômica, social, política entre outras. Nesse sentido, a linguagem está contida especialmente no plano da estética, na formação de territórios de expressão.

Para entendermos melhor como acontece o processo formador da linguagem

apresentaremos as três dimensões próprias à linguagem demonstradas por Deleuze (1994), a saber: a) designação; b) manifestação e c) significação. O autor, ainda, incorpora uma quarta, o sentido, que se coaduna com a problemática do acontecimento, funcionando de maneira rizomática.

a) A designação são os estados de coisas, “na associação das próprias palavras com imagens particulares que devem “representar o estado de coisas” (DELEUZE, 1994, p. 13) ou ainda, a denominação ou qualificação daquele corpo, o signo instituído socialmente para representá-lo ou, ainda, em que período do tempo cronológico esse objeto se encontra: ontem, hoje, agora, amanhã. “É isso” ou “não é isso” são inferências que devem ser realizadas para mencionar um determinado objeto, o que distingue um objeto de outro e lhe oferece uma peculiaridade. “A indicação ou designação subsumia os estados de coisas individuais, as imagens particulares e os designantes individuais, as imagens particulares e os designantes; [...]” (DELEUZE, 1994, p. 14)

b) A manifestação são as inferências causais que se estabelecem entre os estados dos corpos, “da relação do sujeito que fala e que se exprime [...], o enunciado dos desejos e das crenças que correspondem à proposição” (DELEUZE, 1994, p. 14). Deleuze (1994) percebe a manifestação como a expressão de uma idéia baseada em crenças e desejos do interlocutor, entendendo desejo como as expectativas que o sujeito nutre em relação ao objeto. E crenças como a disposição de considerar algumas coisas no objeto como sendo certas ou verdadeiras, por hábito ou a partir das impressões do sujeito. Nesse momento, a identidade é criada, pois revela a manifestação de um ‘eu’ pessoal que diz sobre alguma coisa, cunhando o que poderíamos chamar de pré-conceitos. Em suma, “[...] os manifestantes, a partir do Eu, constituem o domínio do pessoal, que serve de princípio a toda designação possível.” (DELEUZE, 1994, p. 14)

c) A significação concilia várias proposições, de modo que formem uma demonstração ou ainda, conceitos universais ou gerais, a partir de uma condição de verdade entre elas. Segundo Deleuze (1994, p. 15), “a significação se define por esta ordem de implicação conceitual em que a proposição considerada não intervém senão como elemento de uma ‘demonstração’, no sentido mais geral da palavra, seja como premissa, seja como conclusão.” Por fim, a verdade, nesse caso, não é mais alcançada por meio de crenças e desejos, tal como na manifestação, mas no encadeamento de sentenças que tornam

determinado estado de coisas verdadeiro.

Acreditamos, assim como Deleuze (1994), que as três primeiras características inerentes à linguagem apresentadas acima são pertencentes ao que ele denomina de “gênese estática”. Ao contrário da gênese dinâmica, esse modo de funcionamento parte do individual, da idéia de Eu. “O complexo indivíduo-mundo-interindividualidade define um primeiro nível de efetuação do ponto de vista da gênese estática.” (DELEUZE, 1994, p. 16) Percebemos que a contraposição mais marcada entre a gênese dinâmica e a estática está no fato da gênese estática não considerar a dimensão da imanência, do encontro dos corpos. Pela análise da gênese estática percebemos que o indivíduo contém características que lhe são próprias, tais como a designação (“o nome dele é ...”), a manifestação (“Eu acho que ele é ...”) e a significação (“ele é um homem”). Então, de acordo com Deleuze (1994) os verbos caracterizam essas três dimensões da linguagem, ou seja, “o verbo dobra toda sua conjugação em conformidade com as relações da designação, da manifestação e da significação – o conjunto dos tempos, das pessoas e dos modos” (DELEUZE, 1994, p. 190)

Essa é uma visão apenas parcial ou de mão-única no que concerne aos corpos, interessando-se somente por aquilo que está contido no sujeito enquanto átomo ou corporeidade desconectada do que existe fora dele. Isso não significa, na concepção de Deleuze, que aí se considere a inúmera gama de possibilidades que exista no plano virtual ou de imanência ou ainda o que acontece no encontro entre os corpos.

Assim, Deleuze (1994) não pensa na formação de identidades cristalizadas, pois os corpos, no encontro com outros, diferenciam-se e formam combinações singulares. Os sentidos se definem e redefinem no acontecimento. Na identidade, o sentido está pressuposto, de modo que haveria a cristalização da existência. Entendemos que as posições esquizo-paranóide e depressiva também não implicam na formação dessas identidades, uma vez que suas diversas configurações na superfície criam inúmeros simulacros.

Embora Deleuze (1994) suponha que não haja a formação de identidades, propomos que existe algo nos encontros que se imprime nos corpos, constituindo marcas, que não são necessariamente uma identidade, mas uma proto-identidade. Assim, há particularidades que os definem enquanto tais e que são como uma “constante”<sup>14</sup>, apesar dos encontros serem singulares. Essas marcas ou impressões, se levarmos em conta um

---

<sup>14</sup> Essas constantes não são cristalizações (o que eventualmente pode acontecer), mas são, na realidade, um modo de ser.

modo de inconsciente reativo, não são referências para todos os encontros, mas reaparecem como pressupostos daquele corpo.

Em decorrência da análise do acontecimento, entendemos que a gênese dinâmica leva em consideração uma quarta dimensão pertencente à linguagem: o sentido. Esse aspecto, proposto por Deleuze (1994), é tudo o que concerne e se aplica ao encontro dos corpos e não a algo instituído *a priori*. O sentido é o efeito do acontecimento. O sentido-acontecimento é múltiplo como são as conexões de fluxos desejantes nos planos de imanência. Pensamos, a partir dessas considerações acerca da gênese dinâmica que o processo de expressividade do corpo constitui-se de devires, construindo territórios a partir do acontecimento-sentido e incorporando objetos parciais que estão na profundidade e que se expressam na superfície.

Ressaltamos que Deleuze (1994) supõe que o verbo, na dimensão do sentido, funciona como um componente que oferece uma “maneira de ser” aos corpos. O verbo no infinitivo não é somente designante de uma ação, mas exprime um acontecimento, indicando processos de afetos impessoais. Segundo Deleuze (1994, p. 190)

o verbo é a univocidade da linguagem sob a forma de um infinitivo não determinado, sem pessoa, sem presente, sem diversidade de vozes. [...] o verbo no infinitivo exprime o acontecimento da linguagem, a linguagem como sendo ela própria um acontecimento único que se confunde agora com o que a torna possível.

A partir dessas primeiras premissas, nos perguntamos como as instâncias psíquicas – id, ego e superego, fazem parte da expressão do corpo pela linguagem? Quais as implicações de seu entendimento para o inconsciente proposto pela perspectiva da esquizoanálise?

#### 4.2. Id, Ego e Superego na expressão do inconsciente

As três instâncias psíquicas, que compõem o inconsciente, também possuem implicações no que diz respeito à linguagem, até mesmo porque todo esse processo é resultado de mecanismos inconscientes, como vimos. Consciente e inconsciente, profundidade e superfície, imanência e organização perpassam o id, ego e superego.

O id, vislumbrado por nós anteriormente, é o inconsciente maquínico em seu

estado bruto, plano no qual os objetos parciais se conectam infinitamente e que, embora não se manifestem de maneira expressiva (pois estão em um plano virtual) constituem a expressão do corpo. Assim, seus elementos (os objetos parciais) não participam da linguagem, mas são potencialmente capazes de formá-la, em decorrência dos acontecimentos.

O superego, por sua vez, também contém elementos do que consideramos inconsciente, fazendo parte do plano de imanência, tendo a função de incorporar intervenções e sanções, as leis que atravessam o universo social. Em nosso trabalho, nós atribuímos ao superego a incumbência de proteger o corpo, através das marcas deixadas pelos encontros o que, ao contrário das leis e intervenções, pressupõe o contato entre os corpos. Para a problemática em questão, consideramos que o superego traz consigo as informações *a priori* acerca da linguagem (a língua e os agenciamentos coletivos de enunciação), que são transmitidas através do contato com o social.

Por fim, o ego é a parte do aparelho psíquico capaz de combinar os aspectos disjuntivos do id e do superego. É, de fato, a instância que possibilita a formação da linguagem, atuando na superfície. O ego atualiza os elementos que antes estavam no plano de imanência, formando planos de organização ou territórios. Dessa forma, como já dissemos, o modo de expressão dos corpos será único, pois cada qual conjugará de maneira diferente os elementos do id e do superego na superfície para a manifestação daqueles corpos.

Além disso, entendemos que essa expressão é múltipla, existindo, dentro de inúmeras possibilidades, várias maneiras de manifestar um corpo. Em suma, pensamos que, no acontecimento, o encontro de corpos é proporcionado pelo ego que integra os objetos parciais do id e do superego, sendo que as marcas apreendidas nesses encontros (no acontecimento) são registradas no superego.

Pensando nos processos formadores da linguagem e nas instâncias psíquicas acima apresentadas e analisadas por nós, qual a importância do brincar infantil?

#### 4.3. Brincar infantil

Concebemos que o brincar, assim como a linguagem, é uma expressão dos encontros de corpos que caracterizam os fluxos desejanter do inconsciente. Nesse estudo,

definimos o brincar infantil como um tipo de linguagem produzida pelo corpo, uma vez que esse oferece uma configuração às conexões dos objetos parciais (no plano de imanência) como o sentido-acontecimento nas brincadeiras.

Acreditamos que o brincar infantil reúna duas características do inconsciente: singularidade e multiplicidade, na medida em que cada brincadeira é a maneira que a criança encontra para se expressar, de modo a reunir a heterogeneidade de seus planos de imanência (inconscientes) que se compõem com o brinquedo, ou aquilo que ela considerou como tal, de forma a fazer com que aquele corpo se expresse e seus afetos possam ganhar território.

Sendo assim, o brincar proporciona que o desejo produza realidades múltiplas e singulares, na medida em que suas maquinações e as conexões dos objetos parciais, que partem da profundidade plena ou id para a superfície, constroem sentidos únicos aos encontros. Concebemos, por fim, que o brincar é uma dimensão do ego, enquanto um processo acontecimental que integra o id e os preceitos do superego.

Propomos, ainda, que o simbolismo, considerado por Klein como eixo do processo de aquisição da linguagem é, em uma perspectiva deleuziana, a construção de planos de ordenação, nos quais a formação de símbolos se torna possível, ao elaborar as imagens mentais dos objetos do mundo externo. Essas imagens não partem de um deslocamento de afetos em relação aos pais para outros objetos, tal como vimos na teoria kleiniana, mas se formam no encontro dos corpos, são marcas mnemônicas desses encontros.

Concluimos que no brincar estão contidas as quatro dimensões da linguagem, uma vez que, a partir do momento em que a criança possui a capacidade de simbolização (formação de territórios de ordenação), ela consegue constituir os três primeiros movimentos. Esses processos estão interligados e ocorrem em um nível inconsciente, por isso não podem ser captados pelos órgãos sensoriais. Além disso, no brincar, enquanto acontecimento, a criança atinge a quarta dimensão proposta por Deleuze, construindo sentidos múltiplos e singulares para aqueles encontros.

Constatamos que Klein desconsidera a quarta dimensão da linguagem, na medida em que concebe o processo de simbolização calcado nas figuras parentais, na reprodução das identificações primárias. O brincar, ainda nessa concepção, se dá no movimento ininterrupto de projeção e introjeção dos objetos parciais, reforçando a representação em um plano parental (profundidade vazia). O sentido dado pela perspectiva kleiniana está previamente estabelecido no modelo edipiano, sendo que no encontro

acontece a reedição da tragédia grega. A criança, dessa forma, não constrói territórios na superfície-acontecimento, ou quando consegue fazê-lo, as interpretações remetem o sentido novamente às figuras parentais. Vimos, novamente, que os pais têm uma importância crucial no pensamento kleiniano, na medida em que desde sua expressão mais primitiva (os objetos parciais), os genitores compõem-se com esses elementos.

A partir do desenvolvimento sexual do menino e da menina, notamos que tanto a vagina quanto o pênis têm funcionamentos preestabelecidos, ao passo que os órgãos sexuais determinam um jeito de “ser homem” e de “ser mulher”, criando uma maneira pré-concebida de como estar no mundo. Assim, Klein desconsidera os movimentos desejantes. Acreditamos que esse modo de compreender o psiquismo é “moralizante” (em um sentido platônico), porque se pauta em modelos ideais de existência.

Discordamos dessa concepção, uma vez que para nós não existe personalidade, mas simulacros, modos de ser e agir únicos, que se modificam de acordo com o que é produzido nos encontros com outros corpos. Pensamos que a sexualidade é somente mais uma maneira que o sujeito possui de dar expressão ao corpo, apropriando-se dos afectos que percorrem as zonas erógenas de inúmeros modos.

Além disso, quando Klein entende que o brincar infantil é um atuar (*acting-out*), ela infere que a criança somente age sobre o brinquedo, desconsiderando o encontro brinquedo-criança. Assim, acreditamos que o verbo-brincar funciona na teoria kleiniana somente enquanto um designante e um significante de conflitos internos da criança.

Em contrapartida, percebemos, portanto, que quando um corpo se encontra com outro ambos se influenciam naquele ato. Assim, no brincar, a criança não imprime somente uma ação sobre o brinquedo, mas cria no conjunto brinquedo-criança uma maneira de ser. Um território é construído para a expressão de seus afectos. Nesse sentido, os encontros compõem uma forma que se diferencia dos corpos que estão contidos no acontecimento, contemplando os elementos do plano de imanência. Sendo assim, esse brincar aparece enquanto verbo para designar acontecimentos, criando novos sentidos, pois no próprio ato incorporam-se outros elementos que antes não estavam contidos anteriormente. Há um momento limite, no qual o desenvolvimento das atividades culmina em um movimento de desterritorialização, na medida que outros elementos (pode-se dizer os objetos parciais) vão sendo incorporados a essa brincadeira, emergindo a partir do jogo criado.

A fim de exemplificar de que forma o brincar infantil participa da produção desejante e como este constitui a expressão do inconsciente apresentaremos o caso do

menino Richard, analisado e descrito por Melanie Klein, a partir das críticas que Deleuze/Guattari teceram durante sua obra, utilizando-nos também, dos desdobramentos deste trabalho.

#### 4.4. A expressão do inconsciente: o brincar de Richard

O caso Richard é um dos mais famosos de Melanie Klein. Com a descrição detalhada desse atendimento, que tem a duração de quatro meses, a autora pretendia mostrar como a teoria e a técnica seriam aplicadas à análise infantil. Dessa maneira, a partir de Richard,

Melanie Klein expandiu o conhecimento que se tinha do complexo de Édipo de duas maneiras: primeiro, descobriu que os estágios iniciais desse complexo – que, segundo Freud, forma o núcleo de todas as neuroses – e depois à posição depressiva, na sua concepção a posição central no desenvolvimento da criança. (KLEIN, 1945/1996, p. 415 – nota do editor inglês)

A análise de Richard iniciou-se em 1941, época da Segunda Guerra Mundial. O menino tinha 10 anos e morava nos arredores da Inglaterra. Foi levado à terapia, pois apresentava muito receio de estar com outras crianças e de sair sozinho. Além disso, possuía uma inibição de suas capacidades cognitivas e falta de interesse pelas coisas externas. Preocupava-se muito com sua saúde, estando constantemente doente e deprimido. Sofreu de várias enfermidades durante sua infância, sendo submetido a duas cirurgias (circuncisão e tonsilectomia<sup>15</sup>) nos primeiros seis meses de vida. A segunda grande guerra aumentou ainda mais os medos e ansiedades do menino. Apresentava muito temor dos ataques aéreos e das bombas, acompanhando todas as notícias com atenção.

Por sua grande repercussão, Richard tornou-se referência para as discussões que se traçaram na esquizoanálise. Uma vez que esse material é muito extenso, escolhemos a terceira sessão (anexo A) para ilustrar a expressão do inconsciente pelo brincar, pois esse atendimento reúne elementos significativos de todo o processo de análise.

Notamos que Klein, na análise de Richard, atém-se somente à designação, à manifestação e, principalmente, à significação<sup>16</sup>. Esse aspecto traz uma problemática

<sup>15</sup> Procedimento cirúrgico em que são extraídas as amídalas do paciente.

<sup>16</sup> Usaremos números para separar cada elemento da sessão, como forma de facilitar a análise.

discutida por nós anteriormente, quando apresentamos as dimensões da linguagem. As três dimensões, analisadas por Klein, não levam em consideração o encontro entre Richard, Klein e os diversos elementos trazidos para as sessões.

O garoto, na medida em que apreende o mundo a sua volta, designa, dá nomes aquilo que observa, tentando entender a situação de guerra e o seu cotidiano. Na sessão por nós escolhida, o menino reconhece os países do mapa de Klein que estão envolvidos na guerra e assinala, ainda, inúmeros corpos que fazem parte de sua vida, tais como:

1. Inglaterra, Alemanha, Grécia, Portugal, Noruega;
2. O cachorro Bobby;
3. A neve e um casal que encontrara;
4. Os pais;
5. O zoológico e o macaco;
6. O relógio de Klein;
7. A tempestade e a gripe;
8. O mapa da Europa.

Dessa forma, Richard se exprimia, tornando as designações acima parte de uma manifestação individual, em que se estabeleciam relações de causa e efeito entre elas de acordo com seus desejos, crenças e observações. Assim, Richard

1. Percebeu que os navios de guerra britânicos ficariam bloqueados no mar Mediterrâneo, não podendo passar pelo canal de Suez, se o estreito de Gibraltar fosse tomado pelos alemães. Nesse caso, tinha dúvidas se a frota inglesa poderia ser resgatada pela Grécia e ainda se Hitler poderia escravizar os ingleses. Notou que Portugal e a Noruega eram muito pequenos se comparados à Alemanha e que poderiam ser dominados por Hitler;

2. Comentou de um longo passeio que fizera com o cachorro Bobby e da sua crença sobre a vontade do animal de ter filhotes;

3. Relatou um passeio em que andara de trenó, no qual presenciara o acidente de um casal, em que o homem machucara o nariz e a mulher caíra em cima dele;

4. Disse que os pais ficavam zangados com ele quando ficava de mau humor, precisando, nesse caso, de aliados. Relacionou esse fato com Churchill e a Inglaterra. Mencionou, ainda, a dificuldade de ter tantos pais diferentes dentro de si;

5. Lembrou-se de uma ida com os pais ao zoológico, em que um macaco pulara em cima dele, pegando as nozes que estavam em sua mão e arrancando seu boné;
6. Perguntou pelo relógio de Klein, uma vez que gostava dele e queria ir logo embora;
7. Por fim, contou que havia caído uma tempestade e ele havia ficado gripado;
8. Fez com que Klein olhasse o mapa novamente, comparando o tamanho da Alemanha e da França e afirmando que Darlan<sup>17</sup> ajudara os alemães e era um traidor.

Klein encontra nesses relatos do garoto um conteúdo latente, uma significação que visa o entendimento de aspectos do inconsciente do menino. Logo, a interpretação é o redirecionamento dos afetos de Richard às figuras parentais. Sendo assim,

1. Os países representavam o pai e a mãe do garoto e a relação que ambos mantinham. A Alemanha significa o pai e a Inglaterra a mãe. O medo do garoto é que os genitais do pai ficassem presos no interior da mãe e que esta fosse machucada pelo pai. Sentia também vontade de agredir aos pais e muita culpa por esse sentimento;
2. O cachorro Bobby representava o próprio garoto, que gostaria de ocupar o lugar do pai, ficando com a mãe, apresentando seu desejo de ser independente, de ter uma família;
3. O acidente do casal simbolizava a relação sexual dos pais. Nessa ocasião sentiu-se culpado pelo acidente, mas ficou mais aliviado porque tudo acabou bem e seus impulsos sádicos não foram concretizados. Achou divertido e angustiante o incidente, na medida em que o fato do homem ter cortado seu nariz significava um machucado no pênis do pai, o que lhe causara satisfação e, ao mesmo tempo, culpa;
4. Havia aí um outro sentimento em relação aos pais: sentia que o pai “bom” poderia proteger sua mãe, assim como Churchill à Inglaterra. Esses pais são idealizados, em contraposição àqueles que considerava “maus” quando ficavam zangados com Richard. Existia, ainda, uma ambigüidade no que concerne aos genitores, ora amados ora odiados, por isso a diversidade de pais dentro de si mesmo;
5. O macaco tinha duas significações. Por um lado, pais “bons” que alimentavam seus filhos. Por outro lado, um Richard voraz e ingrato, que arrancava o genital do pai e não reconhecia o bem que os pais faziam em relação ao garoto;
6. O interesse de Richard pelo relógio de Klein se deve ao fato dele querer ir

---

<sup>17</sup> Darlan fez parte do governo francês na época da ocupação alemã.

embora. O menino estava ansioso por ver se a mãe estava bem, se não a destruía por seus ataques sádicos e se seu amor continuava o mesmo. Olhar o relógio era como tentar ver se o interior de Klein estava destruído, assim como pensou que o macaco pudesse fazer com ele;

7. e 8. A tempestade que ocasionara uma gripe em Richard não era o motivo de sua angústia, mas sim o incidente com o macaco, na medida em que se identificava com o animal no que diz respeito à agressividade e voracidade. Assim, o menino sentia-se um traidor, quando se comportava como o macaco.

Por conseguinte, levantamos, três questões principais que se referem a expressão de Richard e a interpretação de Klein:

- a) Por que razão é preciso pensar todos os encontros da criança a partir do pai e da mãe? Isto é, por que os objetos parciais precisam estar vinculados às figuras parentais?
- b) Por que a teoria kleiniana utiliza-se sempre do seio da mãe e do pênis do pai (ou falo) como algo que sempre deve existir nas relações com outros corpos como órgão colocado na altura ou na profundidade?
- c) Como perceber o sentido criado na relação de Melanie Klein e o menino?

Melanie Klein tenta vincular todas as experiências e desejos do menino ao âmbito familiar, de modo que nada escape desse equivalente geral, porque, como psicanalista, acredita que o romance familiar calcado no complexo de Édipo é estruturador da personalidade. Verificamos que os encontros do menino se tornam ressentidos, na medida em que Klein não lhe dá a oportunidade de criação de novos territórios ou a invenção de um novo sentido para aquilo que se configurava.

[...] Melanie Klein, que no entanto fez de tudo para determinar os meios do inconsciente, tanto do ponto de vista das substâncias ou das qualidades quanto dos acontecimentos, parece ignorar a atividade cartográfica do pequeno Richard. Só vê ali um depois, simples extensão de personagens parentais, o bom pai, a mãe má... (DELEUZE, 1997, p. 74)

Apresentaremos um esquema mostrando como os elementos da sessão são remetidos aos pais.

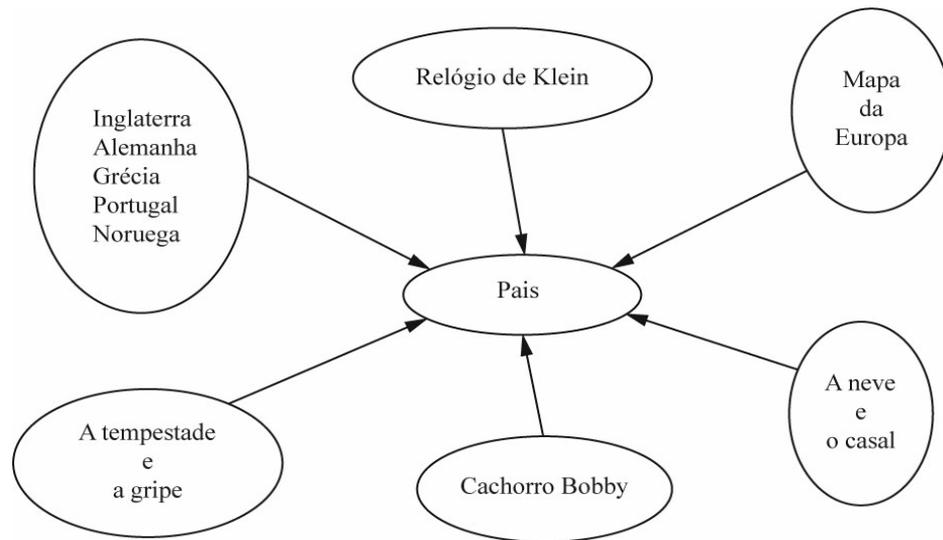


Figura 1 – Esquema demonstrativo das significações dadas por Klein.

Podemos ver, através desse esquema que explicita o destino das interpretações dadas a Richard, que todos os elementos da sessão são remetidos aos pais. Em consonância com a proposição de inconsciente esquizoanalítico estudado anteriormente, notamos que esse movimento impediu a conectividade dos objetos parciais na superfície dos acontecimentos, uma vez que os objetos parciais, ao invés de funcionarem como fluxos impessoais que circulam entre os corpos, ficaram colados às figuras parentais.

Sendo assim, percebemos que, no início da análise, Richard tentava escapar das interpretações da psicanalista, o que ela acredita ser uma simples resistência do menino, como pode ser observado, por exemplo, no trecho: “[...] mas [Richard] discordou enfaticamente com a outra parte da interpretação [...]” (KLEIN, 1961/1994, p. 32) Entendemos, nesse fragmento, que quando o menino se recusa a aceitar esse tipo de intervenção Klein remete novamente o seu conteúdo a uma suposta realidade referendada sempre pelo pai e mãe, voltando a reinterpretar. Richard, durante a análise, acaba aceitando as inúmeras interpretações de Klein, após várias tentativas de esquivar-se delas.

Mais do que os adultos, as crianças resistem à pressão e à intoxicação psicanalíticas; Hans<sup>18</sup> ou Richard o tomam com todo o bom humor de que são capazes. Porém não conseguem resistir por muito tempo. Têm que guardar seus mapas, sob as quais só restaram fotos amareladas do pai-mãe. (DELEUZE, 1997, p. 74)

Constatamos que a análise de Klein se constrói na gênese estática, conforme já estudamos. A técnica psicanalítica utiliza essa gênese, que considera somente a

<sup>18</sup> Caso descrito por Freud em 1909.

designação, a manifestação e a significação, a fim de individualizar e personalizar os objetos parciais, na medida em que toda a expressão dos afetos de Richard transforma-se em significação de um 'eu', remetendo o menino a si próprio o tempo todo. O menino tentou dizer de afetações coletivas que passavam pelo seu corpo, quando falou da guerra. Klein somente interpretava, fazendo com que esses afetos coletivos e sociais se voltassem ao individual e retornassem a um âmbito pessoal e familiar.

Pode-se verificar que, desde o início do relato de Klein sobre o caso, ela atribui um caráter edipiano à relação que seu paciente estabelece com o mundo, na medida em que acredita que o fato do menino gostar da casa refere-se a uma identificação de sua pessoa e, por consequência, aos seus pais.

Em relação às zonas erógenas, um último aspecto que consideramos importante destacar, é o fato de Richard, em princípio, não conseguir alcançar o estágio genital, uma vez que sentia-se incapaz de possuir o pênis idealizado, pois não conseguiria restaurar e criar territórios na superfície com esse órgão, além de sentir-se incapaz de atingir suas exigências. Ao mesmo tempo, esse mesmo pênis, se colocado na profundidade, destruiria tudo, sua relação com o mundo, inclusive com sua mãe e seu pai, o que lhe traria imensa culpa e ressentimento. Compreendemos que no final de sua análise, após as inúmeras interpretações feitas por Klein, o menino consegue chegar a esse estágio, mas ao alto custo de ter que ficar afixado nas figuras parentais.

Então, como encontrar novos sentidos, sem que eles apontem para novas significações ou interpretações?

Percebemos que Richard utilizou diversos elementos para expressar suas angústias e ansiedades, considerados instrumentos para que pudesse dar expressão aos seus sentimentos, de modo a fazer conexões com o mundo que o circunda.

[...] empregava vários tipos de material em sua brincadeira, por exemplo, os lápis e os lápis de cera que usava para fazer os desenhos que também representavam pessoas. Além disso, trazia para a sessão seu próprio conjunto de navios de brinquedo [...] (KLEIN, 1945/1996, p. 419)

Tendo em vista a quarta dimensão da linguagem proposta por Deleuze (1994), o sentido, que toma como princípio o encontro de corpos e sua imanência, notamos que, no encontro com Klein e esses diversos materiais, Richard cria vários sentidos.

1. Os países trazem a idéia de deslocamento, de mudança de lugar. Richard os

sobrepõem, os desdobra, os entende a partir da guerra;

2. O cachorro indica uma vontade de sair, de conhecer o mundo e se aventurar nele. Richard concorda com Klein quando ela diz que ele se identifica com Bobby. Acreditamos que não haja necessariamente uma identificação, mas há algo do cachorro em Richard, que se parece com o ter filhos do cachorro, como o ato ou o efeito de gerar: produção do inconsciente;

3. O passeio na neve, por sua vez, ressalta novamente o caráter de passagem e de transitoriedade. A queda do casal demonstra que há algo de inusitado da vida;

4. O caráter múltiplo dos pais aparece aqui, os inúmeros pais em Richard. Assim, o garoto é povoado pela variedade de afectos desses pais, de forma que “os próprios pais são um meio que a criança [Richard] percorre, com suas qualidades e potências, e cujo mapa ela traça.” (DELEUZE, 1997, p. 73);

5. O mudar de lugar está presente mais uma vez, do mesmo modo que o incidente do macaco também mostra a imprevisibilidade dos acontecimentos;

6. Olhar o relógio de Klein proporciona a Richard efetivar o deslocamento. Sair com a mãe traz a possibilidade da produção de novos territórios, nos quais o menino não sabe com quem ou com o que se deparará;

7. A tempestade demonstra que se encontrar não faz parte apenas de experiências “boas”, mas pode decompor o organismo. Assim, a gripe é decorrência de um “mau encontro”. Richard, a partir de sua experiência, notar que é necessário ter prudência. Nesse momento, entra em ação o superego, que percebe os limites de seu corpo no contato com outros corpos;

8. O retorno ao mapa mostra que Richard, inferindo o que poderia destruí-lo, tenta trocar de lugar por uma última vez, buscando um território que propiciasse a composição de seu corpo com afecções alegres e que produzisse outros encontros.

Concluimos, a partir de nossa análise acerca do caso Richard, que o brincar do menino faz parte de traçados que começaram a se delinear no contato com Klein, criando um sentido imanente à relação deles. Então, notamos que o modo de expressão do menino é múltiplo. O encontro entre os diversos brinquedos da sala, a terapeuta e Richard possibilita a expressão de inúmeros afectos que se constituem o tempo todo no plano de imanência. Eles, no decorrer dos atendimentos, deram forma a vários territórios. Como exemplo disso, durante a análise, um lápis serve para desenhar em alguns momentos e, em outros, tornara-se uma pessoa.

Esse foi o modo que Richard pôde utilizar para “explorar os meios, por trajetos dinâmicos e traçar os mapas correspondentes.” (DELEUZE, 1997, p. 73) De maneira geral, notamos que há algo em Richard que quer transitar em diversos lugares, produzir outros territórios em busca de encontros com vários sentidos, vislumbrando inusitadas paisagens. Assim, a mudança faz com que Richard transforme seus afetos construindo “[...] inúmeros mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subentende o trajeto.” (DELEUZE, 1997, p. 76)

Richard percebeu também que o lugar terapêutico era um espaço onde isso poderia acontecer. A casa na qual Richard fazia análise era um local que se tornava mais um meio através do qual poderia traçar suas trajetórias e reorganizar os objetos parciais para a constituição de novos territórios. Klein acreditava que a preferência por sua casa era somente pela transferência estabelecida entre o menino e a psicanalista.

Dessa forma, verificamos que o deslocamento de Richard aconteceu de um ponto a outro, construindo um verdadeiro mapa. Assim, “[...] ele os colore, os inverte, os superpõe, os povoa com seus chefes, a Inglaterra e Churchill, a Alemanha e o Hitler.” (DELEUZE, 1997, p. 74) Embora não possamos apreender os movimentos inconscientes (plano de imanência) é possível esboçar uma cartografia que ilustra os efeitos e os traçados construídos no encontro de Klein e Richard.

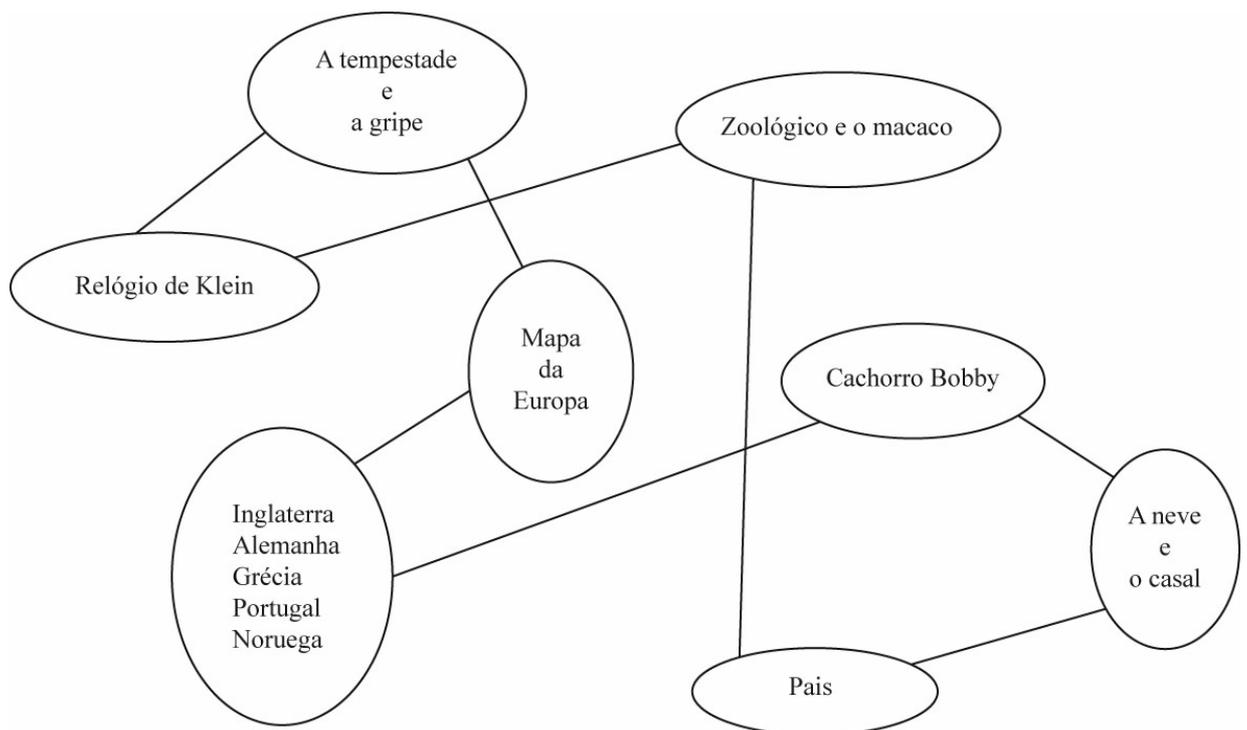


Figura 2 – Esquema demonstrativo do trajeto de Richard na sessão

Assim, averiguamos que cada elemento de sua fala constrói uma superfície que ainda carrega consigo marcas do anterior. Evidenciamos, ainda, que o plano de organização é constituído por elementos que emergem da profundidade ao território, modificando-o, mesmo que permaneçam resquícios do anterior.

Dessa forma, concordamos com Deleuze (1997) quando afirma que os traçados construídos pelo menino nesses encontros não representam a situação familiar, mas a configuração da situação da guerra, que o angustiava muito. Richard tenta compreender a guerra, uma vez que também faz parte dela, relacionando seus medos, desejos e ansiedades a essa situação histórica, fato este que Deleuze leva em consideração quando diz: “O pequeno Richard é estudado por Melanie Klein durante a guerra.” (DELEUZE, 1997, p. 74)

Além disso, nesse movimento, notamos que o garoto tenta também entender sua própria hostilidade, o que ela provoca nos meios em que passa, de que forma afeta os corpos nos seus encontros. O medo que ele tinha de outras crianças é o medo da agressividade que permeia não somente a guerra, mas o social. Tentar entender a guerra foi a possibilidade de se aproximar da destrutividade que o encontro com o outro pode proporcionar. Da mesma maneira que os países se tornavam aliados ou inimigos, faziam novas alianças ou simplesmente se traíam, isso acontecia igualmente entre as pessoas, o que causava desconfiança entre elas e despertava esse mesmo sentimento em Richard. Assim, o menino experimentava o contato com o novo e o diferente, não somente em relação a aspectos amorosos, como também destrutivos, tentando realizar os encontros com prudência.

Percebemos, no entendimento desse aspecto significativo da análise de Richard, que o desejo é percorrido pelo real e pelo social, não somente a manifestação do mundo interno do garoto. Nesse sentido, Richard, na configuração de seus desenhos não queria apenas trazer à tona problemáticas pessoais, que eram evidentes, mas explicitou a guerra por meio da expressão de agenciamentos maquímicos de enunciação, naquele contexto social específico.

O medo que Richard apresenta da morte em tempos de guerra é real e não fantasmático como pensa Melanie Klein, de modo que,

[...] no limite, o imaginário é uma imagem virtual que se cola ao objeto real, e inversamente, para constituir um cristal no inconsciente. Não basta que o objeto real, que a paisagem real invoque imagens semelhantes ou vizinhas; é preciso

que ele desprenda sua própria paisagem virtual, ao mesmo tempo que esta, como paisagem imaginária, se introduza no real seguindo um circuito em que cada um dos termos persegue o outro, intercambia-se com outro. (DELEUZE, 1997, p. 75)

Concluimos que, estudando o caso Richard, apreendemos os movimentos do inconsciente maquínico, com suas características fundamentais e que demonstramos no decorrer de nosso trabalho. Ao mesmo tempo, o modo como Richard expressa seus afetos, dá a eles um delineamento, possibilitando entender as dimensões da linguagem analisadas por Deleuze (1994) e oferecendo, ainda, um sentido aos territórios singulares constituídos. A demonstração desse caso estende, então, o estudo do inconsciente esquizoanalítico à clínica, mesmo que ainda entendida teoricamente, evidenciando conceitos discutidos por nós.

Nosso trajeto se iniciou pelo estudo da conexão dos fluxos de maneira desordenada nos planos de imanência e se prolongou até o plano de organização ou os territórios propriamente ditos, nos quais os elementos da profundidade se cristalizam. Portanto, ao estudarmos o inconsciente e, posteriormente, a sua expressão por meio da linguagem completamos um ciclo, que não pretende se esgotar nele mesmo.

5.

*Considerações  
finais*

## 5. Considerações finais

---

*O atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos,  
o que estamos nos tornando, isto é, o Outro, nosso devir-outro.  
O presente, ao contrário, é o que somos e, por isso mesmo, o que já deixamos de ser.*

Deleuze e Guattari

Produzir uma pesquisa a partir de duas teorias aparentemente divergentes não é tarefa fácil. Faz parte de um constante questionamento no campo teórico, que necessita de prudência para que as teorias não se confundam e criem um sincretismo. Para realizar um estudo desse tipo é preciso também ter a precisão dos conceitos que compõem cada campo epistemológico. Foi a partir desses pressupostos que essa dissertação se compôs. Apesar de nosso referencial teórico ser a Esquizoanálise, o que se torna claro com nossa leitura e análise acerca do inconsciente, apropriamo-nos de alguns pressupostos da psicanálise kleiniana.

Sendo assim, acreditamos que a principal contribuição desse trabalho é a sistematização do conceito de inconsciente esquizoanalítico, o qual se encontra disperso no decorrer da obra de Deleuze/Guattari. Com efeito, complementamos, ainda, algumas proposições desses autores. Assim, a partir da esquizoanálise, aproximamos da psicologia alguns dos conceitos dessa construção teórica, ampliando o entendimento de alguns dos preceitos psicanalíticos.

Compreendemos que no inconsciente, a partir da lógica dos encontros, os objetos parciais deixam de ser simples representantes do universo psíquico, para se tornarem parte de um plano em que são a-pessoais. A atemporalidade da psicanálise é traduzida em termos de uma temporalidade concernente às conexões do plano de imanência. As posições esquizo-paranóide e depressiva são vistas por nós como plano de imanência e organização, respectivamente. As clássicas instâncias psíquicas (id, ego e superego) são entendidas como profundidade e superfície. E, por fim, o simbolismo do brincar é visto como a organização dos objetos parciais.

Dessa forma, concebemos que os objetos parciais participam da máquina desejante, conectando-se rizomaticamente por meio do Corpo sem Órgãos. O desejo, que move o funcionamento desse inconsciente, é aquele ligado à produtividade, à vontade de

transformação da existência, na configuração de territórios singulares. A expressão do corpo, por sua vez, aparece como o resultado ou o efeito dessas maquinações inconscientes, levando em consideração os afectos que perpassam os corpos no acontecimento, seja de ordem individual ou coletiva.

Acreditamos que tais núcleos de análise são, por assim dizer, o resultado mais palpável da presente dissertação, pois, sem que constituam problemas resolvidos, conferem a nosso trabalho uma possibilidade de continuação. Assim, consideramos cumpridos, de certa forma, os nossos objetivos iniciais.

Percebemos que o modo como Melanie Klein explica o psiquismo retrata o mecanismo de nossa sociedade. Isso é inegável. Entretanto, pensamos que essa análise é uma das possíveis leituras do modo de funcionamento da mente humana. Cabe, então, a criação de novos territórios, vislumbrando novas paisagens, ao invés de perpetuar a estrutura familiar, no que concerne, especificamente, ao Édipo. Nesse sentido, nosso encontro com o caso Richard nos proporcionou determinada produção de sentidos, a qual não pretende se esgotar nele mesmo, nem estabelecer alguma verdade. Portanto, constatamos que o inconsciente esquizoanalítico produz-se nos encontros vividos, que fazem conexões e produzem devires e intensidades o tempo todo. O entendimento do inconsciente se refere a um plano psíquico e os efeitos que eles geram no social.

Aproximações entre a Esquizoanálise e uma teoria de desenvolvimento infantil trazem à tona um modo singular de compreensão do inconsciente. Consideramos que, nossa segunda colaboração, essa especificamente à psicologia consiste no desdobramento de nosso estudo à clínica. Esta pode ser entendida como uma composição estética, em que se criam territórios inéditos e singulares, na afirmação da vida, na valorização dos encontros alegres. Estes permitem aos corpos aumentarem sua capacidade de afetar e serem afetados, de produzirem novos agenciamentos. Propomos, assim, que existe uma complementaridade entre o pensamento de Espinosa e Nietzsche, percebida também por Deleuze/Guattari, da qual nos aproveitamos aqui para o entendimento da clínica. Desse modo, há a valorização, em um sentido nietzschiano, das forças ativas, isto é, aquelas voltadas à transformação e à criação, que, por sua vez, produzem os encontros alegres, de acordo com Espinosa.

Deleuze/Guattari criticam a psicanálise, na medida em que esta atribui um caráter edipiano a todas as relações e conexões, desconsiderando as múltiplas e singulares relações que podem se estabelecer entre os corpos. Verificamos que a família, nesse contexto, serve como mais um território, talvez o primeiro, no qual os objetos parciais

podem se conectar na superfície para partir em direção de outros territórios. Para Deleuze, a tarefa da esquizoanálise está em

[...] partir dos enunciados pessoais de alguém e descobrir sua verdadeira produção, que nunca é realizada por um sujeito, mas sempre por agenciamentos maquínicos do desejo e por agenciamentos coletivos de enunciação que o atravessam e nele circulam, escavando aqui, sendo bloqueados ali, sempre sobre a forma de multiplicidades, de bandos, de massas com unidade de ordens diferentes que o freqüentam e o povoam. (DELEUZE, 1990, p.88)

Concluimos que o “método” ou a “técnica” que deve ser utilizada nesse caso é a cartografia, que consegue captar os movimentos do desejo em sua latitude, nos seus movimentos de paradas, andanças ora mais lentas ora mais rápidas; e na longitude, no alcance que ele pode ter. Isso permite que o desejo seja mapeado, e a partir desse entendimento produzir agenciamentos que consintam ao corpo aumentar sua capacidade de afetar e ser afetado ou, ainda, intensificar a ação das forças ativas. A compreensão do sofrimento também se faz presente nessa perspectiva, o que não mortifica o sujeito, não o faz ressentir a todo instante, mas o projeta em novos encontros e em novos agenciamentos, na constituição de novas possibilidades para sua existência.

6.

# *Bibliografia*

## 6. Bibliografia

---

BOGUE, R. **Deleuze and Guattari**. London/New York: Routledge, 1989.

CARVALHO, E. M. M. **O Pensamento Vivo de Freud**. São Paulo: Martin Claret, 1985.

CHEMANA, R. (org.) **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

\_\_\_\_\_. **Espinoza e os signos**. Porto: Rés, [1989].

\_\_\_\_\_. **Espinoza: Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. Quatro proposições sobre a psicanálise. In: **SaúdeLoucura**. São Paulo: Hucitec, n. 2, p. 83-91, [1990].

\_\_\_\_\_. Duas Questões. In: **SaúdeLoucura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, n.3, p. 63-66, [1991].

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a. v. 2.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b. v. 4.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **O Que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

ETCHEGOYEN, R. H. **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FALCÃO NETO, J. L. M. **Povoar um Deserto: Vida e Transformações na Clínica**. 2002. 122 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

FREUD, S. (1923a) A consciência e o que é inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 25-31, v. 19. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1912a) A dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 131-143, v. 12. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 215-224, v. 19. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1920a) Além do princípio de prazer. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 17-85, v. 18. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1900?) A psicologia dos processos oníricos. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 543-660, v. 5. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1923) As duas classes de instintos. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 55-63, v. 19. (Edição Standart Brasileira)

FREUD, S. (1905a) A sexualidade infantil. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 177-212. v. 7. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1923b) A teoria da libido. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 308-312, v. 18. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 273-286, v. 12. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1920b) Identificação. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 133-139, v. 18. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1926) Inibições, sintomas e ansiedades. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 107-198, v. 20. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1917) Luto e Melancolia. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 271-291, v. 14. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1915a) Observações sobre o amor transferencial. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 207-221, v. 12. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1940) O aparelho psíquico e o mundo externo. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 224-237, v. 23. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1923c) O Ego e o Id. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 32-41, v. 19. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1923d) O Ego e o Superego (ideal do ego). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 42-54, v. 19. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1915b) O inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 185-233, v. 14. (Edição Standart Brasileira)

FREUD, S. (1915c) Os instintos e suas vicissitudes. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-162. v. 14. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1905b) Pós-escrito. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 109-119. v. 7. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1894?) Representações inconscientes e representações inadmissíveis à consciência – divisão da mente. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 277-296, v. 2. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1915d) Repressão. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 165-182, v. 14. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 211-228, v. 9. (Edição Standart Brasileira)

\_\_\_\_\_. (1912) Uma nota sobre o inconsciente da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 323-334, v. 12. (Edição Standart Brasileira)

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o Inconsciente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

GREIMAS, A. J.; COUTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultirx, [1983?].

GUATTARI, F. **Caosmose: Um Novo Paradigma Estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Revolução Molecular: pulsações Políticas do Desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HAAR, M. **Introdução à Psicanálise de Freud**. Lisboa: Ed. 70, 1987.

HEIMANN, P. (1952) Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: KLEIN, M. et. al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 136-184.

HEIMANN, P.; ISAACS, S. (1952) Regressão. In: KLEIN, M. et. al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 185-215.

HINSHELHOOD, R. D. **Dicionário do Pensamento Kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ISAACS, S. (1952) A natureza e a função da fantasia. In: KLEIN, M. et. al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 79-135.

JOSEPH, B. (1988) Relações Objetais na Prática Clínica. In: BARROS, E. M. R. (org.) **Melanie Klein: Evoluções**. São Paulo: Escuta, 1989. p. 159-177.

JOSEPH, B. (1985) Transferência: a situação total. In: SPILLUS, E. B. (ed.) **Melanie Klein Hoje: Desenvolvimentos da Teoria e da Técnica**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 2. p. 76-88.

KLEIN, M. (1923a) A análise de crianças pequenas. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 152-163.

\_\_\_\_\_. (1930) A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 249-264.

\_\_\_\_\_. (1932a) A importância das situações de ansiedade arcaicas no desenvolvimento do ego. In: \_\_\_\_\_. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 196-212.

\_\_\_\_\_. (1952a) Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 85-118.

\_\_\_\_\_. (1937) Amor, culpa e reparação. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 346-384.

\_\_\_\_\_. (1952b) As origens da transferência. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 70-79.

\_\_\_\_\_. (1932b) A técnica da análise de crianças pequenas. In: \_\_\_\_\_. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 36-54.

KLEIN, M. (1955a) A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 149-168.

\_\_\_\_\_. (1928) Estágios iniciais do conflito edípiano. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 214-227.

\_\_\_\_\_. (1932c) Estágios iniciais do conflito edípiano e da formação do superego. In: \_\_\_\_\_. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 145-168.

\_\_\_\_\_. (1932d) Fundamentos psicológicos da análise de crianças. In: \_\_\_\_\_. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 23-35.

\_\_\_\_\_. (1952c) Influências mútuas no desenvolvimento de ego e id. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 80-84.

\_\_\_\_\_. (1957) Inveja e gratidão. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 205-267.

\_\_\_\_\_. (1961) **Narrativa da análise de uma criança**: o procedimento da análise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

\_\_\_\_\_. (1959) Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 280-297.

\_\_\_\_\_. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43

\_\_\_\_\_. (1945) O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 413-464.

\_\_\_\_\_. (1933) O desenvolvimento inicial da consciência na criança. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 283-295.

\_\_\_\_\_. (1936) O desmame. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 330-345.

KLEIN, M. (1940) O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 385-412.

\_\_\_\_\_. (1923b) O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 81-99.

\_\_\_\_\_. (1932e) Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: \_\_\_\_\_. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 213-257.

\_\_\_\_\_. (1932f) Os efeitos das situações de ansiedade arcaicas sobre o desenvolvimento sexual do menino. In: \_\_\_\_\_. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 258-295.

\_\_\_\_\_. (1929) Personificação no brincar das crianças. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 228-239.

\_\_\_\_\_. (1926) Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 152-163.

\_\_\_\_\_. (1927) Simpósio sobre análise de crianças. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 164-196.

\_\_\_\_\_. (1955b) Sobre a identificação. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 169-204.

\_\_\_\_\_. (1952d) Sobre a observação do comportamento de bebês. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 119-148.

\_\_\_\_\_. (1948) Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 44-63.

\_\_\_\_\_. (1958) Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 268-279.

\_\_\_\_\_. (1950) Sobre os critérios para o término de uma análise. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 64-69.

KLEIN, M. (1931) Uma contribuição à teoria da inibição intelectual. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 269-282.

\_\_\_\_\_. (1935) Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: \_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 301-329.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES, P. C. **Pragmática do Desejo**: Aproximações a uma Teoria Clínica em Gilles Deleuze e Félix Guattari. 1996. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

MALCOLM, R. R. (1986) Interpretação: o passado no presente. In: SPILLUS, E. B. (ed.) **Melanie Klein Hoje**: Desenvolvimentos da Teoria e da Técnica. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 2. p. 89-108.

MALCOLM, R. R. (1980) Melanie Klein: Progressos e Problemas.: Reflexões sobre a Concepção de Relação Objetiva de Klein. In: BARROS, E. M. R. (org.) **Melanie Klein**: Evoluções. São Paulo: Escuta, 1989. p. 55-73.

MELANIE KLEIN: A ampliação dos limites da vida psíquica. São Paulo: Ediuoro, nº 3, v. 3, 98 p. Edição especial. (Coleção Viver - Mente & Cérebro).

MORIN, E. **Educar na Era Planetária**: O Pensamento Complexo Como Método de Aprendizagem pelo Erro e Incerteza Humana. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2003.

MUYLAERT, M. **Intermezzo**: Mestiçagem nos encontros clínicos. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

NAFFAH NETO, A. **O Inconsciente como Potência Subversiva**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 1992.

PETOT, J-M. **Melanie Klein I**: Primeiras Descobertas e Primeiro Sistema (1919-1932). 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Melanie Klein II**: O Ego e o Bom Objeto (1932-1960). São Paulo: Perspectiva, 1992.

RIVIERE, J. (1952) Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância. In: KLEIN, M. et. al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 48-78.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: [s.n.], v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

SEGAL, H. **Introdução à Obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

\_\_\_\_\_. **A obra de Hanna Segal: Uma Abordagem Kleiniana à Prática Clínica**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

SILVA, C. V. **O Conceito de Desejo na Filosofia de Gilles Deleuze**. 2000. 167 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia, Unicamp – Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

SIMON, R. **Introdução à psicanálise: Melanie Klein**. São Paulo: EPU, 1986, v. 17.

*Anexo*

*A*

## Terceira Sessão

---

Richard chegou na hora. Dirigiu-se ao mapa e expressou seu medo de que navios de guerra britânicos ficassem bloqueados no Mediterrâneo caso Gibraltar fosse tomado pelos alemães. Não poderiam passar pelo canal de Suez. Falou também dos soldados feridos, mostrando alguma ansiedade pelo destino deles. Perguntava-se como as tropas inglesas poderiam ser resgatadas da Grécia. O que Hitler poderia fazer com os gregos – será que iria escravizá-los? Olhando para o mapa, disse, com preocupação, que Portugal era um país muito pequeno comparado com a enorme Alemanha, e que seria dominado por Hitler. Mencionou a Noruega, sobre cuja atitude tinha dúvidas, embora no final das contas pudesse não se mostrar um tão mau aliado.

Mrs. K. interpretou que ele, inconscientemente, também se preocupava com o que poderia acontecer com Papai quando ele punha seu genital dentro da Mamãe. Talvez o Papai não conseguisse sair do interior da Mamãe e ali ficaria capturado, como os navios do Mediterrâneo. Isso também se aplicava às tropas que tinham que ser liberadas da Grécia. Referiu-se ao que havia dito na Primeira Sessão sobre uma pessoa ficar de cabeça para baixo e morrer porque todo o sangue descia. É o que ele pensava que ia acontecer com o Papai quando, à noite, ele pusesse seu genital dentro da Mamãe. Também tinha medo de que a Mamãe fosse machucada pelo Papai-vagabundo. Assim, sentia-se ansioso em relação a *ambos* os pais e culpado por causa de seus desejos agressivos dirigidos contra eles. O cachorro Bobby representava ele mesmo querendo tomar o lugar do pai junto à Mamãe (a poltrona simbolizando a cama), e todas as vezes que sentia ciúmes e raiva ele odiava e atacava o Papai em seus pensamentos (Nota 1). Isso fazia com que se sentisse também arrependido e culpado [Situação edipiana].

Richard sorriu, concordando com o que Mrs. K. disse quanto ao cachorro representar ele próprio, mas discordou enfaticamente com a outra parte da interpretação, porque ele *nunca faria* tal coisa.

Mrs. K. explicou que o sentimento de que não levaria a cabo de verdade tal ataque era de grande alívio para ele, mas salientou que ele poderia ter sentido que os desejos hostis podem ser tão poderosos que, se ele desejasse que o pai morresse, ele realmente morreria [Onipotência do pensamento]. (Richard pareceu concordar com esse ponto). Mrs. K. também relacionou a ansiedade de Richard acerca dos aliados da Inglaterra

com seu irmão, que ele sentia como não sendo um aliado contra os pais unidos e hostis (no material, a Alemanha e Hitler).

Richard disse que era possível que os pais ficassem zangados com ele quando estava de mau humor e os preocupava, e que um bom aliado seria de grande ajuda. Expressou sua grande admiração por Churchill, que poderia ajudar a Inglaterra a sair disso, e falou longamente sobre esse ponto.

Mrs. K. interpretou que Churchill e a Inglaterra representavam um outro aspecto dos pais: o Papai bom que protegia a Mamãe, os pais maravilhosos, mais admirados do que os pais reais (Richard concordou com isso), enquanto a Alemanha e Hitler representavam os pais maus quando estavam zangados com ele [Cisão de ambos os pais em bons e maus, e projeção].

Richard pareceu profundamente interessado nessa interpretação. Permaneceu em silêncio, claramente pensando nela. Era admirável sua satisfação com esse novo *insight*. Comentou, depois, sobre a dificuldade de ter tantos tipos diferentes de pais na mente.

Mrs. K. assinalou que o que era difícil era a contradição em seus sentimentos – mais do que difícil, doloroso. Amava seus pais, mas sentia que os feria com seu ódio e desejos hostis, depois sentia-se culpado pelas ofensas que pensava ter dirigido a eles. Relacionou isso com o material referente ao acidente da mãe quando tinha dois anos de idade. Ele poderia ter sentido, naquela época, que o carro, simbolizando o pai-vagabundo mau, machucou a Mamãe, porque ele, Richard, tinha ficado com raiva dela e tinha desejado o acidente.

Richard disse que gostava de sair para passear com Bobby. Certa vez, no fim do dia, ficou fora com ele até às dez horas, visitando várias pessoas, e falou de uma senhora em particular. Bobby gostaria de ter mulher e filhos, mas a Mamãe não queria dois cachorros em casa.

Mrs. K. interpretou que Bobby representava ele próprio: era ele que queria ser independente, ter mulher e filhos, aí não se sentiria frustrado e não sentiria ódio e culpa.

Richard falou, então, sobre o dia mais feliz daquele ano. Tinham saído na neve com seus trenós. Alguns amigos, que estavam com eles, deslizaram tão mal com seus trenós que um homem cortou o nariz e a mulher caiu por cima dele. Ele, Richard, também tinha caído do trenó, mas não tinha se machucado, tudo foi divertido.

Mrs. K. sugeriu que o casal que sofreu o acidente representava seus pais. Ela tinha acabado de interpretar para ele seus impulsos hostis dirigidos a eles, particularmente

em relação ao ato sexual deles (Nota II). O incidente que mencionou pareceu em sua mente porque representava o ato sexual dos pais. Conseqüentemente, sentiu-se culpado pelo incidente, mas este, afinal de contas, não foi grave. O fato de o homem ter cortado o nariz, e Richard ter se divertido com isso, significava que o Pai tinha machucado seu genital e que Richard tinha desejado que isso ocorresse. Mas nada foi grave, por isso Richard se divertiu e foi um dia feliz.

Richard disse: “Descobri que não existe felicidade sem tragédia”, e prosseguiu falando sobre um outro dia feliz há dois anos, quando foi para Londres com os pais. Visitaram o zoológico; lá alimentaram os macacos através das grades. Tinha um mandril que parecia ser “tremendamente detestável”. Um macaquinho pulou em Richard, arrancou seu boné, e tentou pegar as nozes que ele tinha na mão. Que macaquinho mais guloso! – ele já estava alimentando os macacos!

Mrs. K. assinalou que o macaquinho guloso representava ele mesmo como um bebê voraz, mas quando Richard estava alimentando os macacos ele representava Papai e Mamãe alimentando seus filhos. O bebê (o macaco e Richard) era guloso, ingrato, arrancava o genital do pai (o boné de Richard). Por isso pai mandril parecia detestável e perigoso [Projeção de impulsos agressivos no objeto] (Nota III).

Richard (parecendo preocupado) perguntou onde estava o relógio de Mrs. K., que ela geralmente guardava na bolsa<sup>19</sup>. Disse que era um relógio bonito, e que gostava de olhar para ele.

Mrs. K. tirou o relógio da bolsa. Assinalou que ele se sentia preocupado e sugeriu que seu motivo para querer ver o relógio era que ele desejava ir embora.

Richard disse que não, não queria ir embora era ter certeza de que sairia na hora, porque ia passear com Mamãe. Também gostava da aparência do relógio.

Mrs. K. interpretou que ele estava ansioso por ver que a Mamãe estava bem, que seus ataques vorazes não a tinham ferido, e que ela continuava a amá-lo. Olhar o relógio (era um relógio de fechar, próprio para viagens) era como olhar dentro de Mrs. K.: temia tê-la atacado como o macaquinho o atacara, e que agora ela estivesse ferida ou zangada com ele. Mrs. K. perguntou se o incidente com o macaco tinha sido a tragédia num dia feliz.

Richard respondeu que não, aquele incidente tinha sido muito divertido. Não aconteceu nada grave. Mas, mais tarde, caiu uma tempestade, ele pegou uma gripe e ficou com dor de ouvido. ... Olhou o mapa e expressou suas preocupações acerca da situação de

<sup>19</sup> Eu tinha utilizado esse relógio na Primeira Sessão, porque meu relógio de pulso tinha parado.

guerra. Queria que Mrs. K. olhasse junto com ele, comparando o tamanho da Alemanha e da França. Disse que odiava Darlan, que ajudou os alemães e era um traidor.

Mrs. K. interpretou que ele se sentia um traidor quando era guloso, agressivo e ingrato. Portanto, a verdadeira “tragédia” tinha sido o incidente com o macaco – embora também tenha sido divertido – porque o macaquinho guloso representava ele mesmo.

Richard novamente mostrou sinais de ansiedade. Manteve os olhos no relógio e, assim que terminou o horário, levantou-se imediatamente. Seu comportamento com Mrs. K., no entanto, permaneceu amigável. Disse que gostava de ficar os cinquenta minutos, mas que depois queria encontrar a Mamãe. Era bastante óbvio que sua resistência tinha aumentado e que muito ansioso para ir embora, mas ao mesmo tempo queria manter-se amigável com Mrs. K.

#### Notas referentes à Terceira Sessão

I. Como a continuação da análise irá mostrar, os ataques fantasiados de Richard ao pai dirigiam-se a ele como objeto externo e interno. Entretanto, nesse estágio, restringi minha interpretação aos pensamentos acerca da relação com o objeto externo. Não interpreto em termos de objetos e relacionamentos internos até que tenha material explícito mostrando fantasias de internalização do objeto em termos concretos e físicos.

II. É característico que Richard permitiu-se expressar seu divertimento com o acidente do casal. Isso não só se deu porque o acidente não foi grave, mas também porque as pessoas envolvidas não eram os seus pais.

III. Há um outro aspecto da tentativa de projeção expressa neste material. Pela projeção de seus impulsos destrutivos no macaco, Richard também tentava excindir uma parte dele próprio, de modo a manter os sentimentos bons separados com toda a segurança dos hostis. Isso também apareceu quando Richard, depois da minha interpretação, quis olhar meu relógio, elogiando-o e dizendo que gostava dele. Dessa maneira estava tentando preservar a relação boa com a analista, que representava a mãe. Acrescentaria que a “tragédia” à qual Richard se referiu, e que tentou explicar com a gripe que pegou naquele dia, era o perigo, caso não tivesse projetado sua projeção, de sentir que ferira os pais, tornando-se portanto vítima da depressão e da culpa.